

Universidade Federal de Santa Catarina  
Curso de Pós-Graduação em Letras/Lingüística

Uma tipologia do discurso de humor  
(O POLÍTICO DO HUMOR E O HUMOR POLÍTICO)

Dissertação submetida ao Curso de Pós-Graduação  
em Letras/Lingüística da Universidade Federal de  
Santa Catarina como parte dos requisitos para obten-  
ção do grau de mestre em Letras/Lingüística.

Ivane Laurete Perotti

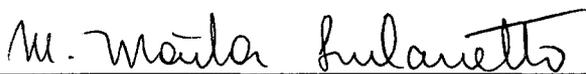
Florianópolis, julho de 1995.

**Uma Tipologia do discurso de humor  
(O POLÍTICO DO HUMOR E O HUMOR POLÍTICO)**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Letras/Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

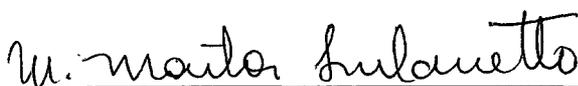


Coordenador: Prof. Dr. Carlos Miotto (UFSC)



Orientador: Profa. Dra. Maria Marta Furlanetto (UFSC)

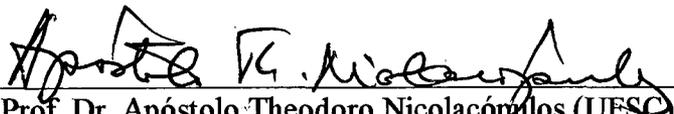
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Maria Marta Furlanetto (UFSC)



Profa. Dra. Odília Carreirão Ortiga (UFSC)



Prof. Dr. Apóstolo Theodoro Nicolacópulos (UFSC)

Suplente:



Profa. Bernardete Bias Rodrigues (UFSC)

## *Agradecimentos*

À Força Divina pela oportunidade de experienciar um exercício de vida junto

– a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Marta Furlanetto, que fez mais do que orientar este trabalho, permitindo-me dividir angústias e dúvidas num tempo em que as distâncias foram encurtadas pelo seu carinho e dedicação;

– a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Odília Carreirão Ortiga, pela incontestada bondade, doçura e simpatia no trabalho desprendido de co-orientar esta dissertação;

– ao Prof<sup>º</sup>. Dr. Apóstolo Theodoro Nicolacópulos, que fez dos cursos ministrados uma ode à ciência e à amizade, deixando em mim, para todo o sempre, a lembrança de sua bondade, afeto e bom humor;

– aos demais professores do Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, nas pessoas dos professores Dr<sup>ª</sup>. Leonor Scliar-Cabral, Dr. Paulino Vandresen, Dr. Giles Istre, Dr. Jean-Pierre Angenot, Dr<sup>ª</sup>. Alexandra Aikhenvald, que além da competência fizeram por registrar um modelo de apoio e incentivo a minha formação lingüística;

– a todos os colegas do curso e em especial à Secretária do curso de Pós-Graduação em Lingüística, Suzana Aparecida Dias de Oliveira da Rocha, que com sua disponibilidade e atenção carinhosa, amainou e compreendeu sempre a todos os reveses da caminhada.

Ao Carlos, meu companheiro,  
pelo apoio, paciência e dedicação  
amorosa nas horas em que as dificuldades pareciam insuperáveis;

À Deniele, minha filha, pela compreensão frente às incontáveis horas em que estive ausente;

Aos meus pais e meus irmãos,  
pelo impossível que sempre fizeram  
para apoiar esta caminhada;

Ao sr., Abílio (meu pai por empréstimo), com quem divido este trabalho, pelos tantos recortes que compilou num extremo exemplo de carinho e bom humor.

Ao Ambrósio Girardi, pela luz do entendimento sobre uma outra face do riso (não discutida neste trabalho) e pelo exercício do riso da alegria, caminho indiscutível em direção a DEUS.

À Karine, pelo primeiro estímulo à "descoberta" e estudo do humor.

## *Sumário*

Resumo .....	VI
Abstract .....	VII
Introdução .....	08
<b>Unidade I - DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b>	
<b>Capítulo I - Nos passos da análise do discurso (uma caminhada para chegar ao discurso de humor) .....</b>	<b>10</b>
1. Um pouco de história .....	10
2. Primeiras questões .....	11
3. Sobre o objeto da análise do discurso .....	12
4. A AD e a Linguística .....	13
5. Concepções advindas da pragmática .....	14
6. Algumas observações sobre os gêneros do discurso .....	15
<b>Capítulo II - O risível e o riso: os múltiplos caminhos do humor .....</b>	<b>17</b>
1. Algumas considerações preliminares .....	17
2. Pode o homem rir do que está fora de seu domínio? .....	19
2.1. A comicidade de palavras segundo Bergson .....	21
3. As diferentes faces do riso .....	22
<b>Capítulo III - Discurso de humor: Um jogo constituído .....</b>	<b>27</b>
1. Pensando o discurso .....	27
2. Pensando a metáfora .....	28
2.1 O caráter pictórico da metáfora .....	30
3. O jogo dos sentidos .....	34
4. Alguns pressupostos indicadores do prazer no jogo discursivo .....	37
5. Rir: um efeito de sentidos? .....	39
<b>Unidade II - DAS PROPOSTAS DE LEITURA E DA LEITURA DO HUMOR POLÍTICO</b>	
<b>Capítulo IV - Uma proposta de leitura dos discursos/textos de humor .....</b>	<b>41</b>
1. Conceitos tipológicos .....	41
2. Sobre a metodologia adotada .....	42

2.1 Discurso e/ou texto .....	44
3. O percurso da análise .....	44
3.1 O caráter formal .....	44
3.2. A questão da produção/interpretação .....	46
3.2.1 Os níveis de interpretação .....	47
3.3 A questão do texto com e sem enunciado .....	47
4. A classificação .....	48
4.1 A classificação por tema/processo .....	48
4.1.1 Humor racista .....	48
4.1.2 Humor sexista .....	48
4.1.3 Humor ecológico .....	48
4.1.4 Humor futebolístico .....	49
4.1.5 Humor contraideológico .....	49
4.1.6 Humor sociológico .....	49
4.1.7 Humor sócio-político .....	49
4.1.8 Humor político .....	49
4.1.9 Humor sociolingüístico .....	49
4.1.10 Humor epilingüístico ou metalingüístico em sentido amplo .....	49
4.2 A classificação por níveis .....	50
4.2.1 Lexical .....	50
4.2.2 Semântico .....	50
4.2.3 Morfológico .....	50
4.2.4 Fonético - Fonológico .....	50
4.2.5 Sintático (sintático - semântico) .....	50
4.2.6 Pictórico .....	50
<b>Capítulo V - Proposta de leitura dos textos humorísticos .....</b>	<b>54</b>
1. Uma tipologia do discurso de humor .....	54
1.1. Humor racista .....	54
1.2 Humor sexista .....	57
1.3 Humor ecológico .....	60
1.4 Humor futebolístico .....	63
1.5 Humor contraideológico .....	67
1.6 Humor sociológico .....	69
1.7 Humor sócio-político .....	72
1.8 Humor Sociolingüístico .....	75
1.9 Humor Epilingüístico ou Metalingüístico em sentido amplo .....	77
1.10 Humor Político .....	80
<b>Capítulo VI - Uma caracterização do humor político .....</b>	<b>81</b>
1. Tema político no humor .....	83
2. Função política do humor .....	92
Conclusão .....	102
Bibliografia .....	104

## *Resumo*

Esta dissertação apresenta uma proposta de leitura de textos humorísticos: piadas (ou chistes), cartuns, charges, tiras, quadrinhos e crônicas, sob a ótica da Análise do Discurso, recortando "tipos" de humor e propondo uma leitura das características do humor político.

Tematiza no primeiro capítulo algumas questões basilares da Análise do Discurso que estruturam teoricamente o presente trabalho, expondo a seguir reflexões sobre o riso e o risível – capítulo II – e os diferentes processos possivelmente causadores do riso – capítulo III.

Discute ainda a possibilidade de constituição dos textos de humor numa perspectiva de jogo (com regras mais ou menos reconhecíveis) e de "colagem" de "scripts" (superposição de textos) numa operação que mobiliza diversos níveis lingüísticos – fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico – com destaque ao papel da metáfora.

Finalmente, esta dissertação propõe uma caracterização do humor político, enquanto recorte de uma leitura.

## ***Abstract***

This dissertation suggests a reading proposal of humorous texts: jokes, cartoons, "charges", shreds, pictures and chronicles, under a view of "Discourse Analysis", clipping "kinds" of humour and proposing a reading of the characteristics of the political humour.

It shows in the first chapter some basic questions of Discourse Analysis which structure theoretically this work, exposing later on reflections about the laugh and the laughing – chapter two – and the different processes possibly the laugh causes – chapter three.

It also discusses the possibility of the humour texts constitution in a perspective of game (with rules more or less recognizable) and the gluing of "scripts" (superposition of texts) in an action that mobilizes various linguistic levels – phonetic, phonologic, morphologic, syntactic, semantic – with emphasis for the metaphor.

Finally, this dissertation proposes a characterization of the political humour, while a cutting of a reading.

## *Introdução*

Pensar o humor em uma perspectiva lingüística é promover "um" recorte sobre o objeto em foco. O termo humor vem do latim "humore", significando "líquido" – os antigos valiam-se dele para designar as substâncias líquidas em circulação pelo corpo: as "seivas" da vida. Não seria impossível estabelecer relações figurativas entre o significado antigo e o leque polissêmico que o termo abarca hoje. Contudo, a ótica lingüística imprime outro ritmo a qualquer trabalho que objetive detectar as manifestações humorísticas na e pela linguagem. Tal é o intento que revelar-se-á no decorrer deste trabalho, estruturado fundamentalmente nas linhas teóricas da escola francesa de Análise do Discurso. Sendo que, não se manterá uma discussão filosófica sobre as distinções conceituais entre o cômico e o humor, mesmo diante da inquietude que esta decisão provoca, tendo-se em vista uma certa tendência da modernidade em privilegiar a tematização e o uso do último em detrimento do primeiro. Isso implica dizer que o termo "humor" será empregado com a intenção de manifestar a cristalização semântica que o próprio termo apresenta hoje, abarcando o significado amplo de comicidade, ou seja, o delineamento vai desde algumas reflexões sobre o riso e o risível, à leitura de textos humorísticos para detectar as "operações" realizadas pelos sujeitos enunciativos e os modos de percepção possíveis. Dada a abrangência das interrogações que percorrem toda a leitura dos textos coletados, faz-se necessário afirmar que muitas delas permanecerão.

A reflexão sobre os fundamentos do discurso e a formação de sentidos apoia-se nos já consagrados discursos de Pêcheux, Maingueneau, Orlandi, Possenti, entre outros. E, se o que diz este último:

"Está (...) fora dos propósitos dos lingüistas desvendar o discurso como máquina de produção do prazer (no máximo, consideram-na como máquina de produção de sentido)."

(Possenti, 1988:41)

estabelece limites para o "olhar" que se lança sobre as "formas" de humor: chistes (ou piadas), charges, cartuns, tiras, quadrinhos, crônicas que compõem o corpus desta dissertação, instiga igualmente a que se levante algumas cogitações – por mais empíricas que possam parecer, elas dão respaldo ao desenrolar da leitura principal: reconhecer o (s) "gatilho (s)" que "detoñam" o riso e as características que distinguem um texto de humor de outro texto de humor, especificamente o que se chamará: humor político.

Desta forma objetiva-se a:

- a) estruturar a reflexão sobre o discurso/texto de humor fundamentalmente através da AD;
- b) levantar reflexões sobre o risível enquanto produto da natureza humana inserido num

"environment" coletivo;

c) propor "uma" leitura dos textos considerados humorísticos devidamente compilados a partir de uma metodologia específica;

d) expor à análise a leitura já em função de um recorte de tipos de humor, para finalmente caracterizar o humor pensado político;

e) pensar o discurso/texto a partir de regras mais ou menos identificáveis – numa operação de jogo – que gera "trabalho" e mobiliza um conhecimento enciclopédico determinado – presumido – numa rede de associações e "colagem" de "scripts" (superposição e/ou atravessamento de discursos e/ou textos) que acionam o processo de formação de sentidos. Sentidos estes que perambulam não só através de palavras, mas que igualmente inscrevem leituras a partir de um dos recursos que sustenta diversas teorias sobre a linguagem e a cognição: a metáfora.<sup>1</sup> Discutida desde Aristóteles, ela sustenta neste trabalho outra reflexão: a da economia da despesa psíquica, levantada por Freud (1977) como possibilidade de explicação para o riso (e o prazer) frente a uma construção piadística (chistosa).

As leituras serão desenvolvidas por um número exemplificativo de textos, numa média de 5 (cinco) por tipo de humor, em detrimento de um corpus que compilou um total de 1.080 (hum mil e oitenta) textos humorísticos. Tais textos não serão anexados por questões de economia.

*1. O termo metáfora é largamente explorado no decorrer do trabalho com a função "guarda-chuva" abarcando o sentido de figura, também discutida por Aristóteles.*

## CAPÍTULO I

### NOS PASSOS DA ANÁLISE DO DISCURSO (Uma caminhada para chegar ao discurso de humor)

#### *1. Um pouco de História.*

A análise do discurso ocupou um largo campo do estudo do texto que, até sua inscrição como ciência lingüística, era ocupado pela Filologia. A base de toda análise, preconizada principalmente pelos franceses, apresentava-se com o intuito de interpretar o texto com exatidão. Essa prática favoreceu o espaço da análise do discurso junto às escolas francesas, onde, até hoje, o ensino confere status preponderante à Literatura. Assegurada pelo exercício escolar, a nova ciência do texto não tardou em conquistar autoridade para apontar e garantir uma análise voltada à exposição da capacidade textual, da "significação oculta". Contudo, distancia-se dos propósitos da Filologia, não investindo no domínio de "uma interpretação", de "um sentido", mas visualizando o texto enquanto discurso, como uma unidade inacabada.

O estudo do discurso, dentro de um espaço próprio – por mais difícil que seja especificar seu contorno sem ferir critérios estritamente lingüísticos – assumiu proporções de ciência por volta de 1970. Até então, pesquisadores como Pike (1967) haviam restringido o estudo lingüístico do discurso à descrição de línguas indígenas, conferindo-lhe o espaço limitado de escolas como a tagmêmica, sem projeção no contexto das ciências. Contudo, é o enfoque dado ao paradigma funcional nos trabalhos da tagmêmica que impulsiona a lingüística americana a desenvolver uma análise gramatical atrelada ao texto. O entendimento de que os estudos lingüísticos não deveriam restringir-se tão-somente à análise gramatical de sistemas lingüísticos abstratos, ideais, mas sim, que esses estudos deveriam objetivar o uso concreto da língua, deu-se igualmente por volta de 1970. A delimitação do uso da língua como objeto empírico das teorias lingüísticas promoveu um interesse generalizado e inter-relacionado entre ciências como a

Sociolingüística, a Antropologia e a Etnografia, ambiente em que estudos sobre a fala espontânea proliferaram, assumindo prontamente o rótulo de análise do discurso.

Atualmente, o estudo da linguagem congrega regras basilares de interdisciplinaridade que obedecem virtualmente mais ao contexto histórico de formação, do que propriamente a critérios de especificidade e autonomia.

Esse panorama favorece que, hoje, precisamente, desenvolvam-se trabalhos comuns à Psicologia e à Lingüística, ou, à Etnografia e à Psicologia, por exemplo, apesar da hesitação desta última, num passado próximo, em aceitar a importância do estudo, da análise e compreensão do discurso, principalmente nas teorias cognitivas.

## *2. Primeiras questões.*

É, igualmente, o contexto histórico que, de certa forma, explica a demarcação do campo da Lingüística hoje: impreciso, para muitos, dual para outros. Confrontam-se ainda os que sofrem com as fronteiras pouco pautadas em rigidez científica e os que defendem áreas de intersecção em toda ciência humana. Nestas condições, a análise do discurso passou a ser empregada para denominar inúmeros processos, tendo em vista a ampla abrangência do próprio termo "discurso" (por discurso pode-se entender toda linguagem produzida).

É importante observar que a dualidade do campo lingüístico da análise do discurso não reflete apenas os fatores de interdisciplinaridade discutidos acima, mas também a própria dualidade da linguagem: a um só tempo formal e profundamente constituída subjetiva e socialmente. Idealizar uma abordagem, crendo ser possível "purificar" o objeto lingüístico, seria condenar a análise do discurso ao ostracismo. E, reconhecendo a diversidade de "discursos" dentro de cada disciplina, pode-se facultar a especificidade das abordagens, nada obstando a que uma conceituação teórica, dentro de "uma análise do discurso", tome emprestado, por exemplo, fundamentos da Psicologia, da Psicanálise, da Filosofia, da Lógica, etc. Análises dessa natureza, caracterizadas por diferentes configurações, mantêm uma relação intrínseca com a Lingüística, revelando a diversidade de escolas que convivem no universo científico.

Contudo, deve-se observar que, porquanto a história da expansão do campo de denominação da análise do discurso não tenha desagradado, num primeiro momento, a escola francesa, não significa dizer que, hoje, a mesma escola não tenha a preocupação de estabelecer critérios precisos de delimitação. Isto mesmo em proteção à especificidade da disciplina.

### 3. Sobre o objeto da análise do discurso.

Mesmo em se constatando as diversas formas de "análise do discurso", não cabe congregá-las indiscriminadamente ao campo objetual da escola francesa de análise do discurso. Qualquer conversa – por mais passível de análise que seja – não se constituirá em objeto de análise, por tão-somente configurar um registro de linguagem.

Interessa à AD (abreviatura já convencionalizada para o termo "Escola Francesa de Análise do Discurso", que passa a ser adotada por este trabalho) a observação de "formações discursivas", definidas por Michael Foucault como sendo

"...Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa."  
(Apud Maingueneau, 1989:14)

Assim, não é propriamente o sujeito e sua produção que estão em foco na AD, mas a posição sócio-histórica que ocupam intermitentemente e o processo de enunciação ao qual se inscrevem e, basicamente, constituem.

Deve-se ressaltar, entretanto que, enquanto a "escola francesa de análise do discurso" caracteriza-se por levantar seu corpus entre textos produzidos, segundo Maingueneau (1989:13):

- No quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação;
- Nos quais se cristalizam conflitos históricos, sociais, etc;
- Que delimitam um espaço próprio no exterior de um interdiscurso limitado".

A "escola de análise do discurso norte-americana" destaca-se por privilegiar o discurso oral, as conversações cotidianas, com propósitos especificamente descritivos, advindos da Antropologia. Interessa à AD norte-americana, a partir da aplicação de um método interacionista (fundamentado na Psicologia e na Sociologia), analisar os propósitos conversacionais da fala comum, divergindo claramente da AD francesa.

Esta última, sob cujos parâmetros este trabalho pretende debruçar-se, recorre formal (discurso narrativo, dissertativo, didático, etc.) ou funcionalmente (discurso jurídico, político, religioso, etc.) a tipologias delimitadas, com o fim único de equacionar o trabalho de análise, frente ao domínio ilimitado de seu campo. Mas não só, posto ser prática reconhecida da escola o estudo

em paradigma das diversas formações discursivas que se qualificam em corpus. O entrelaçamento dos discursos, segundo Maingueneau, é inevitável e, da mesma forma, então, o estudo destas condições basilarmente dispostas.

#### **4. A AD e a Lingüística.**

"...o que distingue a AD de outras práticas de análise de textos é a utilização da Lingüística."  
(Marandin, 1979, Apud Maingueneau, 1989:17)

#### **Qual é a forma de relação da AD com a Lingüística?**

Visto que o discurso possui sua própria ordem, é necessário que o aparato lingüístico empregado para sua análise esteja em concordância com este princípio. De nada vale lançar mão de toda a fundamentação lingüística disponível a título apenas de conferir status científico ao estudo do texto. Tal procedimento incorrerá somente na demarcação ilusória de fronteiras lingüísticas, num campo atravessado por questões ideológicas e sociais que se organizam longe da materialidade lógica das línguas naturais.

Courtine (1981) diz que todo analista de discurso "... precisa ser lingüista e deixar de sê-lo ao mesmo tempo.", evidenciando a situação de instabilidade que se instaura na relação da AD com a Lingüística, de quem a primeira se vale sem inscrever-se em suas ramificações. Nem poderia fazê-lo, pois suas operações situam-se em níveis diferentes. Porém, isso não significa dizer que ao estudioso da AD não seja necessário dominar conhecimentos de ordem lingüística para a compreensão de um corpus que se presta para uma ou outra disciplina de acordo com o "olhar" que se lança sobre ele. Daí não ser importante hoje, deseja-se crer, discutir sobre questões que determinem a posição mais ou menos marginal da AD no "environment" da Lingüística. Basta que se tenha presente a necessidade de reconhecer produtiva a relação desarmoniosa entre as duas ciências a partir da condição imperiosa imposta pela natureza das hipóteses – considerando-se com justeza que o caráter fundante de qualquer hipótese prime pelo rigor científico – que mobilizam o analista do discurso. Mesmo porque todos os fenômenos lingüísticos são, em primeiro plano, passíveis de observação e estudo pela AD.

Como estabelecer previamente métodos de análise, com o fim de assegurar a cientificidade dos princípios emprestados da Lingüística? Segundo Maingueneau, tal procedimento torna-se impossível frente à especificidade de problemas levantados pelos corpus. A AD não trabalha com objetos delineados materialmente como faz a fonética, a sintaxe, a pragmática,

etc., o que não a impede de utilizar seus fundamentos, mas a impossibilita, isto sim, de operar com os mesmos instrumentos de análise. O que se dá, então, é a exploração de conceitos lingüísticos pertinentes a cada situação que a AD recorta através de critérios – estes sim – já estabelecidos.

### *5. Concepções advindas da pragmática.*

A pragmática considera a linguagem como uma forma de ação, e inscreve cada ato de fala numa instituição indissociável do próprio ato que a pressupõe. Cada ato de fala, por sua vez, mobiliza convenções que regulamentam as relações e legitimam os "lugares" dos sujeitos na enunciação, tal qual se observa no espaço do Direito, através do discurso jurídico. Tomando emprestado práticas observáveis neste último, a pragmática registra um certo "reconhecimento" de competência entre os sujeitos que se comunicam, em função das práticas sociais que se lhes atribuem. Certos autores referem-se a este processo através da noção de "contrato", onde o ato de fala identifica-se pela proposição que o EU apresenta para o TU e de quem espera, por sua vez, uma manifestação de "cumplicidade".

No ato de comunicação, os interlocutores valem-se da possibilidade que a língua oferece de "constituir papéis" para remeter um ao outro, a "imagem" que escolheram compor, da mesma forma que se agiliza a troca de papéis no teatro, onde a pragmática foi recortar seus modelos. A "cena" – enunciação – passa a ser vista com valor constitutivo, pois determina a inscrição do enunciador no espaço da interlocução em virtude do modo como este se apresenta.

A noção de jogo, igualmente adotada pela pragmática para inscrever a linguagem em espaços institucionais, descreve a existência de regras intencionalmente acionadas pelos interlocutores, no ato de fala, constituidoras da própria enunciação e indicadoras das instituições capazes de atribuir-lhes sentido. O comportamento dos participantes dá conta, através dessas regras, da organização das estratégias interlocutivas que caracterizam a enunciação como um espaço de "interação", e não apenas de comunicação, posto EU e TU assumirem um "lugar", do qual falam, pressupondo cada qual por seu turno que o lugar seja reconhecido e confirmado.

Cabe ressaltar, entretanto que, se a pragmática aponta o caráter institucional da linguagem, isto não significa que a discursividade se dá de forma menos interativa e nem mesmo que os "lugares" e "cenas" constituídos através dela apresentem-se autônomos. O discurso e a "realidade" não são exteriores um ao outro como já se pensou. Daí ser necessário admitir que "A 'encenação' não é uma máscara do 'real', mas uma de suas formas, estando este real investido pelo discurso." (Maingueneau, 1989:34).

## 6. *Algumas observações sobre os gêneros do discurso.*

Falar em gênero ou "tipo" de discurso é, se não difícil, no mínimo delicado. Além de constituir-se numa unidade cujas fronteiras não podem ser traçadas com precisão, o discurso apresenta certas especificidades que impedem uma classificação determinada.

Deve-se levar em conta que, a cada vez que se "recorta" uma seqüência discursiva, faz-se-o em função de um número significativo de coerções comuns, até porque, um mesmo texto pode apresentar intersectivamente vários gêneros. Ainda, há de se observar que os gêneros mudam segundo os lugares e as épocas, tornando impossível qualquer definição.

Para a pragmática, o importante é reorientar a definição para uma concepção institucional, sem secundarizar o aspecto formal, mas articulando-o ao próprio processo enunciator.

Segundo Maingueneau (1989:36), um gênero de discurso implica condições de diferentes ordens:

"- Comunicacional: (...) A cada gênero associam-se momentos e lugares de enunciação específicos e um ritual apropriado. O gênero, como toda instituição, constrói o tempo – espaço de sua legitimação. Estas não são 'circunstanciais' exteriores, mas os pressupostos que o tornam possível;

- Estatutário: que estatuto o enunciator genérico deve assumir e qual estatuto deve conferir a seu co-enunciator para tornar-se sujeito de seu discurso? (...)"

O exercício de um discurso pressupõe um lugar de enunciação e a legitimidade de quem o emite, de modo a ser esta – a legitimidade – não pré-enunciada, mas sim, configurada pelo e no próprio lugar ocupado pelo enunciator.

Ainda para Maingueneau (1989:38):

"O importante é não se limitar à constatação de que existe este ou aquele gênero, mas estabelecer a hipótese segundo a qual recorrer, preferentemente, a estes gêneros e não a outros é tão constitutivo da forma discursiva quanto o conteúdo."

É a partir dessa concepção que este trabalho se articula. Longe de almejar estabelecer "uma" tipologia de textos de humor – eis que o primeiro recorte já se faz na inscrição do próprio recorte – ousará tão-somente valer-se da AD para lançar um olhar curioso sobre as formações

discursivas que se modelam numa especificidade igualmente indefinida: o humor e o humor pensado político.

Contudo, antes que os primeiros vislumbres sejam apontados, faz-se necessário encaminhar algumas questões preliminares. Como explicar, definir e inscrever num mesmo contexto considerações que, à primeira vista, parecem ser tão discordantes?

Espera-se, a partir das primeiras reflexões, traçar um caminho pela AD buscando dar conta da seriedade que comporta tal empreendimento.

## CAPÍTULO II

### O RÍSEL E O RISO: OS MÚLTIPLOS CAMINHOS DO HUMOR

#### *1. Algumas considerações preliminares*

Amor e humor, figuram na literatura mundial entre os temas inesgotáveis que motivaram ao homem inquietantes reflexões. Se o primeiro é fonte de concepções contraditórias, o segundo não fica a dever imprecisão.

Acerca do humor, sabe-se que trazer à luz a sua essência, encontrar as suas causas, foi tarefa especulativa de Aristóteles a Propp, passando por Bergson e Freud, entre outros pensadores. Ora, esquivando-se ora desnudando-se, mantém-se até hoje o universo do risível para a Filosofia, a Psicanálise e a Linguística, incluindo-se outras ciências. No despir dos véus, refugia-se atrás do último que lhe permite, sobretudo uma aura de inatingibilidade. Esta, transposta para o espaço das interrogações, seduz e obceca. Quantos espíritos ter-se-ão debatido na ânsia de retirar o último véu? De apreciar, sem mistérios, a natureza factível do risível?

Mas, o que é o risível? E, o que é o riso? Como responder questões de natureza distinta? Serão distintas?

Por razões de ordem processual, faz-se necessário iniciar com algumas considerações sobre o risível, ou o que Aristóteles denominou "comicidade" ao buscar uma definição para o cômico. Para os antigos gregos, a tragédia tinha um significado prioritário, o que levou o grande

filósofo a tomá-la essencialmente como oposta à comédia. E advém dessa comparação algumas afirmações basilares: enquanto a comédia é a forma, o cômico é a postura subjetiva de quem produz ou percebe a comicidade. A tragédia estava fundamentada no sublime, no belo, enquanto o cômico era considerado algo baixo, cotidiano, contrário ao sublime. De acordo com Aristóteles, a comédia seria

"(...) imitação de maus costumes, não contudo de toda sorte de vícios, mas só daquela parte do ignominioso que é o ridículo"  
(Aristóteles, cap. V. p. 246)

Mesmo sem estabelecer uma definição para o que vem a ser o "ridículo", interessa observar o caráter genérico da definição dada por Aristóteles, bem como a alusão ao que é vulgar como causa da comicidade. Mas, a imitação de vícios é tão-somente uma das possibilidades de manifestação cômica. Em consonância, por maus costumes deve-se entender à época, toda espécie de desvio ao que era posto como elevado. O desvio ou a ruptura, a quebra do pré-estabelecido ou do esperado é um dos aspectos que parece interligar mais estreitamente a teoria aristotélica às teorias de Bergson, e de modo mais diluído, as de Freud e Propp (é claro!, sem esquecer outros teóricos que dedicaram atenção ao assunto). Tal não ocorre acidentalmente, mas traça uma linha temporal clara sobre a formação de idéias e concepções o que determina se chame a atenção para o fato de que este trabalho não assumirá definir parâmetros conceituais, em função do emprego de termos que encerram em si mesmos, se não imprecisões, no mínimo divergências lexicológicas. É o caso específico do termo "humor". Sedimentado pelo largo uso da sociedade moderna, não atende mais as noções de ordem psico-fisiológicas apenas e se quer acreditar que tenha ampliado seu campo semântico ao ponto de abarcar o sentido amplo do risível, do cômico e do satírico.

É com vistas a esta observação que se decidirá empregar o termo "humor", aceitando o que parece ser uma preferência da modernidade. O que tratamos hoje por humorístico, Aristóteles chamou comicidade, configurando os temas e os aspectos que caracterizavam o universo da comédia. Universo este que, desafiando o passar dos séculos, continua sendo encenado no palco da vida humana.

## 2. *Pode o homem rir do que está fora de seu domínio?*

Henri Bergson afirma que:

"... não há comicidade fora do que é propriamente humano".  
(1987:12)

Ou seja, o homem ri de si mesmo e das representações em torno de seu universo humano. O homem ri do homem. O homem faz rir. As "coisas" ou situações por si mesmas não são essencialmente risíveis, o ser humano, ao imprimir nelas suas características, é que as potencializa para tal.

Mas, segundo Bergson, o que é que caracteriza o risível?

Em primeiro plano, uma manifestação de "rigidez mecânica" (1987:15) – manifestação da pouca flexibilidade e vivacidade do ser humano em situações que favorecem a formação de hábitos e ritmos internos. É a noção do desvio, já mencionada por Aristóteles, a força propulsora para a produção ou percepção do cômico, ou seja, do risível. A rigidez indicaria uma diferença – uma excentricidade nas palavras de Bergson – e por consequência um distanciamento da coletividade. A partir desta concepção, o autor desenvolverá uma teoria do riso de caráter francamente social, na qual a repetição, a inversão, a interferência de séries e o quiproquó (na comicidade de situações e na comicidade de palavras) personificarão o jogo da vida calcado em mecanismos que expõem um "mundo às avessas".

Dentro desses parâmetros Bergson ainda faz referência ao humor como sendo o inverso da ironia e a ambos como forma da sátira (1987:68). Ressalta a natureza retórica da ironia em oposição ao caráter científico do humor.

"O humorista é (...) um moralista disfarçado em cientista, algo como um anatomista que só faça dissecação para nos desagradar e o humor, no sentido restrito que damos à palavra, é de fato uma transposição do moral em científico."  
(Bergson, 1987:68)

Independente da definição dada por Bergson para o humor, não se fará uma discussão acerca das implicações de sua fala na fundamentação deste trabalho, reassumindo-se a postura, mesmo que discutível, de não especificar sua natureza conceptual.

Freud, ao elaborar um estudo sobre os chistes em: "Os chistes e sua relação com o inconsciente", veicula um universo onírico para o risível, elencando técnicas de construção que atendem à economia da despesa psíquica. É claro ao dizer que

"Um chiste se faz, o cômico se constata (...)"  
(1987:207)

sem desligar-se da teoria social enfocada por Bergson acerca do riso. Para Freud, o cômico deriva das relações sociais humanas, sob aspectos que se aproximam da idéia de "rigidez mecânica", a automação, conforme a visão bergsoniana.

Já Vladimir Propp, teórico russo, propõe que se estabeleça uma relação direta entre os tipos de riso e os tipos de comicidade, privilegiando a observação do riso de zombaria, para ele, elemento básico da sátira. Risível, na sua proposta, é todo material ou situação ridícula que provoca derrisão, de acordo com uma participação humana tanto a nível de vontade – objetivo – como de percepção – papel da subjetividade. O "novo" na teoria proppiana é exatamente o enfoque dado a uma possível relação entre o tipo de riso e o objeto cômico em ação. Daí se entender porque o teórico russo não tenha se afastado muito do proposto por Aristóteles

Apesar de não precisar em que dimensão trabalha a questão do humor, Propp a discute através de outros autores e parece entendê-lo como

"... a capacidade de perceber e criar o cômico."  
(1992:152)

Uma vez mais as reflexões sobre o risível, o cômico e o humor mantêm-se no campo das hipóteses. Outros pensadores antes e depois de Aristóteles tencionaram desvendar a essência do riso e do cômico e fizeram por aprofundar diversas questões relacionadas a ele. Para buscar mais um, além dos já mencionados, encontra-se em Kant a idéia de que uma "expectativa frustrada" manifesta-se em riso. Não se trata, é claro, de qualquer expectativa, mas daquela que se relaciona com o processo da cognição em sentido amplo, a nível de conhecimento e reconhecimento do mundo. Há uma ruptura frente a algo que se aguarda como lógica e possível em função de pistas mais ou menos identificadas – pelo sentimento de inesperada surpresa, familiaridade, facilidade de compreensão e/ou benevolente contrariedade. O que equivale a dizer que o risível para Kant está naquilo que se esperou ser, mas não é. Há uma certa convergência entre Kant e Freud se se entender que também na "expectativa frustrada" há uma certa economia da despesa psíquica frente ao desvio (cf. Bergson), disforme (cf. Aristóteles) corroborado pelas "pistas", mas identificado apenas no instante em que o "insight" ocorre.

## 2.1. A comicidade de palavras segundo Bergson

De acordo com a teoria levantada por Bergson – e não é apenas ele a levantar tais considerações – deve-se "... distinguir entre o cômico que a linguagem exprime e o que ela cria" (1987:57). A própria linguagem pode tornar-se cômica na exploração do processo que manifesta seus próprios desvios. Ele prefere chamar de "risível" a palavra ou construção capaz de gerar o riso, sem estabelecer uma delimitação clara entre a que se classifica cômica ou tão-somente "espirituosa" – entendendo que qualquer especulação sobre esta última deve ser subordinada ao cômico de que emergirá "volatizado" (idem:60).

Nas frases feitas ou estereotipadas, segundo Bergson estaria o primeiro vislumbre de "automaticidade" ou "efeito de rigidez mecânica", cuja instrumentalização pode se dar por uma espécie de reinvestimento (Maingueneau) ou, como diz ele: pela inserção de uma idéia absurda num modelo consagrado de frase (1987:61). Freud, ao estudar os chistes, também estuda as construções sob o ponto de vista de que a língua oferece sua "plasticidade" à habilidade do homem espirituoso (humorista?). E o processo que observa Bergson nada mais é do que a descrição de um "modelo" para construção de discursos alusivos – remetem a outro discurso – na visão de Freud. O segundo ponto (técnica?) levantado (a) por Bergson:

"Obtém-se um efeito cômico quando se toma uma expressão no sentido próprio, enquanto era empregada no sentido figurativo".  
(1987:62)

igualmente remete ao que Freud chamou "alusão com duplo sentido", praticamente sessenta e três anos depois do estudo elaborado por Bergson. Aqui, as considerações acerca do papel da metáfora na construção de um texto tomam espaço num plano onde as "imagens" projetadas facilitam o processo interpretativo.

Nas "séries de palavras", Bergson afirma que a "repetição", a "inversão" e a "interferência" de e nas proposições cria o cômico pela mesma idéia de automatização que torna risíveis as situações humanas. Aponta como exemplo mais produtivo de "interferência" na linguagem os tradicionais "jogos de palavras" onde o desvio momentâneo (desleixo) faz o riso aflorar. Mas, para a visão bergsoniana, a "transposição" é a forma mais profunda de manifestação da comicidade através/na linguagem. Entram aqui os casos em que um discurso X é transposto para um contexto que não lhe é natural, tanto em função de dar-se "outra voz" (mudança de tonalidade, mudança de enunciador) ao dito, ou outro ambiente (cena enunciativa). O efeito deste processo estaria na capacidade instintiva do leitor/interlocutor de reconhecer o ambiente ou a expressão natural. A

esse processo Propp chamou "travestimento" (1992) e Maingueneau (1991) denominou "reinvestimento"<sup>1</sup>, considerando, ambos, a superposição de duas cenas que remetem a uma terceira, resultado da interpretação feita.

Bergson entende que a "ironia" seria a mais geral das oposições entre o real e o ideal, em um efetivo processo de transposição (1987:68), e afirma que o humor, a partir desta ótica, seria o inverso da ironia.

Cabe observar que este trabalho não assumirá discutir estas últimas observações, mas irá tomá-las em uma dimensão mais ampla, exatamente para não deixar lacunas impossíveis de serem preenchidas por ora. Há quem discuta e defina a ironia como sendo o humor em sentido largo, é possível que assim se possa estudá-la; porém, neste momento, o humor será entendido como a forma mais ampla de explicar a comicidade, a ironia e a sátira serão observadas do ponto de vista da instrumentalização (mesmo sabendo que tais medidas são tomadas apenas para delimitar a área de estudo deste trabalho em função da complexidade que surge no uso de um termo ou outro. Isso implica dizer que se está consciente sobre as possibilidade de contestação que tal medida pode gerar).

### ***3. As diferentes faces do riso.***

Já se escreveu que o homem é um animal que ri e faz rir. Segundo Aristóteles:

"De todos os seres vivos somente ao homem é dado rir."  
(III, cap. X)

pois é o único capaz de ver o ridículo. Contudo, diante da impossibilidade de se estabelecer uma definição para o que é ou deixa de ser ridículo, a afirmação não vai muito além de si mesma.

Bergson (1987:19), por sua vez, concebe o riso como fenômeno social cuja função corretiva poderia ser reclamada para o âmbito da estética (ou da política?). Ao mesmo tempo em que estabelece relações de acordo, de consentimento – a nível de conhecimento enciclopédico, de reconhecimento de algumas regras e valores – o riso estaria castigando os costumes (idem:18). O homem, por sua natureza social, teme a exclusão. Ao pronunciar-se em desvio, afastando-se do padrão estipulado como "normal" e "comum" pela sociedade, o ser humano fica na contingência de ser reprimido. O riso, então, assumiria o papel efetivo de marcar os limites da normalidade. A excentricidade, o ridículo, os vícios, fariam parte do que, em níveis maiores ou menores, estariam divergindo do modelo socialmente instituído e esperado. A quebra do modelo social,

1 - De acordo com Maingueneau, o "reinvestimento" é uma espécie de "colagem", cujos textos, discursos ou cenas "coladas" revelam a operação desencadeada através dos traços originais preservados.

inconscientemente aceito pelo sujeito que se constitui no coletivo, seria, se assim se pode parafrasear Bergson, corrigida pelo riso.

Cabe questionar qual, em essência, é a natureza da ruptura, do desvio e a relação que mantém com a manifestação do riso, pois nem todas as rupturas necessariamente evocam riso, nem todos os desvios provocam o que Bergson chamou "castigo".

Mas, outras observações na teoria bergsoniana merecem atenção, como a que se refere a uma certa "insensibilidade" – ou distanciamento – do sujeito que ri frente ao objeto risível.

Diz ele:

"O maior inimigo do riso é a emoção."  
(1987:12)

É certo pensar que em um ambiente de forte comoção a possibilidade de aflorar o choro é maior em relação ao riso<sup>1</sup>. A emoção a que Bergson faz referência seria aquela que envolve sentimentos como afeição ou, até mesmo, piedade, capaz de impedir a articulação inteligente do riso.

Entretanto, da mesma forma que não se pode axiomatizar a proposição "a emoção nega o riso" não se pode considerá-la com poderes suficientes para imobilizar a comicidade. Deve-se notar que a relação cômico-trágico já aparece como recurso na comédia grega, sem contudo alterar a essência do fenômeno cômico em si mesmo. Este último mantém suas características risíveis num ambiente onde um fenômeno oposto, o trágico, igualmente se caracteriza. O efeito dessa relação, o riso, dependerá assim, seguindo a linha de raciocínio desenvolvida por Bergson, da insensibilidade ou quase isenção á emoção despertada pelo trágico. Muitos teóricos já consideraram a impossibilidade de analisar o cômico e o trágico a partir de critérios análogos, posto realizarem-se como fenômenos distintos. Porém, isso não impede que co-existam, num contexto que, pelo mesmo modelo, permite uma relação entre os pares cômico-sério. Crê-se ser necessário aprofundar o campo dessas relações e inferir sobre a implicação de superficializar um ou outro fenômeno num mesmo ambiente. Parece ser excessivamente cedo (e perigoso!) cogitar acerca da sobrevivência do sério no não-sério, mas este trabalho fará por demonstrar que ele permanece implícito<sup>2</sup>, pelo menos em alguns tipos de produção cômica – ou humorística.

Ainda, se à emoção cabe uma análise particularizada em função da dependência que

1 - Desconsiderando-se aqui aquelas situações em que, por razões que cabe à Psicologia responder, um sujeito poderá, à revelia de tudo e todos, irromper em um e em outro concomitantemente.

mantém com o sujeito e sua história, orienta por sua vez para se admitir a impossibilidade de previsão do efeito cômico sobre o(s) interlocutor (es). Não sendo possível medir o distanciamento processado e nem mesmo o nível de reconstrução e interpretação do risível – conhecimento prévio, questões culturais, sociais, etc. – o riso, como processo, é imprevisível. Mas, à medida que se manifesta, ao ver de Bergson, parece promover um outro efeito: o de contagiar. Nesse ponto a teoria provoca à mente humana inconfessáveis reflexões. Diz o teórico:

"Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco. (...) O nosso riso é sempre o riso de um grupo."  
(1987:13)

Parece ser possível estabelecer uma ponte sobre essa particularidade do riso e sua manifestação fenomenológica nos mais distintos contextos. Tal, a título de comentários, já foi observado por Freud, ao instituir o psicodrama como terapia condicionada; além dele, a literatura considerada "não adequada aos parâmetros científicos" chama a atenção para o sucesso de outros filósofos, pensadores, religiosos, terapeutas que, apesar do imberbe reconhecimento acadêmico, consomem em movimentos sociais a afirmação de Bergson: o riso se dá na coletividade. Independente da visão bergsoniana traduzir-se moralizante em função da idéia de "correção social", nenhuma outra até hoje ousou contestar a natureza social do riso levantada por ele com primazia. Daí servir às reflexões propostas por este trabalho. Antes de considerar outras questões referentes ao riso, deve-se lembrar que Freud pensou-o como manifestação da energia psíquica em forma de prazer, aproximando-se da visão social bergsoniana ao admitir tanto o distanciamento quanto a necessidade de um contexto coletivo para a produção e reconhecimento do chiste, onde, além de um "eu" e "tu", um terceiro elemento cumpriria a função de avaliar – perceber – a comicidade. Da mesma forma, o teórico russo, Vladimir Propp, discorreu acerca de uma tipologia do riso, privilegiando o riso de zombaria por estar, de acordo com sua visão, mais ligado à comicidade. Segundo Propp, rir e zombar são processos diferentes, mas a ligação desse tipo de riso com a comicidade se dá pelo fato de esta ser comumente associada à idéia de desnudamento de defeitos perceptíveis ou não, causadores do riso. Decorre daí o teórico ter levantado vários aspectos ligados ao riso de zombaria – derrisivo, escarnecedor – classificando-os de acordo com as formas do cômico que, por sua vez, indicariam as causas do riso; estas o levaram a pensar uma única teoria da comicidade: a causa tipificando o feito. O próprio Bergson, ao reforçar o caráter social corretivo do riso, chama a atenção para o acento derrisivo que o caracteriza ao compará-lo a um "trote social" (1987:72), capaz de humilhar aquele que for objeto dele.

Já Umberto Eco analisa a mesma questão sob uma ótica que se aproxima mais da freudiana, no estudo dos chistes; explica o riso como resultado da fruição ou gozo – prazer –,

especificamente em se tratando de situações interlocutivas entre texto/leitor, leitor/texto, que em verdade constituem o universo deste trabalho.

Assumi-se, no início deste capítulo, uma posição de não-envolvimento com discussões mais profundas e definidoras da comicidade e do humor no âmbito de suas distinções e convergências. Mesmo diante do conhecimento de outras teorias que poderiam aventar questões mais delimitadoras da natureza de uma e de outra, mesmo reconhecendo as lacunas deixadas por Bergson, Freud e Propp em suas respectivas teorias, observa-se que a fundamentação teórica desta dissertação valer-se-á delas para estruturar uma proposta de leitura do discurso de humor. Destaca-se igualmente que se assumirá a ousadia de empregar o termo "humor" para abarcar de forma mais ampla o sentido de comicidade, com respaldo na cristalização do próprio termo pela sociedade moderna. Até porque percebe-se que as produções humorísticas hoje são o resultado da mesclagem do cômico e do satírico, tendo em vista a função corretiva que o riso – tal qual Bergson propôs – parece atingir. E o aspecto da correção – como se tentará provar – estaria propriamente relacionado à sátira enquanto forma e ao cômico enquanto postura. Isto em se pensando que o humor no Brasil caracteriza-se por aspectos muito particulares, diferindo o brasileiro de outros povos não apenas em função de questões pré-consideradas: universo lingüístico, cultural, social, político, etc, etc., mas especialmente por uma mistura quase que alegórica definida singularmente pela Dr.<sup>a</sup> Prof.<sup>a</sup> Odília Carreirão Ortiga (em suas aulas de Teoria Literária na UFSC) como "carnavalização". Tentar-se-á seguir as marcas que a própria denominação confere ao universo do discurso de humor brasileiro, chamando-se ao desdobramento outra questão: o riso enquanto tipo.

Este trabalho dissertativo, em detrimento de sua natureza, não considerará uma tipologia do riso (apesar do incontestável desejo de fazê-lo), senão para definir duas formas basilares na defesa da reflexão sobre o humor político. Ou seja: o riso da alegria e o riso do cômico. Impossível tecer analogias entre os dois sem faltar à seriedade – mesmo em se tratando do riso. Aqui, a literatura muito pouco tem a oferecer em termos de classificação. Contudo, quer se entender (como o fez Propp) que o riso da alegria é o riso bom (termo usado pelo teórico russo) no sentido de que não manifesta derrisão ou castigo (segundo Bergson), não expressa intenção corretiva nem chama a atenção para o erro. Este, talvez (e aqui a tentação de entrar em área alheia é superada apenas pela consciência da limitação deste trabalho) seja o riso essencialmente prazeroso, aquele que vem de outra dimensão onde a energia não se limita à despesa psíquica. Talvez! Mas, independentemente de sua origem, distancia-se do riso do cômico entendido como riso satânico, destruidor, humilhante, em outros termos, pensado como "riso político", exatamente por sua natureza social e corretiva. Sendo que o corpus desta dissertação ateu-se a um material especificamente discursivo/textual escrito, algumas dessas considerações a cerca do riso mere-

cerão o lugar das hipóteses, posto não ser possível medir convencionalmente a reação dos interlocutores frente a determinados textos. Não parece ser possível defender um distanciamento total entre texto recortado para análise, leitura seletiva, análise propriamente dita e sujeito que procede à execução deste trabalho; portanto, a subjetividade será uma das características de todo o processo reflexivo.

A proposta de leitura do fator político no humor exporá uma bibliografia que talvez não possa ser considerada ensaística, mas que, independentemente de qualquer avaliação academicista, traduz uma realidade nacional. Trata-se da obra-reportagem assinada por Tárík de Souza e Henfil "Como se faz humor político", impressa pela editora Vozes. Questionável ou não, a presença de tal texto fechará o jogo das interrogações que palmilharão esta dissertação, não como resposta cabal, mas simplesmente como peça, uma das que faltavam para o "jogo" recomeçar.

## CAPÍTULO III

### DISCURSO DE HUMOR: UM JOGO CONSTITUÍDO

#### *1. Pensando o discurso.*

O discurso inscreve-se e fundamenta-se numa rede de relações associativas mais ou menos emergentes, responsáveis pela migração de sentidos dentro de um mesmo enunciado ou dentro de um mesmo campo discursivo. Os sentidos, longe de apresentarem-se estabilizados, atravessam um processo produtivo latente que ora agrega significações, encadeando-as ao que está sendo dito, ora sobrepondo-as, revelando as dimensões do não-dito; é o caso dos comentários, das paráfrases, das implicações, das alusões, dos deslocamentos, entre outras formas discursivas.

A incompletude é uma das características da linguagem que, basicamente, determina seu funcionamento enquanto mecanismo de produção discursiva. A todo ato de dizer relaciona-se um ato de não-dizer. E a inconstância dos sentidos conduz à divisão do "um", do sentido único, próprio, fixo, "literal", desejado ao se dizer algo. À relação fundamental com o não-dito acresce-se a impossibilidade de estabelecer fronteiras significativas claras entre um e outro, marcadamente pelo fato de que os sentidos não se fixam, eles perambulam pelo universo discursivo. E, muitas vezes, a relação mostra-se mais fecunda exatamente no plano do não-dito. É a língua que, enquanto materialidade simbólica, oferece base para a produção discursiva. Toda palavra é um discurso por si só e está atravessada de significação. As palavras não "expõem" seu conteúdo, mas sim, potencializam-se na construção de imagens que povoam o mundo dos sentidos. É o real – e ele existe para a Análise do Discurso –, independente de níveis e tipificação que, na relação condicional com o imaginário, estabelece a especificidade da produção do sentido na língua e pela língua.

"... todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras."  
(Orlandi, 1993:15)

O valor semântico não reside nas palavras, de forma fixa e estável, mas sim, é agenciado nas relações que as palavras estabelecem entre si. Esse processo todo faz pensar a linguagem, materializando-se numa superfície metafórica, ponto básico para o agenciamento interdiscursivo. Eis, então, que se faz necessário apontar algumas considerações acerca do assunto.

## *2. Pensando a metáfora*

"...na metáfora (...) o discurso toma o formato de um corpo, assumindo formas e características que usualmente caracterizam a face humana, a 'figura' do homem (...)"  
(Ricoeur, 1992:146)

Na retórica clássica, o enfoque conferido à metáfora relacionava-se ao nível da palavra enquanto sentido transferido ou "desviado". Segundo Aristóteles, a metáfora era o "desvio", a palavra "estranha" que se empregava no lugar de um nome. O efeito de sentido era observado ao nível da palavra. Elaborar metáforas, para o grande filósofo, era considerar semelhanças, num processo de representação ou denominação de uma realidade ou sentido através de ícones ou figuras. O objetivo desse processo seria o de

"... preencher uma lacuna lexical",  
(Arte Poética; XXI, 7-15)

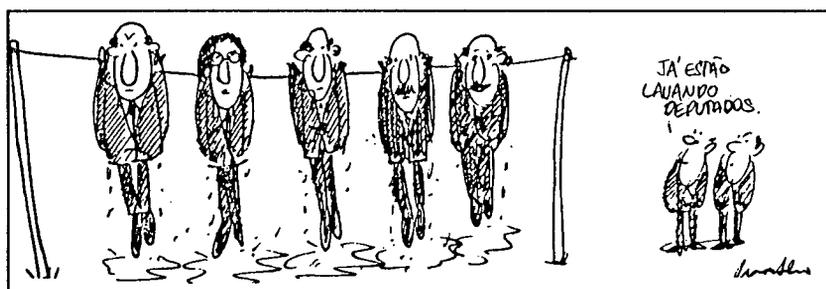
frente à necessidade que o ser humano desenvolve de nominar adequadamente as coisas.

É Max Black (1966) que, partindo das considerações aristotélicas, desenvolve uma teoria sobre o processo "interativo" da metáfora. Sob os argumentos da nova visão, o "desvio", ao invés de negado, é explicado à luz da própria estrutura predicativa. Jean Cohen, ainda em 1966, expande os princípios da mesma teoria proposta por Black e insiste sobre a necessidade de se estudar a metáfora dentro de uma "semântica da sentença".

"... a expressão metáfora funciona como a redução desse desvio sintagmático através da fixação de uma nova pertinência semântica".  
(Cohen, 1975:147)

Assim, o teórico francês, Jean Cohen) afirma que o sentido metafórico não é veiculado pela palavra, mas sim, pela sentença enquanto um todo. O "desvio", segundo sua definição, continua ocorrendo a nível paradigmático como apontava a retórica clássica. Pode-se dizer que Cohen reduziu a dimensão do "desvio", enquanto ruptura de um processo que se pensava organizado pela superficialização do discurso, ampliando a abrangência de seu efeito na cadeia das relações sintagmáticas. Daí se entender o surgimento de um novo significado ao nível de toda a predicação.

A charge de Marco Aurélio & Cia. oferece um exemplo:



(ZH, 06-11-93)

Se o enunciado fosse analisado sob os parâmetros da retórica clássica, o processo metafórico apenas indicaria uma substituição lexical, e não, predicativa. O significado "literal" – com todas as ressalvas que o uso do termo obriga – não é imobilizado ou anulado pelo desvio, mas sim, agregado na e pela formação do novo sentido. A visão sobre o fenômeno deve ser ampliada, resgatando-se, desta forma, o papel interativo das inferências icônicas. A nova predicação obtida no confronto entre os sentidos combinados – justapostos no paradigma da enunciação – e relacionados no espaço do sintagma, só é possível em se pensando um leitor ideal: capaz de acionar o contexto da enunciação.

Ao se pensar no interlocutor de textos de humor – tanto como ao se pensar em qualquer interlocutor = pensa-se, imediatamente, na mobilização do conhecimento enciclopédico imprescindível para a veiculação de qualquer sentido. Sob o mesmo enfoque, como pensar o "construtor" de textos de humor? Em se aceitando que a imaginação inscreva-se fundadora do pensamento e da elaboração conceitual do mundo fenomenológico, não apenas de forma representativa, aceita-se que a metamorfa, enquanto processo constitutivo, propicia um "olhar" sobre o mundo, reduzindo distâncias e gerando novos significados, e então, tem-se um dos aspectos da produção/ criação humorística. Dessa forma, seguindo o pensamento de Aristóteles, o mundo, enquanto realidade factual, explica-se por metáforas, tal qual se explica o processo da própria figura em

questão. Os "desvios", então, são necessários para aproximar o que, numa realidade lógica espacial conferida à linguagem, está distante. Sentidos heterogêneos, quando "colados", aproximados, associados, produzem um reenvio à formação conceitual criando novas possibilidades.

Se a nova visão sobre os processos metafóricos permite levantar algumas reflexões aproximadas ao que Aristóteles propunha como "capacidade de ponderar sobre semelhanças" (Cap. XXI, p. 274), então o humorista pode ser visto não como um anatomista – dissecador –, mas sim, como um alquimista – outra vez a metáfora – da linguagem, promotor das mais inesperadas associações. Talvez aí esteja outra questão que promova novas discussões.

### *2.1. O caráter pictório da metáfora.*

"... a clareza de boas metáforas resulta de sua capacidade de 'colocar frente aos olhos' o sentido por elas exposto."  
(Ricoeur, 1992:146)

Para os filósofos clássicos, que buscavam uma "linguagem transparente", a metáfora era uma figura, um instrumento retórico de recorrência discursiva. Já em Aristóteles, vislumbrava-se a intenção de explicar a aproximação de duas realidades semânticas heterogêneas, por encadeamento. Mesmo que sua teoria não tratasse do desvio como "redução" (Jean Cohen) e não estendesse o espaço do "insight" para toda a predicação (referia-se apenas ao âmbito da denominação), vislumbrava-se nela, já, o que os teóricos modernos passaram a chamar de "função semântica da imaginação e do sentimento".

Quando Aristóteles fazia referência à capacidade de "... ponderar sobre semelhanças." (Cap. XXI, p. 274), como ponto fundamental no processo de elaboração de metáforas, referia-se à indicação que a "figura" (no sentido metafórico) faz de estruturar o pensamento através de semelhanças. Não que tal possibilidade crie condições para qualquer palavra vir a significar qualquer coisa; ao contrário, o processo garante a aproximação de diferenças que permitem associação e geração de um "novo insight"; o "desvio", segundo Aristóteles, é uma transferência proporcionalmente homogênea. A essa capacidade que a metáfora apresenta de significar através de ícones (não com ícones), denominou-se "dimensão pictórica."

"Enxergar a semelhança é ver o mesmo apesar, e através, da diferença."  
(Ricoeur, 1992:150)

É sob essa concepção que o imaginário e o sentimento galgam status funcional na

teoria de Cohen, Black e Gadamer. A metáfora, em sua natureza icônica, cumpre com a função de reenviar à predicação como um todo novas associações, combinações, conexões, novamente desenvolvendo um processo circular de esquematização das representações.

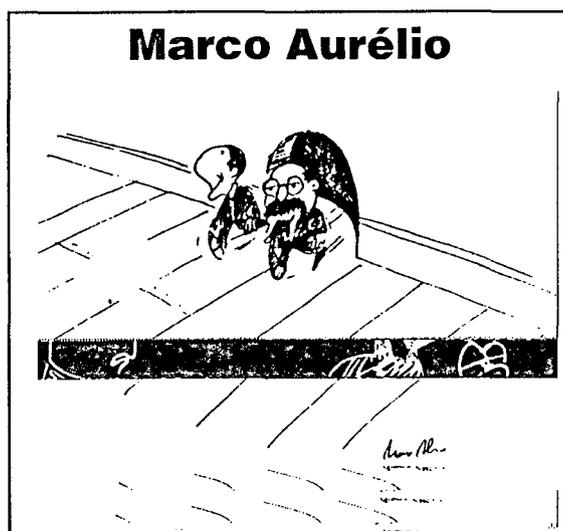
No texto abaixo:



(Chiste (Piada), "A Rosca", nº 25, s/p)

O verbo "matar", em "matar aula", já consagrou um sentido conhecido entre alunos gazeteiros. É uma metáfora, pois incide na construção de um sentido sobre outro que permanece inalterado: matar, continua implicando ação de extermínio, de assassinato que, no caso do texto piadístico, é a que se deseja manter. Ocorre uma circularidade produtiva e ininterrupta que mantém o leitor operando com o sentido "figurado" e com o sentido "literal" (ou melhor, que se pretende seja o "literal"), ao mesmo tempo. O texto torna-se risível exatamente pela permanência do sentido "literal" – garantido pela presença de um instrumento capaz de provocar a morte física: um revólver – quando a expectativa é agenciar o "outro" sentido implícito na enunciação. A expectativa é frustrada, pela permanência do que está posto no dito.

Já a charge de Marco Aurélio:



(Jornal Zero Hora, 22-10-93)

caracterizada pela ausência de elementos verbais, remete, através de ícones constituídos na inter-relação – mundo conhecido e mundo comentado – à evidência de uma "mensagem" complexa. A homogeneidade do desvio é produzida pela similaridade de traços pertinentes às duas figuras combinadas – traços conceituais que designam os mamíferos roedores da família dos Murídeos e traços contextuais relativos ao gasto indevido de dinheiro público no governo Collor – conferidos por associação às duas personalidades políticas: ex-presidente Fernando Collor e ex-assessor Paulo César Farias.

Para que a charge assuma os contornos da "mensagem" aludida dá-se ao leitor ícones necessários para efetivar a "colagem" dos dois contextos. Novamente, a imaginação, não em seu aspecto óptico, mas essencialmente verbal, lança mão de sua função de "representação - constituição" para "resgatar" imagens pertinentes aos dois contextos veiculados. O "resgate" dessas imagens – dimensão do conhecimento de mundo – em conexão, imprime o novo sentido textual. As palavras – ausentes – são "produzidas" pelo leitor na interpretação.

Observe-se que o texto de Maringoni veicula inúmeras inferências:



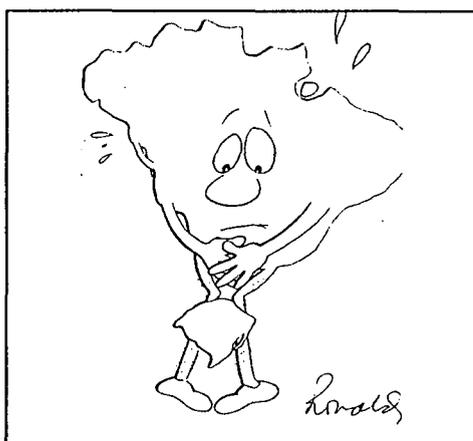
(Charge, "Brasil Piadas", nº1, p. 17)

A "colagem", neste, aparece de forma mais clara: as diferenças são mantidas no plano conceitual das personagens (mesmo que figuradas) e o resultado é uma nova "realidade" textual. O toucano, figura icônica, remete à sigla partidária do PSDB e por alusão ao "toucano" Fernando Henrique Cardoso, convidado para assumir o Ministério da Economia. A charge faz emergir uma visão crítica sobre a relação do presidente Itamar Franco com o partido dos tucanos, até então

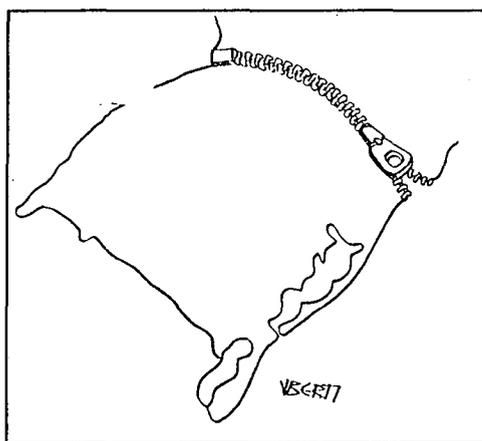
ausente do governo.

Assim, sob esta perspectiva, é preciso analisar a metamorfia como uma realidade em que se faz valer o papel dos sujeitos interlocutores inscritos no jogo da discursividade. O desvio, enquanto "jogo" de combinações, ocorre tanto no paradigma como no sintagma. Poder-se-ia reivindicar para o discurso humorístico a função persuasiva centrada num estilo que se constrói na ludicidade, no jogo de operações lingüísticas implícitas, aludidas ou combinadas? Posto observar-se que, o discurso de humor não está à margem da realidade, mas resulta dela e desenvolve-lhe um "outro" sentido?

É o que fazem Ronaldo e Uberti nas charges abaixo:



**("Separatismo - Corta Essa!" p. 87)**



**("Separatismo - Corta Essa!" p. 13)**

Valem-se, os dois chargistas, da exposição combinada de idéias, cuja relação interna é dada pelas figuras. O mesmo percurso é feito pelo leitor que apreende as semelhanças não-expressas, mas implícitas, conectando as representações descritas iconicamente. A relação com o mundo factual é dada pela contemporaneidade dos argumentos veiculados pelo texto.

### 3. O jogo dos sentidos.

Se se negar a participação do imaginário na produção dos sentidos, estar-se-á admitindo que a língua, enquanto forma abstrata, assume poderes constitutivos autônomos e plenos, e o "irreal" serve tão-somente para produzir reações psicológicas. Há de se considerar ainda que, no "perambular" dos sentidos pelas palavras e enunciados, o imaginário cumpre uma outra função: a de constituição da unidade. Como diz Pêcheux:

"... a forma unitária é o meio essencial da divisão e da contradição."  
(1975:83-4)

O discurso constitui-se a partir de sujeitos e sentidos em movimento, porém, mascara-se em unidade por uma necessidade pragmática. O "um", o fixo, mesmo que imaginário, é instituído ideologicamente e fundamenta o discurso, demonstrando relação intrínseca com os vários outros sentidos. Assim como se dá a passagem das palavras para as imagens,

"... fazemos ainda outra passagem mais radical, passando das palavras para o 'jogo'".  
(Orlandi, 1993:15)

É esse "jogo" de relações e transposições que interessa detectar no seio do discurso humorístico, questionando sua realidade acidental ou constitutiva. Mesmo porque, este tipo de discurso se dá na evidência do trabalho sobre os sentidos, quer a nível fonético, fonológico, morfológico, sintático, sociológico, entre outros, quer a nível de transposição e deslocamento não-verbal.

Segundo Pêcheux.

"... o discurso é efeito de sentidos entre locutores."  
(Apud Orlandi, 1993:20)

o que significa entender a constituição dos sentidos e dos sujeitos na relação que estabelecem entre si. Os sentidos produzem efeito enquanto partes de uma engrenagem lingüística em movimento, ou seja, em estado enunciativo; da mesma forma, os sujeitos fundamentam seu lugar de discurso com o próprio discurso e no próprio discurso.

Como entender, então, o efeito de sentidos no discurso de humor?

As línguas naturais, segundo Possenti (1990), não cumprem com a função de oferecer todas as informações necessárias para que se reconstrua o dito. O próprio termo "reconstruir" dá a idéia aproximada da operação que o usuário lança sobre a língua. Longe de apresentar-se

transparente, recobre-se de fragmentos ideológicos e até psíquicos – mesmo à margem dos pronunciamentos lingüísticos – que lhe garantem uma certa opacidade. Ainda, há de se observar o papel das "circunstâncias" enunciativas: irrepitíveis e fundadoras, e o papel determinante do interlocutor.

As condições de acesso aos mecanismos que possibilitam a participação no jogo constitutivo das relações discursivas e interdiscursivas – nem sempre de domínio puramente lingüístico – variam de um alocutário para outro. Reconstruir o dito, sob a égide do não-dito, numa perspectiva nem sempre do "que é novo" mas, principalmente, do "que é reeditado" exige do interlocutor um trabalho "fino", onde memória histórica, ideologia e conhecimento de mundo determinam o resultado final. Se bem que, a partir da falsa – mas necessária – unidade (literalidade), o que quer que o interlocutor conclua, conclui por sua conta e risco.

No texto de Millôr:

**MOÇA LINDÍSSIMA, MAS POBRE, COITADA,  
E COM SÍNDROME DE GATA BORRALHEIRA.  
TODO DIA À MEIA-NOITE ELA SE VIRA.**

(Isto É/1132, 05-06-91, pág. 9)

nitidamente sente-se a "irresponsabilidade" do autor frente ao que deixa entender, mas não é "provável" que tenha dito. A multiplicidade de sentidos – em relação associativa e constitutiva – resulta em novas possibilidades interpretativas entre interlocutores igualmente constituídos na e pela multiplicidade. O não-dito, neste tipo de texto, expõe sua materialidade lingüística. Mostra-se com maior força argumentativa e é onde, a partir de reconhecido o gatilho lingüístico – natureza polissêmica do verbo "virar" – o interlocutor marcará o trabalho de reconstrução. Contudo, quanto menor o conhecimento de mundo mobilizado, mais estreito será o leque de interpretações desdobrado pelo sujeito interlocutivo. Os sentidos que a materialidade da língua não aprisiona nem determina também não garantem sua identificação entre os sujeitos. Ora "agenciados", ora "vagueantes", não impõem ordem nem ao discurso, nem às "coisas" enquanto recortes da realidade. Um mesmo fenômeno pode encontrar significados distintos entre os sujeitos, ou até, no mesmo sujeito. Esse movimento é fundamental no processo articulatório que Pêcheux chamou de "efeito de sentidos". A relação com o "outro" sentido, com a "outra" formação discursiva, inscreve os processos enunciativos num jogo permanente e ininterrupto, onde sentido e imaginário fundam a relação entre língua e ideologia.

"... todo discurso sempre remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa."  
(Orlandi, 1993:23)

Assim, o texto do Millôr leva o leitor a construir metáforas próprias – mas nem por isso mais particulares –, praticáveis apenas enquanto sujeito inscrito no jogo e conhecedor das regras implicadas. Se bem que, em se pensando a inscrição do sujeito no jogo, pensa-se que o domínio das regras, fundamentalmente, determina a inscrição. Para daí se entender a materialização de um "acordo tácito" entre "sujeito do discurso", "sujeito inscrito no discurso" e "sujeitos constituídos pelo discurso", é um passo. A implicação do/no jogo traduz-se em "cumplicidade".

"... cumplicidade no jogo para reativar um acordo sobre valores compartilhados."  
(Reyes, 1984:157)

Tanto a cumplicidade como os valores compartilhados são mobilizados num plano imaginário, onde a pressuposição basicamente não expressa, mas veicula informações. Como num jogo de xadrez, cujo movimento das peças representa a "intencionalidade" estratégica do jogador, mas que, no máximo, fornece pistas sobre o próximo passo, sem contudo revelá-lo. Parece ser este um dos movimentos constituidores do discurso de humor; construído a partir de pistas mais ou menos reveladas, conduz o alocutário a formalizar uma hipótese discursiva – processo de construção metafórica – que se sustenta no plano relacional das outras formações discursivas também pretendidas no contexto enunciativo. E assim, o alocutário, alternando-se no papel de "cúmplice" necessário e "jogador-condutor" do movimento discursivo, é relegado, tantas vezes quantas forem necessárias, ao lugar de sujeito "conduzido".

Freud, na já mencionada análise sobre os chistes, entendeu que os mecanismos acionantes do humor, nos discursos assim identificados, caracterizam-se por conduzir o alocutário a reconstruir o

"... trajeto inverso de uma série de associações e inferências facilmente estabelecíveis..."  
(Freud, 1977:33)

Porém, crê-se que, ao dizer "inverso", Freud não pretendia dizer "contrário", posto que tal operação não se aproxima, em complexidade, do trabalho exigido no e pelo discurso de humor. Nesse "trajeto inverso" a que se referia o pai da psicanálise, inscreve-se o "desmentido" – novamente, não no sentido de verdade/inverdade – ou o inesperado. Ao fornecer ao alocutário determinadas pistas – tanto a nível semântico como sintático, fonético, morfológico, sociológico, entre outros – o locutor permite que partilhe de certas regras constituidoras, mais ou menos determinantes de uma conclusão ou interpretação final. E é nesse quadro que a demanda de um alocutário específico, com um conhecimento de mundo presumido, cria a cumplicidade necessária para instaurar a pressuposição indicada, mas não materializada, portanto passível de ser "desmentida".

Então, onde se instaura o riso? Bergson, discutido nos capítulos anteriores, centralizou sua teoria sobre o riso e o cômico na observação do mecânico inserido na vida; e o riso, segundo ele, resultado da ruptura revelada, do inesperado, tal como do ridículo identificado – aquilo que foge ao "simetrismo" ideológico proposto para garantia das culturas, que não deixa de se mostrar, então, como ruptura ou falha – cumpriria com a função "corretiva" (relação que o cômico estabelece com a estética) ou indicadora da descoberta do "outro" significado, do outro discurso. Talvez, numa especulação empírica, o alocutário se dê conta de seu papel de "vítima" – enquanto conduzido – e de "vencedor" – ri porque descobriu como passar de um discurso a outro. O riso, lingüísticamente considerado, seria a prova da participação do alocutário na constituição do discurso.

#### ***4. Alguns pressupostos indicadores do prazer no jogo discursivo.***

"Um lingüista pode saber que um chiste gera prazer, mas a lingüística poderá, no máximo, tipificar em termos lingüísticos a máquina que gera este prazer."  
(Possenti, 1988-42)

No discurso de humor, tanto quanto no discurso poético (conforme afirmou Jakobson sobre este último), não há um apagamento da função referencial da linguagem, mas sim, uma valorização dos mecanismos construtores da ambigüidade, do duplo sentido. De uma forma tal a se observar como que uma inclinação da linguagem sobre si mesma.

Para Freud (1977), a linguagem tem origem no inconsciente e a análise que faz dos chistes põe em evidência os jogos operacionais lingüísticos e mentais que a linguagem – enquanto campo de ação – possibilita. Após arrolar técnicas chistosas de produção com a intenção de caracterizar os chistes, baseando-se em critérios da língua (expressão) e do pensamento (raciocínio), Freud considera que ambos deixam margem a contestações. Parte, assim, para a observação do efeito que a construção provoca no interlocutor. E conclui que as formações chistosas, independente de tipificação, atendem a um objetivo específico: suscitar prazer no interlocutor. Isso implica o entendimento de que as técnicas empregadas na produção dos chistes estão voltadas para uma "metodologia" de produção do prazer. Mas qual o gatilho desse efeito?

Segundo o psicanalista,

"... a produção do prazer corresponde à despesa psíquica que é economizada."  
(Freud, 1977:140)

ou seja, o prazer está associado a uma economia de energia comumente ativada na elaboração de um pensamento. Esse "encurtar" caminho no processo psíquico que envolve a construção do

significado chistoso, conforme afirma Freud (1977:142), é cuidadosamente evitado pelo pensamento sério, tendo em vista o envolvimento de técnicas específicas mais trabalhosas que caracterizam os chistes. Paradoxalmente, o trabalho gerado na formação do chiste é "calculado" na proporção inversa do propósito que almeja: economia, menor esforço, baixa demanda de energia. É a identificação desse "jogo" de "menor esforço", dessa técnica de economia psíquica que desperta o prazer. Ainda, conforme Freud (1977:143), o princípio de economia pode ser detectado na redescoberta de algo familiar, situação em que o chiste não apresenta algo novo, mas remete ao que é conhecido – recursos estes acionados a nível fonético - fonológico (unificação, similaridade ou multiplicação de som), morfológico (unificação, modificação, composição) semântico (alusões a citações, recortes, parafraseamentos). Ou pode valer-se de raciocínios falhos, deslocamentos, absurdos ou representação pelo oposto. Freud aponta para a classificação de dois tipos basilares de chistes: os verbais (especificados através dos jogos de palavras) e os conceptuais (gerados na relação da forma com o pensamento); e afirma que o chiste é uma determinação da subjetividade, ou seja, depende de uma capacidade especial do sujeito. Segundo ele, ainda, o processo de construção do chiste não envolve apenas uma pessoa. Além de um "eu" e de um "tu", considerado no cômico o objeto da comicidade, o chiste implica a presença de uma terceira pessoa que cumpriria a função de avaliar a própria elaboração chistosa (Freud, 1977:168). Entendendo-se que o prazer estaria mais para essa terceira pessoa do que para as demais, em decorrência de uma certa neutralidade que mantém em relação aos propósitos dos chistes, percebe-se o caráter altamente social da produção chistosa.

Se o propósito dos chistes é gerar prazer pela economia da despesa psíquica, conclui-se que sua construção opera sobre um pensamento já estabelecido, pronto. O jogo está na oferta de pistas elaboradas para que o interlocutor percorra o mesmo caminho, não só chegando ao pensamento implícito como também avaliando o trabalho executado pelo sujeito "construtor" do chiste. Esse "evento mental" pode, igualmente, ser considerado à luz dos conceitos metafóricos, evidenciando-se o processo de "colagem" conceptual que a linguagem permite. Assim teríamos a manutenção de dois ou mais pensamentos elaborados que são apresentados no mesmo plano referencial. A sobreposição é detectada pelo mecanismo que identifica risível o enunciado chistoso.

Segundo Ricoeur (1992:145), a metáfora tem a capacidade de propor um verdadeiro "insight" da realidade, e o "desvio" – conforme preconizou Aristóteles na retórica clássica – que promove a nível da sentença (visão ampliada por Jean Cohen) está para a mesma economia psíquica objetivada pelo chiste. É o princípio da economia que governa a tentativa de dar nomes adequados às coisas, diminuindo a demanda psíquica e cumprindo com a função principal do discurso retórico: persuadir e agradar. E é este mesmo princípio que mobiliza o prazer na

interpretação do enunciado chistoso que se apresenta na forma não apenas de um "desvio", de uma "redução", mas sim, de um novo significado pela pertinência semântica ao pensamento previamente estabelecido.

### ***5. Rir: um efeito de sentidos?***

Umberto Eco (1986) menciona, ao discutir o uso do texto por um "Leitor-Modelo", o ato de fruição ou gozo (termos usados por Barthes), referindo-se nitidamente à capacidade que o texto tem de provocar uma reação (efeito): emoção ou sentimento (tendo-se presente as diferenças substanciais dos dois fenômenos). Todo processo de humor tem uma quebra, uma ruptura, um "dar de olhos" com o inesperado, que provoca ou o prazer estético (excede a beleza?), ou o prazer catártico (emoção metamorfoseada em sentimento, segundo Aristóteles), ou ainda, chama para o ridículo (com a função de correção social inferida por Bergson).

Poder-se-ia perguntar: o homem ri por prazer ou por diversão? Em que âmbito inscrevem-se as diferenças e similaridades dos dois processos? Felizmente, este trabalho não se propõe a tanto, sob o risco de adentrar em questões que necessitariam buscar respostas mais na Psicologia do que na Linguística propriamente. Porém, são arestas que interferem no delineamento das reflexões que ora se sucedem, e devem ser apontadas. Assim mesmo, há de se considerar que a comicidade de situações, de personagens ou de linguagem pode levar ao riso, tanto quanto o humor construído – se para tal se puder entender o emprego deliberado de mecanismos mais sutis e exigentes. Se o que diz Freud acerca do riso: prazer provocado pela eliminação temporária da censura ou coerção, aceita-se como "uma" verdade, pode-se inferir igualmente sobre o caráter de renovação desse fenômeno social, em virtude da oposição que estabelece ao que é sério.

À hipótese de que o texto chistoso provoca prazer no interlocutor que descobre o gatilho para a reconstrução humorística agrega-se a suposição de que o mesmo sentimento acompanha o "produtor" do texto. Tanto ao nível do próprio jogo que se constitui "na montagem" e adequação de elementos ora explícitos – remetem para fora do enunciado (alusão) – ora implícitos – remetem ao enunciado que não está sendo dito (como na antecipação do efeito que o sentido do texto provocará).

Freud analisou esse processo criativo sob a impressão de que:

"...os determinantes subjetivos da elaboração do chiste com frequência não se situam muito longe daqueles determinantes das doenças neuróticas..."  
(1977:165)

Um dos argumentos arrolados pelo pai da Psicanálise na configuração do produtor de chistes, era o da "personalidade dividida". Fato este que se mostrava evidente, segundo ele, nos incontáveis chistes anônimos à disposição na Literatura popular. Entretanto, tal argumento, hoje, não pode ser sustentado a título de desconhecimento da produção humorística em larga e elevada escala. Poder-se-ia especular ainda se a inscrição e constituição dos sujeitos no discurso humorístico – quanto ao "sentimento" de cumplicidade que se estabelece no reconhecimento das regras implicadas – não explicaria um processo de aproximação, ou melhor, intenção lúdica? Se a linguagem cumpre com a função de reduzir distâncias, de promover a legitimação dos sujeitos e a interação entre os homens, nada melhor do que repassar ao discurso de humor a responsabilidade interativa de primeira ordem: tanto na concepção corretiva (chamar ao equilíbrio) desenvolvida por Bergson, ou catártica (defendida por Aristóteles), quanto na acepção kantiana que aproxima o humor da estética, numa clara alusão ao prazer.

Contudo, por mais embasadas que se mostrem as discussões sobre o assunto, haverá sempre a dificuldade de estabelecer critérios puramente lingüísticos para caracterizar discursos humorísticos. Mas, há de se observar que o riso é a mais genuína prova da cumplicidade que se estabelece para além dos limites da língua entre "jogadores" (sujeitos do/no discurso), "instrumento de jogo" (língua) e "regras de jogo" (mecanismos de decodificação, interpretação e interação).

## CAPÍTULO IV

### UMA PROPOSTA DE LEITURA DOS DISCURSOS/TEXTOS DE HUMOR

#### *1. Conceitos tipológicos*

Ao mesmo tempo em que procura distinguir um discurso de outro, considerando as condições de uso da linguagem, a AD objetiva inserir o uso desse mesmo discurso em um domínio comum. Essa dualidade na determinação do objeto, por mais paradoxal que possa parecer num primeiro momento, é a responsável pelo manuseio sistematizado do próprio objeto em análise: o discurso.

"...o **tipo**, em análise de discurso, tem a mesma função classificatória metodológica, que têm as **categorias** na análise lingüística."  
(Orlandi, 1987:217)

A necessidade de organizar um corpus de acordo com certas características, propriedades, faz emergir determinadas classes que, a priori, sistematizam a realidade discursiva. Não se pode aumentar a possibilidade de tipos estanques, em decorrência da própria natureza ideológica do discurso. Considerando-se o discurso – atravessado pelo não-dito e por toda ordem de implícitos e possibilidades parafrásticas – como produto de um sujeito – se realiza nele – e de um processo discursivo, demonstra-se o olhar externo lançado sobre ele. Ou seja, para sistematizar, para elencar uma tipologia discursiva, a relação que se estabelece com o objeto (discurso) é de exterioridade.

As condições de produção (situação imediata ou situação de enunciação) são fatores determinantes das propriedades e características discursivas. O contexto sócio-histórico, (ideo-

lógico), tanto quanto o contexto imediato, (de enunciação), desta forma, devem servir de referência a qualquer tentativa de tipologizar o discurso. Metodologicamente, o tipo (ou tipos) assegura (ou asseguram) que o objeto – discurso – seja apreciável do ponto de vista de uma possível generalização.

Segundo Orlandi,

"...pensar a sistematicidade do objeto da análise de discurso é refletir sobre a questão da tipologia e, necessariamente, sobre o estatuto das diferentes espécies de contexto."  
(1987:218)

e, como afirma ela, a referência ao contexto no sentido lato (contexto sócio-histórico, ideológico) está para a forma mais abrangente de estabelecer uma tipologia.

Desta forma, a própria análise que se levanta sobre um discurso pressupõe um outro discurso, ou seja, uma "leitura que se constitui em determinadas condições" (Orlandi, 1987:219). Ao estabelecer um tipo, o analista já priorizou certas características, lançando mão da leitura de alguns dados que determinam o recorte tipológico. Isso implica a compreensão da relação do analista com o objeto de análise, a qual não se dá de forma abstrata, visto estarem em relevância tanto os objetivos da própria análise quanto a natureza do texto. Conforme Orlandi (1987), estes dois fatores determinam a tipologia adotada na análise de qualquer discurso.

## ***2. Sobre a metodologia adotada.***

Concordando com o que disse Guespin (1976, Apud Orlandi, 1987) sobre a categorização na AD ser um tanto quanto intuitiva, este trabalho valer-se-á do empréstimo de algumas concepções metodológicas já desenvolvidas, em função da natureza do próprio trabalho: uma proposta de leitura que recorta um tipo de discurso supostamente já definido (o discurso de humor). O enfoque dado por Guespin (idem) está na necessidade de se categorizar "o que faz com que um discurso funcione", ao invés do julgamento que se possa fazer sobre ele. Incidindo, tais observações, na tipificação dos discursos das diferentes formações discursivas, destacando as dominantes de seu funcionamento.

Outro empréstimo dar-se-á sobre as concepções desenvolvidas por Bakhtin (1988) acerca do discurso citado; de acordo com o teórico russo, a enunciação é a instância de realização do fenômeno social da interação verbal, enquanto substância da língua. E o discurso, por sua vez,

reflete o modo como as formas da língua reagem a certas características de ordem social. A concepção interativista defendida por ele – cruzamento de discursos – servirá de base para apontar não só o "intertexto" no discurso de humor, mas a própria citação em forma de "discurso de outro", além de ressaltar a atuação do contexto social sobre a organização da materialidade simbólica da língua e como esta dispõe a ideologia.

Bakhtin vinculou as formas de discurso a um contexto sócio-econômico, considerando o domínio de cada uma dentro de uma época específica. Este trabalho, embora não ousando traçar caminho idêntico, ousará, entretanto, caracterizar os tipos de discurso a partir dos movimentos sociais, principalmente daqueles que, à primeira vista, parecem fornecer material para o humor de tema político.

Ainda, há de se considerar que a leitura proposta neste trabalho dar-se-á sobre uma distinção praticamente já determinada, em outros níveis, pela AD. Ao que se deve somar um certo consenso estabelecido de antemão por outras tipologias que levam em conta os referentes institucionais: política, religião, jurisprudência, entre outros, cujos critérios – já dados – são herdados pela AD que, sendo teoria crítica, não se "obriga" a usá-los senão como hipótese de trabalho (Orlandi, 1987).

As condições de produção a serem observadas estarão delimitadas ao espaço histórico (ao lugar e à época) em que se dá o discurso, constando para tanto, as referências necessárias a essa identificação, tentando dar conta da relação linguagem/contexto.

Uma questão particular ilustrará a maior parte do corpus, registrando-se tão-somente uma variação em níveis: a da polissemia. Por tratar-se de discursos com alto grau de ludicidade – mas não só! –, os sentidos inscrevem-se numa instância de jogo, pressupondo (ou imaginando) um interlocutor (leitor, especificamente) capaz de mobilizar um conhecimento de mundo determinado no próprio funcionamento discursivo.

"...um **tipo** de discurso resulta do **funcionamento discursivo**, sendo este último definido como a atividade estruturante de um discurso determinado, para um locutor determinado, por um falante, determinado, com finalidades específicas."

(Orlandi, 1987:153)

Ainda, em decorrência da provisoriedade dessa leitura sobre os discursos de humor, o corpus encontrar-se-á dividido em recortes com e sem enunciado. Para tanto, faz-se necessária

a prévia discussão e concepção do que se dá entender tenha sofrido o "recorte".

### **2.1. Discurso e/ou texto:**

Discurso e texto, numa abordagem da análise do discurso, equivalem-se, considerando-se os níveis conceptuais a que pertencem. O primeiro, segundo Orlandi (1987:159) "... é tomado como conceito teórico e metodológico, e o texto, (...) como o conceito analítico correspondente." O texto é, ainda de acordo com a autora, "... a unidade complexa de significação (...), uma unidade de análise não formal, mas pragmática."(idem). Assim, interessa, para fins de análise, o texto, enquanto unidade funcional. Enquanto que é no discurso que a linguagem realiza sua capacidade interativa, considerada em relação às suas condições de produção. Daí decorre dizer que o discurso é fenômeno social.

Os limites de um texto não são traçados pelo espaço confirmado entre o que, consensualmente, determinamos início e fim. Um texto pode ser composto de uma única frase ou até de uma única palavra. Sua definição não está restrita à extensão que apresenta, mas sim, à capacidade que possui de significar em relação à situação. Assim, o "recorte" deste trabalho enfoca a produção de textos, sob os parâmetros da AD, nos quais a noção de discurso acolhe o primeiro como unidade do processo de significação. E é sob este ponto de vista que a classificação apresentará textos com enunciado e textos sem enunciado, discorrendo, a seu tempo, sobre a questão da pertinência lingüística.

## **3. O percurso da análise**

Faz-se necessário, neste momento, apontar algumas distinções entre os textos arrolados com o intuito de caracterizar o universo de discurso ao qual pertencem. Como o trabalho, a partir de agora, se dirige mais especificamente para os textos de humor, cabe observar-lhes:

**3.1) O caráter formal:** O corpus condiciona à análise, textos que permitem uma pré-classificação, não de ordem primeira, mas necessária para a organização sistemática das categorias que envolvem a apresentação. Ei-la:

#### **a) Chistes (ou piadas)□**

geralmente classificadas pelos recursos técnicos empregados e pelo uso que deles é feito no discurso (caricatura, caracterização, afronta, etc.).

<sup>1</sup> Segundo Fre

1 - É importante chamar a atenção para o emprego do termo "piada", num sentido que não abrange a definição dada ao chiste, por Freud, nem às definições (desencontradas?) que a literatura acadêmica arrola, mas sim, atende ao que convencionalizou-se popularmente chamar "piada". O termo, morfológicamente falando, por si só instiga à reflexão lingüística, porém, não se entrará em tais considerações neste trabalho.

O "environment" dos chistes, pelo menos neste primeiro momento de análise, parece ser mais produtivo – não se apontando a incidência de chistes reproduzidos oralmente que não configuram objeto deste trabalho – nas publicações de almanaques. Ilustradas ou não, as piadas – termo mais popular para chistes – são confinadas a um espaço mais ou menos delimitado em função do nível de ruptura que provocam, isso, em se referindo à questão da censura. Tanto que, nos almanaques à disposição, a marca da classificação – dir-se-ia: moral? – evidencia-se no rótulo: "DESACONSELHÁVEL PARA MENORES DE 18 ANOS." O que já faz pressupor um "tipo" de texto, um "tipo" de leitura e um "tipo" de interlocutor.

**b) Cartuns:** termo oriundo do inglês (cartoon)<sup>1</sup>, caracteriza-se pelo aspecto anedótico. Compõe-se de um desenho acompanhado ou não de enunciado. Do "cartoon" em seqüência surgiu a historieta cômica. A característica principal do cartum é a quase total ausência de enunciado. A figura reenvia ao contexto informativo referencializado, numa operação que se poderia dizer calcada na capacidade do interlocutor de reconhecer e estabelecer relações. O cartum, como proposta de texto humorístico, pode servir à formalização de qualquer tema, porém, sua veiculação parece estar mais propriamente ligada a instrumentos de crítica social, o que explicaria sua exploração no meio jornalístico.

**c) Charges:** palavra de origem francesa (charge) caracterizava-se por uma representação fictícia, de caráter burlesco e caricatural, em que se satiriza um fato específico, em geral de caráter político e que é do conhecimento público (Novo dicionário Aurélio, 1986). Representa um dos modelos de texto de humor de maior conotação sócio - política, em decorrência dos temas enfocados e do espaço consagrado em jornais e revistas de grande circulação. Segundo Kneipp (1990:60), a característica básica das charges é a operação que se dá metaforicamente, onde ocorre a transformação de uma coisa em outra sem que entretanto, a primeira se dilua na outra. O corpus apresentar-se-á com uma subclassificação das charges em função da presença/ausência de enunciados. Contudo, há de se considerar as modificações que vêm se processando sobre este modelo de texto, principalmente no que se refere à forma. Originalmente, a charge aproximava-se do cartum; hoje, os chargistas recorrem à "colagem" simultânea de modelos outros, produzindo o que, empiricamente, poder-se-ia chamar: charge - quadrinho, charge-crônica, charge-anúncio, charge-receituário e por aí afora. Porém, tal forma de apreciação será tão-somente apontada pelo presente trabalho.

1 - Enciclopédia Barsa, Vol. 5, (verbetes caricatura), Rio/São Paulo. Enciclopédia Britânica do Brasil, Publicações Ltda, 1982. Conforme Aurélio: desenho caricatural que apresenta uma situação humorística, utilizando ou não, legendas.

**d) Tiras:** Por tiras<sup>1</sup>, classificam-se os textos de humor ilustrados que apresentam, singularmente, uma estrutura narrativa – à maneira dos quadrinhos, porém, com uma brevidade que os assemelha aos chistes. Quando apresentam-se em forma de cenas, dificilmente ultrapassam o número de três. Os temas, parecem delimitar-se ao enfoque sócio-político, posto não se ter encontrado este modelo de texto em outras publicações que não jornais.

**e) Quadrinhos:** Os quadrinhos fizeram seu espaço, primeiramente, nos jornais, sendo que as publicações condensadas em forma de revistas só apareceram bem mais tarde. Caracterizavam-se por apresentar narrativas sectadas em cenas, privilegiando tanto o espaço da enunciação quanto o do enunciado. Os níveis de humor são francamente distintos neste modelo de texto, de forma a se observar, hoje, como que uma subcategorização dentro do próprio modelo, em função do público-leitor. Basta que se observe a existência de gêneros distintos de revistas em quadrinhos que demandam desde uma argumentação e ilustração porno-erótica até as que parecem dirigir-se a um público-leitor não marcado pela censura. Contudo, este trabalho recorta apenas os quadrinhos publicados em jornais, em função da brevidade com que são apresentados os textos neste espaço, a fim de garantir uma delimitação específica do objeto em análise.

**f) Crônicas:** Modelo de textos que se constitui em apresentar uma narração em ordem cronológica, interessa a este trabalho enquanto construção humorística. Novamente, é no meio jornalístico que a crônica enquanto texto humorístico ganha espaço, tanto em decorrência da crítica social que evidencia quanto à atualidade do tema apresentado. Além dos jornais, revistas com tiragens semanais valem-se da crônica humorística para presentificar assuntos da esfera político-social.

**3.2) A questão da produção/interpretação:** Conforme Freud (1977), não se deve confundir processos psíquicos envolvidos na produção do chiste com processos psíquicos envolvidos na sua interpretação. Isso significa dizer que duas situações são basilares para o estabelecimento da análise que se propõe.

A gramática – enquanto conjunto de regras que estruturam uma dada língua –, serve de instrumento à construção de enunciados, configurando-se, nesse processo, o que se entende por produção. A partir de determinadas regras, o falante produz um enunciado, fundando e fundando-se num "continuum" – movimento de constituição e transformação. Daí surge a concepção de texto, enquanto recorte de uma produção que se fez a partir de regras escolhidas. Os textos de humor, nesse âmbito – como qualquer outro texto! – sugerem uma seqüência de

1 - A denominação "tira" não atende a nenhuma fonte de pesquisa, postulando-se que tal classificação assegure seu caráter consensual (em função do uso propagado pelo meio jornalístico) e impreciso (a tipologia é tão - somente uma proposta de leitura).

escolhas que podem ser analisadas sob um enfoque criativo. O que exige deste trabalho se busque determinar os mecanismos usados na/pela criação não do humor, mas das condições para que ele se instale.

Já por interpretação deve-se entender o processo através do qual ocorre a compreensão de enunciados emitidos por outros, amparado – o processo – no estabelecimento de relações de identidade entre os elementos que constituem tanto o enunciado quanto a enunciação. Desta forma, os textos em questão, no corpus deste trabalho, são vistos a partir do resultado, do enunciado propriamente dito e da enunciação que, por sua vez, assume caráter fundador do primeiro. Assim, há de se tentar explicar não só o mecanismo que produz o enunciado risível, mas também aqueles responsáveis pela sua interpretação.

**3.2.1) Os níveis de interpretação:** A produção de textos humorísticos incide sobre um nível explícito e outro implícito, o que equivale dizer que a interpretação que se pode fazer a partir daí decorre das relações estabelecidas entre tais níveis. Eis que cabe retornar uma vez mais à questão do conhecimento enciclopédico demandado em qualquer estágio da operação interpretativa, como sendo determinante da própria operação. E, em se admitindo necessária a noção de implícito para a análise, admite-se igualmente a noção de pressuposto e subentendido, o que ocasionará a dedução das leituras possíveis veiculadas nos/pelos textos.

A análise tentará descobrir as "operações" utilizadas na indicação do(s) sentidos(s), sem contudo priorizá-las em detrimento da tipologia almejada. Porém, faz-se necessário apontar tais mecanismos em virtude da caracterização do humor, especificamente do humor político, objetivo básico deste trabalho.

**3.3) A questão do texto com e sem enunciado:** Adotou-se, como critério, o agrupamento do corpus em dois blocos: o dos textos que apresentam enunciado (ocorre a presença de elementos lingüísticos, de palavras ou sentenças: o discurso se instaura na/com a materialidade simbólica da língua) e o dos textos sem enunciado (constituídos por critérios básicos do processo metafórico).

Sobre o primeiro bloco parece não pairar muitas dúvidas, porém, deve-se observar que, em se tratando de um modelo de textos criados com um fim lúdico/prazeroso ou crítico/corretivo, as regras a que atendem estão mais para as de jogo – tal qual já se observou – do que para as que comumente formalizam outros modelos de textos. Daí que nem sempre critérios da língua darão conta dos níveis de interpretação implicados. Dado este que facilmente pode ser comprovado pela incidência das imagens – função pictórica da metáfora – na produção dos textos.

Para a configuração de tal bloco ou grupo de textos, levou-se em consideração a presença de qualquer elemento lingüístico, desde que não tomado de forma icônica ou pictórica, como se dá na caracterização do segundo grupo. Deste último fazem parte os textos cuja produção fundamenta-se sobre a figura, a imagem, ou a metáfora, com ausência de elementos lingüísticos propriamente ditos. Ou seja, tentar-se-á dar conta de apresentar "modelos" de textos de humor que operam com a produção de informações ao nível da interpretação – o leitor "produz" palavras na interpretação.

## **4) A classificação**

### **4.1) A classificação por tema/processo**

Este item pretende esboçar os critérios da classificação por tema, reservando-se para o próximo capítulo – o da análise propriamente dita – a caracterização do tipo em referência. Vale salientar que a terminologia empregada pretende atender – sem desconsiderar a ousadia de tal pretensão – ao leque de abrangência semântica inferido tanto pelo tipo quanto pelo próprio termo adotado e, principalmente, pela leitura realizada. Por mais que cada termo tenha sido tomado emprestado a curto prazo – dado ser esta tão-somente uma proposta de leitura – paga-se o preço da imprecisão.

Aliada à dificuldade de se estabelecer fronteiras claras entre os recortes, acresce-se à classificação um caso particular em que a terminologia está mais para o processo instaurado na construção dos textos do que para a tematização dos mesmos. Contudo, a tentativa, longe de fugir à sistematização, é a de associar o nome ao tipo, buscando uma caracterização mais empática.

A análise estabelecer-se-á sobre os seguintes tipos de textos de humor, denominados como segue:

4.1.1) HUMOR RACISTA: Abrangerá a análise de textos cujo humor se faz sobre temas relacionados ao preconceito racial, à condição da nacionalidade portuguesa (textos desse tipo já encontram consensualmente uma classificação, tanto que alguns almanaques pré-anunciam: PIADAS DE PORTUGUÊS!), à condição da negritude.

4.1.2) HUMOR SEXISTA: Agrupará textos cuja temática aborda situações relativas ao sexo, à prática sexual, ao comportamento homossexual.

4.1.3) HUMOR ECOLÓGICO: Como o nome pressupõe, este tipo de textos enfoca

um "humor verde", onde se faz presente a crítica pela inexistência de uma política de preservação do meio ambiente.

4.1.4) HUMOR FUTEBOLÍSTICO: Reúne questões relacionadas à administração e prática do futebol brasileiro, principalmente ao período relativo ao desenrolar da copa do mundo, quando a seleção brasileira de futebol passa a ser o centro das construções.

4.1.5) HUMOR CONTRAIDEOLÓGICO: Referir-se-á aos textos que veiculam um discurso contra-ideologia.

4.1.6) HUMOR SOCIOLÓGICO: Agrupar-se-ão sob este tipo de humor os textos cujo tema recai sobre questões sociais sem conotações políticas de maior amplitude: relações familiares, papéis familiares, relações de ordem profissional, tais como as já conhecidas "PIADAS DE MÉDICOS".

4.1.7) HUMOR SÓCIO-POLÍTICO: Reunirá textos de humor cujo tema enfoca a relação político-social entre regiões do Brasil (norte/sul), regionalismos e/ou metropolismos caracterizantes.

4.1.8) HUMOR POLÍTICO: cabe observar que, neste grupo, de acordo com a leitura realizada, inscrever-se-á o maior número de textos de humor, relacionados a questões de ordem social, econômica e política, no sentido estrito do termo.

4.1.9) HUMOR SOCIOLINGÜÍSTICO: O humor assim classificado envolve as já conhecidas "PIADAS DE CAIPIRA", mas não só; posto tais textos colocarem em evidência além das diferenças dialetais, as diferenças sócio-culturais configuradas nas manifestações lingüísticas, e o conseqüente movimento polissêmico provocador de "outras leituras", possivelmente residindo nelas – outras leituras – o mecanismo instigador do riso.

4.1.10) HUMOR EPILINGÜÍSTICO OU METALINGÜÍSTICO EM SENTIDO AMPLO: Neste tipo de texto, como já se observou, a terminologia (tomada por empréstimo) está em relação ao processo construtivo que mobiliza reflexões sobre os mecanismos lingüísticos em jogo, com o fim de, desnudada a própria reflexão, instaurar o humor. Segundo Geraldi (1991:24) as atividades epilingüísticas ou metalingüísticas em sentido amplo tomam, independente do nível de consciência, as próprias expressões usadas por objeto, suspendendo o tratamento do tema a que se dedicam os interlocutores para refletir sobre os recursos expressivos que estão usando. Textos com o humor assim construído não parecem ser facilmente encontrados, mas há de se observar que principalmente os quadrinhos valem-se desse modelo de operação interativista.

#### 4.2) *A classificação por níveis.*

Em função do reconhecimento das "operações" de construção dos textos que provocam riso, buscará a análise dar conta da transitoriedade do emprego dessas "operações". Quer se dizer com isso que os mecanismos lingüísticos mobilizados em função do humor o foram, não por condições particulares, como por exemplo: natureza pragmática, mas simplesmente por questões que somente as circunstâncias podem explicar, ou seja, qualquer das "operações" empregadas poderá, em outras circunstâncias, produzir outro tipo de efeito de sentido. Tal é o que levanta Possenti (1991:492), dizendo ainda que tais operações devem ser vistas sob um ângulo circunstancial de "agenciamento."

Os níveis que serão apontados pela análise – não sob critérios pré-estabelecidos, mas sim detectados após uma primeira leitura – encontrar-se-ão assim especificados:

4.2.1) **Lexical:** Palavras atravessadas por vários discursos operando como veículo de leituras encobertas.

4.2.2) **Semântico:** Tentará dar conta do conjunto de fatores ligados à polissemia, à construção do "sentido único" (literal), do "desvio", da pressuposição e da ambigüidade, bem como das questões relacionadas ao esvaziamento e preenchimento de sentido.

4.2.3) **Morfológico:** Os efeitos de sentido provenientes das possibilidades que as palavras oferecem de serem segmentadas e transformadas em imagem/figura – metamorfia.

4.2.4) **Fonético - Fonológico:** Veiculação de sentidos (discursos) outros, mediante o manuseio do potencial sonoro oferecido pela língua: pronúncia, aproximação fônica (inferência) assonância, alusão sonora.

4.2.5) **Sintático (sintático - semântico):** Posições vazias, ambigüidade gerada pela colocação (posição dos termos no sintagma). Não parece ser possível precisar o limite da ação sintático/semântica sobre o texto, no que diz respeito às questões de interpretação e mobilização de sentidos, porém este nível propicia que se observe algumas questões.

4.2.6) **Pictórico:** Enfocará o processo da metamorfia, da "colagem" de textos, da aproximação de sentidos pela imagem/figura, da construção de sentidos pela relação de similaridades icônicas.

A análise dos textos de humor tentará, ainda, identificar o "gatilho" lingüístico (dentro dos níveis especificados) que mobilizou a ruptura da "univocidade" do sentido, determinando a possibilidade de outros sentidos – discursos superpostos – e por conseqüência, instalando o humor (enquanto fenômeno condicionado ao reconhecimento de certas regras da interlocução estabelecidas tanto pela língua quanto pelo domínio do contexto – conhecimento de mundo).

Listam-se os respectivos "gatilhos" (fatores) identificados na primeira leitura:

a) **Inferência:** Segundo Freud (1977:93), a inferência é uma das propriedades do método denominado por ele de "alusão". Dá-se pela representação de alguma coisa que não pode ser expressa diretamente – se bem que a observação de Freud está associada à teoria psíquica de reconhecimento e significação. Assim, em se tratando de um enfoque lingüístico, a inferência – tal qual indica Possenti (1991) – dá conta do reconhecimento de certas regras sintático - semânticas implicadas no jogo discursivo. Este trabalho quer entender que tais regras podem ser explicadas pelas atividades epilingüísticas, onde a reflexão sobre o objeto lingüístico recorta um contexto interativo e a ação reflexiva expõe um conhecimento específico do sujeito envolvido na interlocução. Daí o efeito de sentido constituir jogo lúdico/estético ou crítico/corretivo;

b) **Alusão:** Conforme exposto acima, para Freud a alusão é um método representativo e engloba a inferenciação. Vai além, distinguindo "duplo sentido com alusão" (1977:93) de alusão, simplesmente. Pretende-se que, por alusão, seja entendida a operação de conexão que se estabelece entre um elemento (fônico, lexical, sintático, semântico, etc) dito ou mostrado (imagem, ícone) no processo enunciativo como um todo e o que é sugerido (mas não dito diretamente) como elemento de substituição/constituição. No processo alusivo, várias instâncias de associação podem ser estabelecidas, tanto em se falando de produção quanto de interpretação;

c) **Pressuposição:** De forma simplificada, a análise apontará os casos em que através de um operador argumentativo instalar-se-á um outro discurso, aquele que não é dito mas veiculado.

d) **Esvaziamento:** Em se observando a discutível questão do "sentido único" (literal) e "sentido vagueante" (alçado), tal qual se fez no cap. III deste trabalho, tentar-se-á reconhecer o esvaziamento a partir das concepções adotadas por Freud. Ele (1977:49-52) não deixou de reconhecer as múltiplas faces que a língua, enquanto material simbólico, oferece ao jogo da constituição dos sentidos. Evidencia a existência de um sentido "pleno" e, em contrapartida, um sentido "esvaziado". Diz:

"As palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas. Há palavras que, usadas em certas conexões, perdem todo seu sentido original, mas o recuperam em outras conexões. (...)  
(1977:49)

É exatamente essa operação que tentar-se-á identificar no decorrer da análise do corpus do presente trabalho, levando-se em conta a questão da constituição dos sentidos e o movimento que o "jogo" nos textos de humor desencadeia para a sobrevivência de sentidos superpostos. Ainda, o que Freud classificou como "recuperação do sentido pleno"<sup>1</sup> pode ser entendido como uma operação metalingüística indireta no sentido (eis a própria operação!) em que este último termo permite sejam percebidos "ações da linguagem" (conforme Geraldi, 1991:26), capazes de expor a reflexão realizada sobre os recursos lingüísticos em jogo no/do discurso.

e) **Preenchimento:** pretende-se que por preenchimento seja entendida a operação contrária ao esvaziamento, onde o processo da formação dos sentidos se faz pela "condensação" (termo usado por Freud para identificar modelos de chistes) de significados.

f) **Deslocamento:** Segundo Freud entendeu (1977:68), o deslocamento é uma técnica de construção do chiste que "...consiste no desvio do curso do pensamento, no deslocamento da ênfase psíquica para outro tópico que não o da abertura." Ou seja, além da presença da polissemia em textos deste tipo, a relação imprescindível se estabelece no desvio de foco que provoca a ruptura, o jogo, passível de ser observado na seqüência interpretativa ou mesmo interlocutiva.

q) **Inversão:** Tentar-se-á aplicar tal termo ao processo de construção de texto que mobiliza, através dos elementos que o constituem, uma interpretação contrária – tanto ao nível do leitor/interlocutor quanto ao nível da interlocução propriamente dita (no caso de textos que operam com pergunta/resposta, por exemplo).

h) **Ambigüidade:** como já se disse, é raro um texto de humor valer-se de um recurso lingüístico apenas, e, a ambigüidade parece ser um fator que acompanha (isoladamente ou em parceria com outros recursos) a maior parte das produções humorísticas. Por tal recurso classificar-se-ão os textos que apresentarem possibilidade de leituras alternativas, tanto em decorrência de termos polissêmicos (homonímia, homografia, etc) quanto em função de estruturas sintáticas que, conforme Geraldi (1987:58), são também chamadas "ambigüidades estrutu-

1 - Ao se dar espaço para os termos "pleno" e "literal" faz-se-o sem esquecer que para a AD não existe o sentido pensado "literal" ou "original", e tal pressuposto embasa este trabalho.

rais".

i) **Escopo:** casos há em que a interpretação incide sobre o que é dado no texto, mas considera como escopo um elemento inesperado, alçando um sentido não veiculado explicitamente, ou até mesmo desconsiderado pela lógica do texto. O humor instala-se então pela surpresa (ruptura) do outro discurso revelado; o jogo, além de semântico, lança mão, neste caso, de operações sintáticas (posição no sintagma, posições vazias, etc).

j) **Mudança de "script":** este tipo de operação revela, de acordo com Possenti (1991:514-515), uma "...complexa relação entre construções lingüísticas e situações sociais mais ou menos regradas." O que significa dizer que tais textos possibilitam inúmeras interpretações em função da estrutura gramatical que apresentam, bem como de alguns fatores contextuais e regras do tipo pragmático (ainda conforme Possenti) que inscrevem. As múltiplas interpretações, consideradas no próprio texto, fazem com que ocorra um jogo de "pega e escapa". De forma a estabelecer todas as possibilidades de ter-se, neste caso, uma operação epilingüística (indireta, talvez se devesse dizer, posto que as reflexões sobre o objeto lingüístico apenas se deixam entrever).

l) **Ironia:** reconhece-se altamente questionável a observação da ironia como "fator" de constituição de textos humorísticos, ao invés de ser considerada a partir de aspectos mais amplos, talvez definidores da própria produção do humor. Entretanto, tal tarefa – por questões de sistematização e especificação do objeto deste trabalho – não pode, por ora, ser empreendida. Mas nada impede que se faça uma tentativa de delimitar um dos aspectos da ironia – exatamente o que serve à análise – a partir das concepções desenvolvidas por Oswald Ducrot, em "O dizer e o dito"(1987:200-201) sobre ser a ironia uma "subversão" de um dizer, analisado como efeito polifônico. Como recurso, a análise aponta-la-á não apenas em textos compostos por elementos da língua, mas também, naqueles em cuja formação pictórica a "leitura" irônica se faça presente.

Deve-se apontar ainda que a co-ocorrência dos fatores ou "gatilhos" dentro de uma construção/texto de humor se dá na mesma proporção em que se harmonizam níveis e tipos, gerando textos ricos em estratégias e possibilidades interpretativas. O que, na verdade, vai ao encontro da constatação de que as relações lingüísticas escapam a qualquer classificação "purista".

## CAPÍTULO V

### PROPOSTA DE LEITURA DOS TEXTOS HUMORÍSTICOS

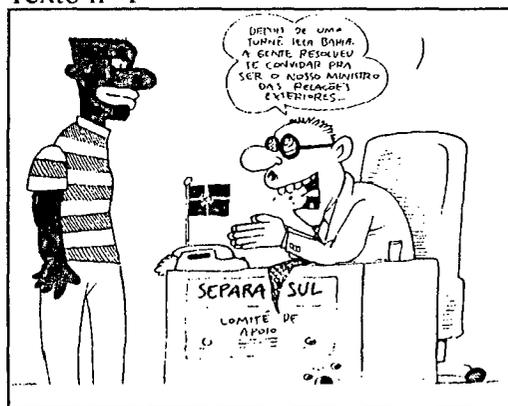
#### 1. Uma tipologia do discurso de humor

##### 1.1 Humor racista

Deve-se admitir a dificuldade de analisar o racismo (no leque de abrangências previstas: preconceito racial, nacionalidade portuguesa, negritude, indigenismo) como tema independente. O que se observa neste tipo de humor é a inferenciação recorrente operando como técnica principal.

Pode-se detectar tal argumento no primeiro texto desta série:

Texto nº 1



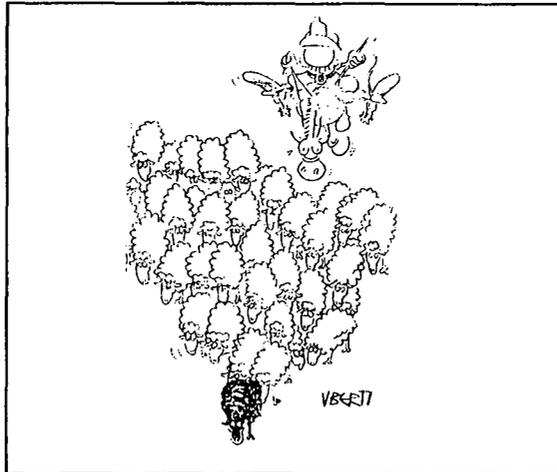
(Cartum, "Separatismo CORTA ESSA!", 1993)

O tema principal (se é que assim se pode pensar) está voltado para a questão do "separatismo" (movimento deflagrado por um grupo minoritário da região sul, cuja intenção era promover a independência de estados como Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul do

restante do Brasil), mas não oferece, ele próprio, "gatilho" para o humor. É o que se pode inferir sobre os pressupostos (não-ditos) em relação à negritude que levam o enunciador explícito a formular o dito.

No texto nº 2:

Texto nº 2



(Cartum, "Separatismo CORTA ESSA!", 1993)

o tema, além de veicular informações separatistas, adquire conotações políticas sob dois aspectos: 1) o de que a ovelha negra iconiza o Estado do Rio Grande do Sul, e 2) o de que é negra, numa "clara" alusão à cor do Governador do mesmo Estado, Alceu Collares, e a sua posição de "persona non grata" no contexto sócio-político (alusão ao dito popular: "ovelha negra da família"). Mesmo em se tratando de um texto sem enunciado, a reconstrução da leitura é altamente dirigida.

Já no texto nº 3:

Texto nº 3



(Tira, L. F. Verissimo, Jornal Zero Hora, 17-10-93)

tem-se uma operação mais sutil e que exige do leitor um conhecimento (mesmo que intuitivo) lingüístico mais refinado. O tema não veicula propriamente um tópico racista, mas opera sobre

uma ampla gama de inferências a partir do não-dito. A questão toda está no escopo de "como", o que possibilitaria reescrever a primeira fala: 1) "eu queria ficar tão branco quanto o Michael Jackson ficou; 2) eu queria ficar um branco igual ao Michael Jackson (que tem sucesso, dinheiro, mansões...); 3) eu queria ficar branco (mais branco, mais alvo) tal qual ficou o Michael Jackson (o que, por nova conexão, poder-se-ia pensar num extremo apagamento da negritude entendida como condição de baixo "status" social). Esse apagamento indicaria a topicalização implícita de preconceitos raciais, ideologicamente mantidos pelo "discurso não óbvio" (conforme Possenti, 1984).

Um exemplo mais claro de "discurso não óbvio" é dado pelo texto abaixo:

Texto nº 4

**Engano?**

O Manuel diz pra Maria:  
- Tu não me enganas, ó Maria...  
Eu sei qui tu estás a me traíre com o  
meu melhor amigo!  
E a Maria:  
- Quem está enganado é tu,  
Manuel, porque não é com o teu me-  
lhor amigo, não!

**(Piada, "Costinha nº 4, p. 83)**

O interessante neste caso é a associação extra-texto que se estabelece: a estupidez do português. Em textos sob este tema, parece ser esta uma operação recorrente.

Texto nº 5

**Navalha**

O português atropela e mata um  
burrico, na estrada. Fica desesperado:  
- Cometi um homicídio!

52

**(Piada, "Piada de Portuga nº 1")**

O fator lingüístico que mobiliza o humor é a pressuposição gerada pela afirmação do português, mas não só. Novamente, o discurso mobiliza um conhecimento relativamente consensual (isso em se falando daqui: contexto brasileiro que produziu tal consenso) de que todo português possui baixo índice de inteligência – o que constitui uma premissa, ou um "lugar" (topos) que fundamenta a construção.

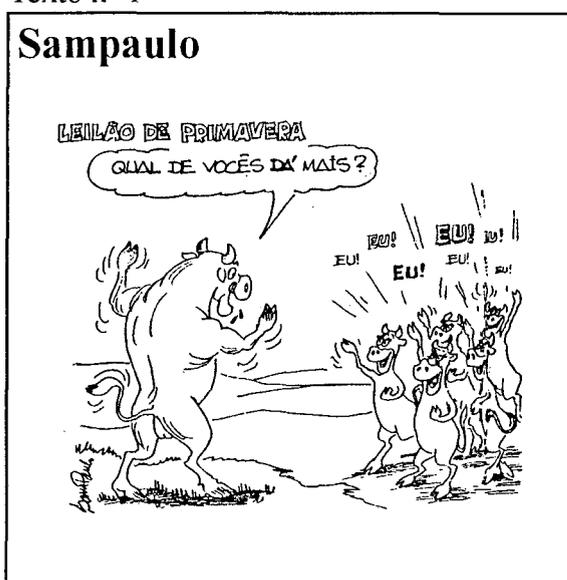
## 1.2. Humor sexista.

Parece ser possível afirmar que textos humorísticos relativos ao comportamento sexual (homossexualismo, erotismo, etc.), que nesta proposta optou-se por chamar "sexistas", apresentam-se construídos basicamente sobre material de nível semântico. Para fundamentar tal afirmação, poder-se-ia arrolar um número considerável de textos nos quais a polissemia aciona a recuperação do sentido risível.

No texto nº1, tem-se o primeiro exemplo.

O texto nº 2

Texto nº 1



(Charge, Jornal Zero Hora, 17-09-93)

Texto nº 2

### Bicha exigente

A bichinha foi comprar um carro e a primeira coisa que notou foi o volume da alavanca de câmbio do vendedor.

Ficou doidona:

– Olha, moço... Quero um carro, mas não quero Fusca, Fiat, Santana nem Monza...

– E o que você quer afinal? - pergunta o vendedor.

E a bichinha:

– Quero Dart, meu bem!

–

(Piada, "Piadas do Costinha nº 4, s/p)

além de operar com a questão do escopo do verbo "dar", produz uma aglutinação morfo-fonética que instaura o humor, por alusão sonora.

Um exemplo de operação sintático-semântica é o texto abaixo:

Texto nº 3



Não reclame doutor, foi o Senhor que disse que a paciente está em estado de coma! Então eu tô comendo.

(Piada, "Humor, Piadas e Anedotas nº67,s/nº")

que ao instaurar o humor demonstra a ação desencadeada pelo domínio de determinadas regras gramaticais

Já o texto abaixo:

Texto nº 4

#### Bichinha bate o carro

Duas bichinhas iam a toda velocidade pela estrada, quando, de repente a, que tá dirigindo perde a direção e **tum!** entra na traseira do carro que está em frente. As duas descem apavoradas, pensando nas conseqüências, quando o motorista do outro carro, um grandalhão com cara de lutador de boxe, desce rangindo os dentes:

- Ou paga ou **vai ter pau!**
- Uma das bichinhas respira aliviada:
- Viu só? Ele quer fazer um acordo!

-

13

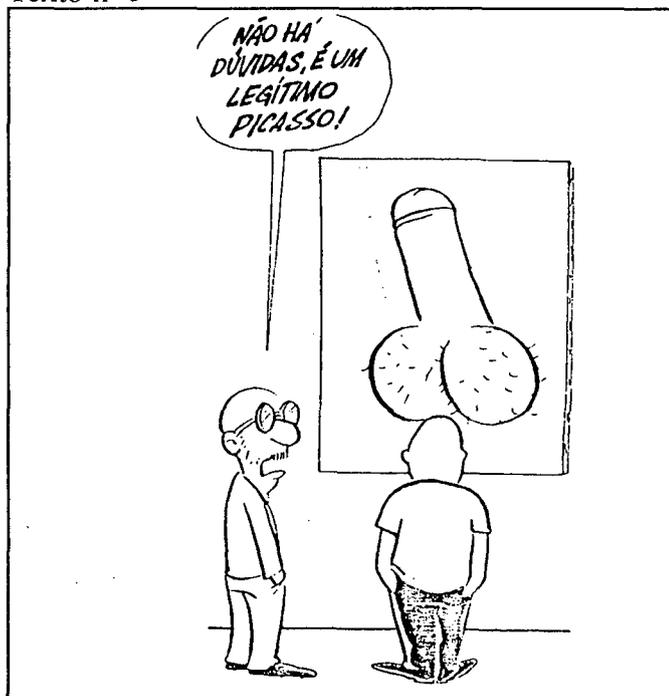
(Piadas, "As melhores piadas de Ary Toledo, nº 1")

revela, além da potencialidade de sentido do termo "pau", um desvio de foco marcado por dois lugares na enunciação: um evidenciado pelo sentido agenciado como "surra", "paulada", etc., e o outro pelo sentido agenciado como "genitália masculina".

O texto nº 5 reforça a noção do "outro sentido" tanto na alusão ao nome do famoso pintor Pablo Picasso, como na formação do grau aumentativo do termo figurativo "pica" para o membro sexual masculino.

O humor se constrói pela alusão com duplo sentido, de acordo com a concepção freudiana.

Texto nº 5



(Piada, As melhores piadas de Ary Toledo nº 1)

O texto nº 6 é um exemplo de produção interativista na qual a intertextualidade aproxima o espaço autor - enunciador.

Texto nº 6



(Piada, "As melhores Piadas de Ary Toledo, nº 1)

Mesmo não se detectando um "gatilho" lingüístico na instalação do humor, há de se observar que o discurso veicula uma operação interpretativa que exige uma leitura refinada e não

apenas lúdica.

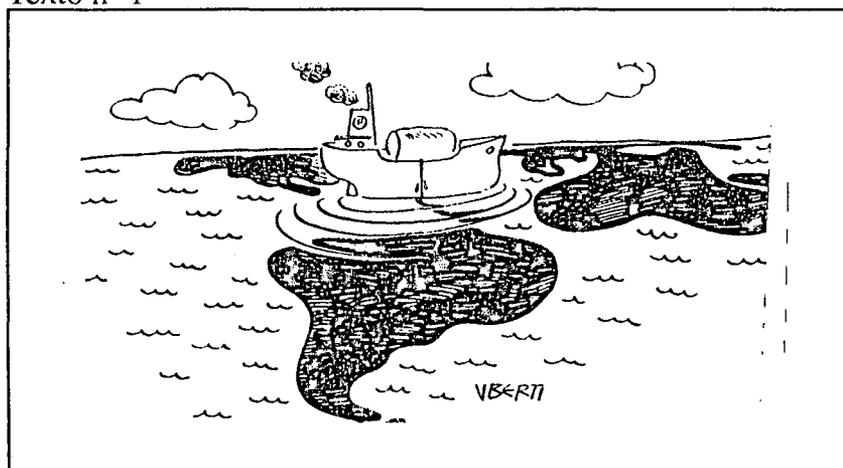
### 1.3 Humor ecológico

O tema específico deste tipo de textos reúne idéias/imagens acerca da destruição do meio ambiente, de modo a centralizar os principais problemas decorrentes de uma política não-preservacionista. Há de se observar, mesmo que ligeiramente, o caráter crítico destes textos e a relação de maior ou menor distância que mantêm com a ludicidade.

Os textos que são a seguir apresentados fazem parte de uma coletânea lançada pelo Projeto "Ama Terra", em outubro de 1990, sob o título "Humor Verde – Coletânea de Cartuns Ecológicos", da qual participam diversos cartunistas nacionais.

Se a afirmação de Lakoff e Johnson sobre a existência de sistemas metafóricos que

Texto nº 1



(Cartum)

possibilitam ao homem perceber a realidade aproxima acepções no campo de estudo da cognição, revela igualmente o trabalho abstrato que se empreende em toda operação signica. O "plano" conceptual é apresentado em dois níveis: o que se mostra de forma "concreta" (iconizada) cumpre com a função de chamar à percepção o que é "menos concreto."

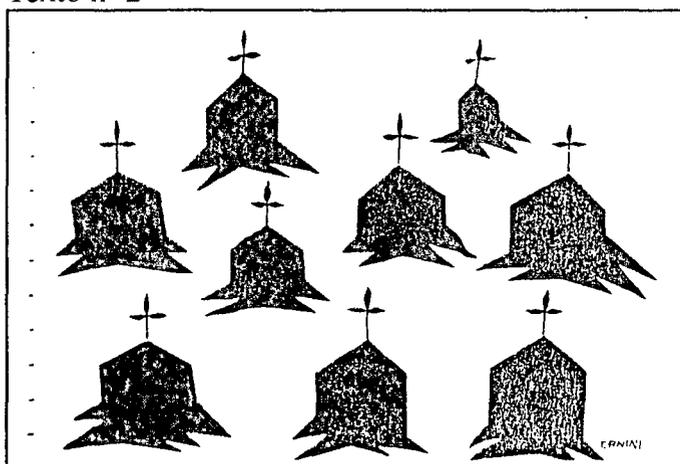
O que se concebe, então, não é a "coisa" (conceito) pura, ou a própria "coisa" em si, mas tão-somente aquela (aquele conceito) que, funcionando como ícone da outra, permite sua concepção. Daí a idéia (metafórica!) de "planos" superpostos para explicar a percepção do real. A retomada desses pontos tem por objetivo sustentar a análise desse bloco de textos (cartuns) produzidos a partir da "colagem" de idéias básicas: 1) o tema ecológico; 2) o contexto imediato (ou tópico).

O contexto desse primeiro cartum é o derramamento de óleo nos mares e oceanos (fato

que desencadeia verdadeira chacina da fauna e flora marítima), cuja responsabilidade política deveria ser exercida por todos os blocos continentais. Virtualmente, tal não está determinado no texto, mas é veiculado pelas "figuras" a partir dele, posto ser fácil observar até mesmo uma "inversão" (aí está a ruptura, o jogo) produzida no que se determina como informação: as manchas de óleo recortam contornos cartográficos e não aquáticos propriamente. É nessa "inversão" (que pressupõe um trabalho interpretativo) que se retrata a superposição de dois textos e o processo todo que sustenta um humor crítico, através da função pictórica da metáfora.

No texto nº 2 repete-se a mesma operação, diferindo apenas a focalização do tópico.

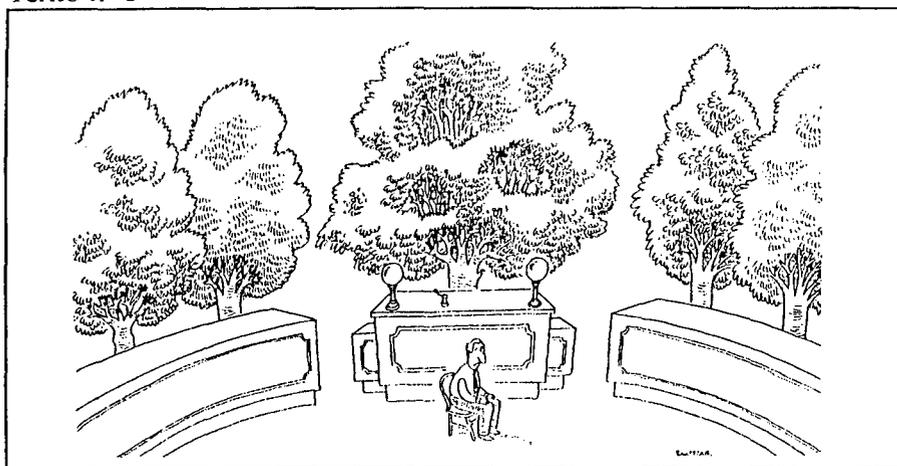
Texto nº 2



(Cartum)

Em 3,

Texto nº 3



(Cartum)

deve-se acrescentar um outro elemento: a ironia. Ligeiramente enfocada neste trabalho —por ordem da sistematização do objeto de análise— é reconhecida como um fator de constituição dos

dois textos. A ironia, no texto nº 3, co-opera com a reconstrução da "mensagem" inferida, temperando-a com a sutileza que caracteriza as produções irônicas.

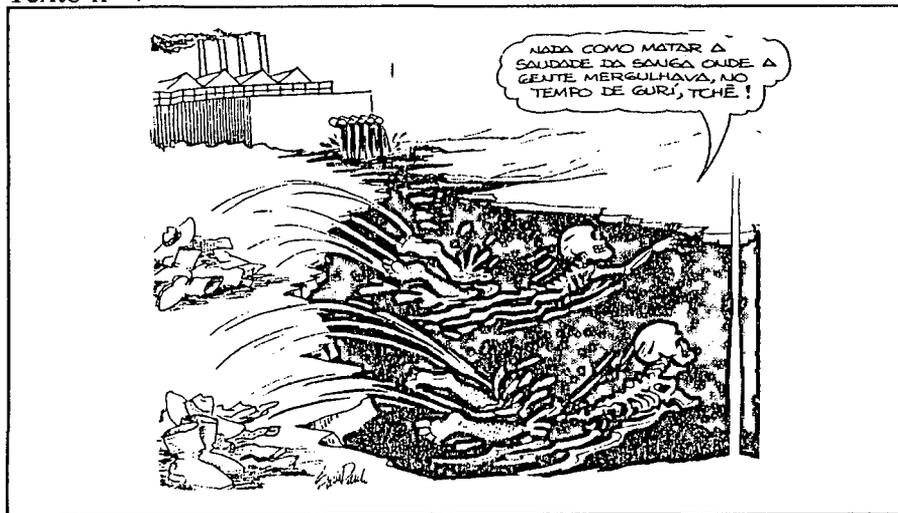
Os cartuns analisados não apresentavam o elemento lingüístico expresso em enunciados, como era de se esperar em função das características formais e genéricas consensualmente aceitas. Denominar-se-ão, então: cartuns **sem enunciados** (no sentido verbal).

Por que elaborar tais considerações que de longe marcam-se tautológicas?

Em função de os textos logo abaixo apresentados fugirem às características (primeiras?) do cartum, mas serem assim classificadas pelos próprios autores, faz-se necessário tais ressalvas. O trabalho apresentar-se-á permeado por observações deste tipo, em decorrência: 1) da escassez de material bibliográfico (teórico) sobre o assunto; 2) das constantes modificações impostas à formas dos textos pela criatividade dos autores.

Assim, a segunda denominação englobará os cartuns **com enunciados**.

Texto nº 4



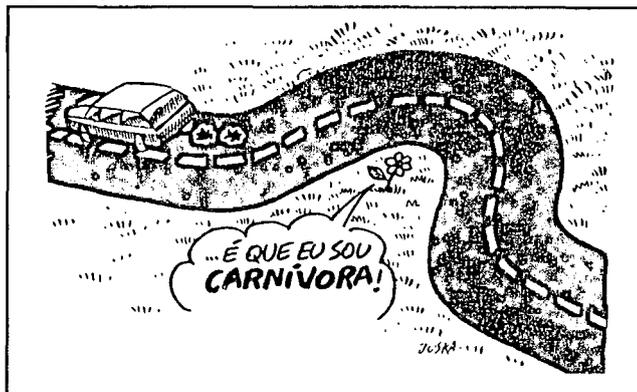
(Cartum)

Além de marcar a fala do sul através de termos que personificam o contexto gaúcho (sanga, guri, tchê), Sampaolo faz emergir a ironia em duas possíveis leituras: 1) o gaúcho saudosista (vive com os olhos no passado) não percebe (é "tapado") o avanço dos tempos, e não observando as mudanças, não participa politicamente (é/está ausente) das transformações, fato que contraria o "clichê" criado pela história caudilhesca do Rio Grande do Sul; 2) não é apenas a saudade que os dois gaúchos "matam" ao mergulhar na sanga poluída. O gatilho polissêmico instaurado pelo escopo do verbo "matar", somado à reprodução pictórica do sentido "extinguir", "assassinar" através da figura dos esqueletos inferem sobre a obviedade da situação. Na

recuperação do sentido pensado literal de "matar" encontra-se o "gatilho" para o riso. Um riso que, motivado pelo "discurso óbvio", poderá aludir a um juízo de valor (implícito) acerca dos personagens: estúpidos, estultos, insensatos.

A ironia, se bem que de forma ainda mais sutil, também pode ser observada no texto nº 5, pág. 26 do "Humor Verde":

Texto nº 5



(Cartum)

O não-dito é como que forçado pela figura frágil e solitária da flor, obrigando o leitor a buscar uma outra leitura. A ironia não está propriamente na "... construção do trajeto inverso..." como afirma Freud (1977:93), mas no "non sense" que o dito estabelece em relação ao que o contexto apresenta. Daí se alçar uma possível leitura crítica: ironicamente, preserva-se fazendo um grande desvio, a flor solitária, talvez última representante da espécie. Deve-se observar ainda um certo "exagero" compondo o texto. Exagero este que, além de construir o "non sense", serve para promover a ironia da situação: o homem destruiu a natureza (situação presumida e anterior), o homem "agora" (situação presentificada), imbuído de exagero desejo de preservação, "salva" o último objeto de sua destruição.

A criticidade aparece também na natureza interlocutiva do enunciado que marca a construção/resposta de uma possível interrogação: o porquê do desvio. Assim, seria pouco dizer que o texto trabalha apenas sobre o sentido contrário de "carnívora", posto ser esta tão-somente uma das possibilidades da operação interpretativa.

#### ***1.4. Humor futebolístico.***

Por ocasião da Copa do Mundo, o futebol brasileiro tornou-se tema central de textos humorísticos de fundo crítico e/ou derrisivo. Da charge à piada (ou chiste) as construções manipulam um "tecido" semântico que é, em larga escala, de domínio público. Tal situação é

explicada pelo "status" do futebol no seio da nação brasileira: "paixão nacional", como enfoca o texto nº 1, fugindo, entretanto, ao modelo de textos que o seguem.

Texto nº 1

**FANÁTICO POR FUTEBOL**

Aquele cara adorava futebol, era um verdadeiro fanático. O time dele tinha ganho, foi comemorar, chegou bêbado em casa, quando o filho falou:

- Pai, a mãe caiu lá na área!
- Na área? Então é pênalti!

**(Piada (chiste), "Ary Toledo nº 1", s/p)**

A natureza polivalente do termo "área" – oriundo do latim "area", é um substantivo feminino que designa "a medida de uma superfície" (conf. D.E de Antônio G. da Cunha, 1991:65) –, mas que o uso cristalizou como denominação do "espaço aberto no interior de um edifício (pátio)", entre outros significados, conforme aponta Aurélio: "superfície plana, delimitada; extensão de terreno; campo de atividade ou interesse; esfera, domínio" (1989) –, remete, dentro do mesmo campo semântico, ao termo consensualmente usado no futebol para nominar o espaço físico no campo, delimitado por linhas, que antecede a trave e cujas faltas nele cometidas são cobradas por "tiro livre", cobrança de "penalty". Cair na área, dentro das regras futebolísticas, desencadeia a cobrança, a multa. Não se trata aqui de um desvio propriamente dito, mas de "uso múltiplo" do termo – técnica apontada por Freud (1977:51). O que não se pode destacar neste exemplo, tal qual fez Freud em suas análises sobre os chistes, é a relação significado literal - significado figurado (ou metafórico), porque apesar do emprego consensual, de um dos sentidos, ele ainda o é dentro do mesmo campo semântico. O que significa dizer que o significado de "área" no futebol está tanto para "superfície plana, delimitada" quanto para "extensão de terreno" conforme definição dada por Aurélio (1989).

O desvio que provoca o riso é, em verdade, um desvio de foco que, detectado, promove a exposição do fanatismo (e da embriaguês) do personagem em questão, o qual não conseguiu adaptar-se ao novo "script" (novo quadro enunciativo).

Nos textos que seguem (a maior parte deles extraído de jornais) pode-se perceber um direcionamento do humor à crítica e à representação de fatos e/ou opiniões numa ordem de sucessão facilmente comprovável.

No texto nº 2:

Texto nº 2

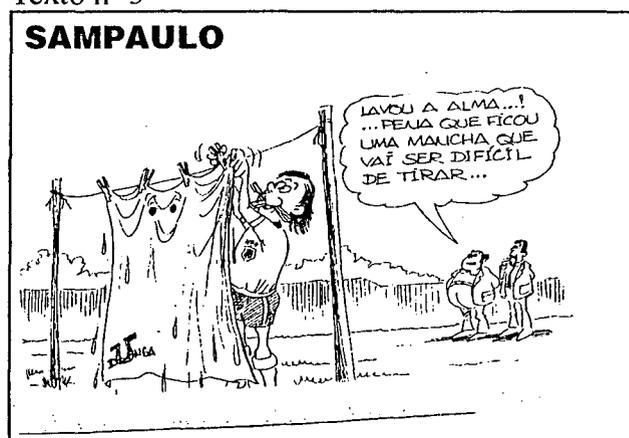


(Charge, Correio do Povo, 08-09-93)

o tema enfoca uma situação genérica no futebol: o tradicional xingamento à mãe do juiz, através do já lugar-comum "filho da puta!". Para quem domina a cena de uma partida de futebol, a pressuposição – que serve de gatilho, para o humor— é imediatamente reconhecida. Mas para que o humor se instale é necessário recuperar o não-dito do texto.

No texto que segue:

Texto nº 3

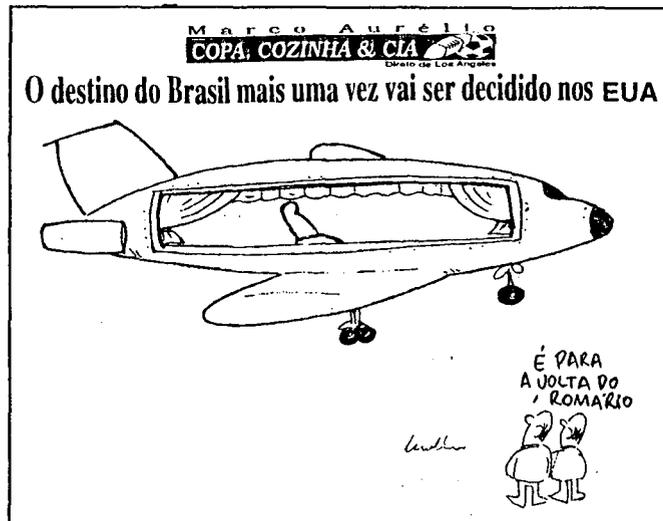


(Charge, Jornal Zero Hora, 30-08-93)

tem-se uma construção baseada na metamorfia, no "desvio" (segundo Jean Cohen). O sentido pensado literal mantém-se no alçamento do "novo" sentido, agregando-se, fundindo-se ao sentido reinvestido com outras imagens numa relação que depende e modifica toda a sentença. Opera aqui um fator de ordem sintático-semântica promovendo a leitura não explícita. Ainda, as figuras reenviam a um contexto que favorece a reconstrução: "o jogador Dunga (a vogal /u/ do nome é caracterizada no formato de uma ferradura (símbolo de sorte) de modo a determinar uma certa ironia) tornou-se conhecido como símbolo da copa de 1990, quando, segundo os críticos,

"prometeu muito e não jogou nada". Em 1994, ele volta a jogar e mostrar competência, de acordo com os mesmos críticos.

Texto nº 4



(Charge, Jornal Zero Hora, 16-07-94)

Marco Aurélio faz uso da ambigüidade e da figura para gerar um texto que exige, talvez, um leitor com um conhecimento de mundo mais refinado. Parece ser necessário ter conhecimento não apenas sobre a seleção brasileira, mas também sobre uma conjuntura político-econômica de maior amplitude que interliga o Brasil e os EUA.

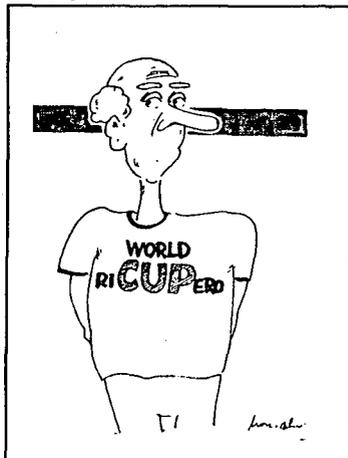
A charge pode ser analisada sob dois ângulos:

- 1) o que determina a observação da ambigüidade do primeiro enunciado na relação do duplo sentido constituído pelos termos "destino" e "decidido" e da pressuposição instaurada por "mais uma vez...";
- 2) o que se infere na interpretação do segundo enunciado em decorrência do primeiro.

Uma das possíveis leituras remete à história de dominação econômica entre EUA/ Brasil e o "lugar" conferido a Romário (desempenho no campo) de o "Salvador da Pátria". Difícil negar a ironia que todo o processo enunciativo evoca.

O texto nº 5 exemplifica – dentre muitos! – a série de charges publicadas pelo jornal Zero Hora durante a Copa do Mundo e que foram re-impressas pela Editora Gráfica Metrópole S.A., sob o título "Como o Brasil ganhou a Copa – Humor de Marco Aurélio".

Texto nº 5

**(Charge)**

Neste texto, o processo metalingüístico mobiliza o conhecimento enciclopédico do leitor, no mínimo em três níveis: 1) domínio da língua inglesa ou domínio intuitivo dos termos "world" e "cup"; 2) noção dos cortes morfológicos realizados no segundo termo; 3) recuperação do contexto e reconstrução do texto enquanto proposta alusiva.

### ***1.5. Humor contraideológico***

O discurso ideológico (dominante) provavelmente poder-se-ia detectar na maior parte (se não em todos) dos textos aqui tipologizados (e não apenas neles), mas trata-se, neste caso, de indicar a veiculação da contra-ideologia. Uma vez mais faz-se necessário ressaltar o papel do conhecimento enciclopédico na reconstrução destes textos e, especificamente destes, posto recortarem não só uma leitura de produção (cultura), como também uma leitura tipológica (classificação).

Texto nº 1

#### **Falando de empregadas**

Em visita a São Paulo, a dona-de-casa metida, do interior de Minas, comenta com a cunhada:

– Lá em Minas a gente tratamos as empregadas feito pessoas da família...

E a cunhada:

– Pois aqui é diferente! Temos de tratar com toda a consideração!

**(Piada, Costinha, nº 6)**

Este primeiro texto mobiliza indícios outros (sociolingüísticos, sociológicos) que por ora não determinam a leitura, apesar de interessar à AD, porém, o que vale apontar neste momento

é a pressuposição (premissa, crença) de que "as pessoas da família, em Minas Gerais não são tratadas com consideração." O não-dito é reforçado pela proposição: "Pois aqui é diferente".

Guardadas as diferenças contextuais, o mesmo processo é repetido nos textos nº 2 e nº 3.

Texto nº 2



(Piada, O Gozador nº 62, s/p)

Texto nº 3

**Na delegacia**

O delegado diz pro genro da vítima:

- Então o senhor viu um homem agredir sua sogra e não fez nada?

E o cara:

- Num acha que dois caras batendo numa velha seria uma tremenda covardia?

(Piada, O Gozador, nº 61, s/p)

Repete-se o processo da pressuposição com inferenciação no texto nº 4:

Texto nº 4



(Piada, Costinha nº 6, pág. 12)

Já no texto nº 5:

Texto nº 5

### **Desligada**

Tem cada mulher boazuda que quando abre a boca pra falar, é um tremendo desastre. Outro dia, vi um repórter perguntar pra uma das finalistas dum concurso internacional de modelos:

– Qual o seu hobby predileto?

Ela não teve dúvida em dizer:

– O de cetim vermelho!

– O repórter deu um sorriso amarelo e mandou outra pergunta:

– E o seu prato preferido?

– De porcelana! – respondeu a mulher.

**(Piada, "Humor do Costinha nº 7", s/p)**

ocorre um deslocamento a nível de tópico que permite a co-ocorrência de sentidos 1º) por assonância: "hobby" por "robe" e, 2º) de deslocamento: "tipo de comida" por "tipo de prato enquanto utensílio de mesa".

Deve-se fazer uma observação acerca deste tipo de textos que responde de certa forma mais ao porquê do nome escolhido para o grupo de textos do que propriamente à estrutura dos mesmos. Os textos em si mesmos não abordam um discurso contra-ideológico, mas veiculam a reconstrução de uma leitura nesse nível. O que vale dizer, reforça a visão de "ruptura" ou "correção" discutida por Bergson (1987) como ponto central do humor; ou seja: o texto tematiza o discurso dominante, mas a leitura veiculada implica na recuperação da crítica ao que está sendo dito. Em se analisando o texto, tem-se "uma" classificação, em se analisando o humor mobilizado pelo/no texto, tem-se a classificação apontada.

### **1.6. Humor sociológico**

Por humor sociológico pretendeu-se nominar os textos cujo tema aborda relações familiares, relações sociais (em sentido amplo) e relações profissionais, na ótica em que representam a ideologia dominante, repetem discursos cristalizados e marcam "lugares" e/ou "papéis". Exemplo desses "lugares" detectam-se nas construções das conhecidas "PIADAS DE MÉDICOS": ora com função crítica (sátira, derrisão) ora com função lúdica, o "lugar" do profissional da medicina é o que recebe maior desvio, cabendo ao mesmo profissional desempenhar o "papel" marcado pelo estereótipo.

Veja-se nos dois primeiros textos a função crítica e a marca dos "papéis":

Texto nº 1



(Piada, "Piadas de Médicos", nº 1, pág 107)

Texto nº 2



(Piada, "Piadas de Médicos", nº 1, pág. 7)

Em ambos, o discurso cumpre com a função de evidenciar o desvio, estabelecendo um nível de pressuposição mais "largo", de acordo com a concepção de Umberto Eco:

"...o texto é uma máquina preguiçosa, que exige do leitor um renhido trabalho cooperativo para preencher espaços de não-dito ou de já-dito que ficaram, por assim dizer, em branco, então o texto simplesmente não passa de uma máquina pressuposicional."  
(Eco, 1986:11)

O texto nº 3, valendo-se do escopo indeterminado do verbo "dar", mobiliza o mesmo

processo interpretativo.

Texto nº 3

### Quadro grave

Doutor Eduardo era daqueles médicos que não floream, vai direto ao assunto, conta tudo na cara-dura. Um dia, quando está saindo depois de examinar um doente durante várias horas, a mulher do moribundo pergunta:

– E então, doutor... o que devo dar pra ele?

– Quando for de manhã, se ele ainda estiver vivo, a senhora lhe dá bom-dia!

(Piada, "O Costinha" nº 6)

As relações familiares marcam "papéis" e "lugares", talvez, de forma mais clara.

É o que se pode observar no texto nº 4, quando o termo "irmazinha" é topicalizado na proposição e infere uma leitura inesperada, gerada pela relevância de apenas um sentido do termo: "grau de parentesco."

Texto nº 4



(Tira, L. F. Veríssimo, Jornal Zero Hora, 25-04-93)

Em 5:

Texto nº 5



(Tira, L. F. Veríssimo, *Jornal Zero Hora*, 01-08-93)

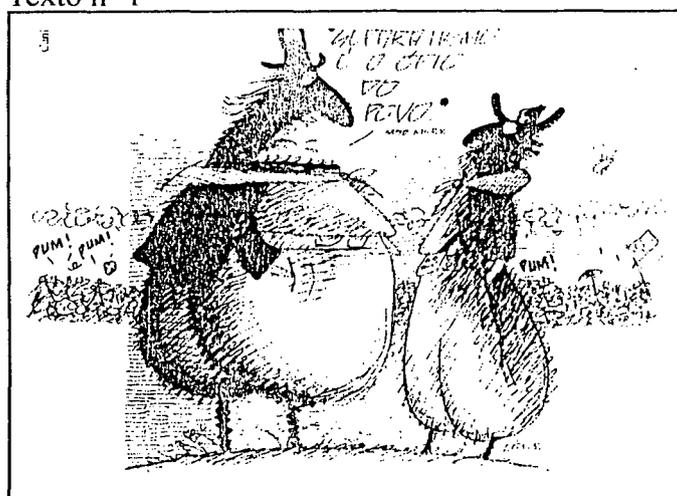
tem-se o exemplo da palavra atravessada por vários discursos manipulada em favor do desnudamento de uma leitura implícita: "irmãs não são bem-vindas."

### 1.7. Humor Sócio-Político

Este tipo de humor arrolará textos que tematizam as relações político-sociais entre regiões do Brasil — mais especificamente entre o norte e o sul —, regionalismos e/ou metropolismos, caracterizantes. Deve-se observar o caráter crítico deste tipo de humor, bem como o registro histórico que fazem.

O texto nº 1 registra o movimento separatista (já mencionado neste trabalho) que resultou numa coletânea de humor.

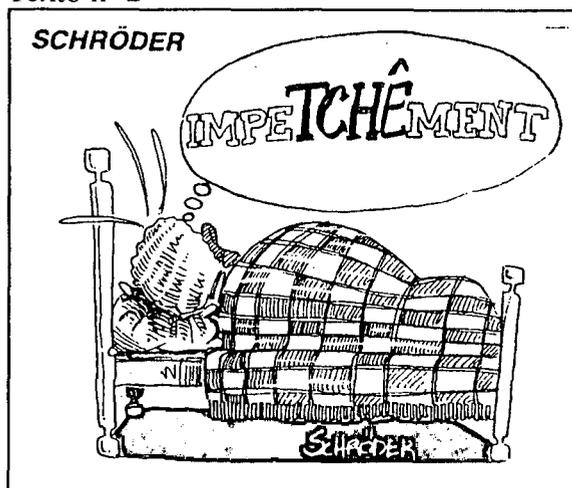
Texto nº 1



(Cartum, "Separatismo Corta Essa!", 1993)

Além do enunciado "reinvestido" numa alusão ao dito por Karl Marx "A religião é o ópio do povo"(Manifesto, 1977), Canini caricatura as figuras do texto. As conexões que se estabelecem a partir daí personificam um humor irônico.

Texto nº 2

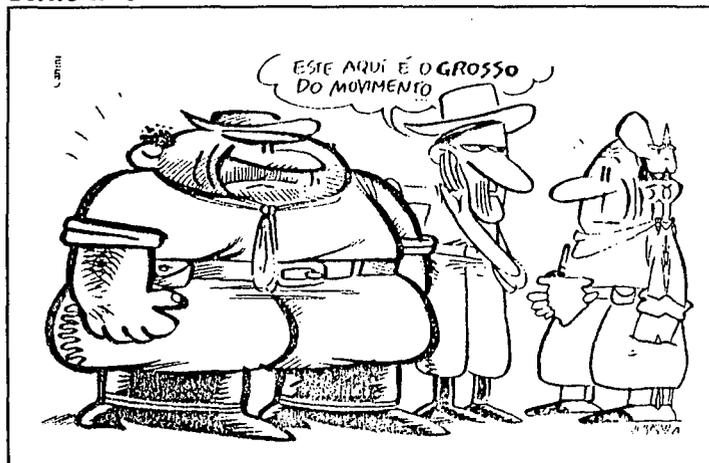


(Charge, Jornal Correio do Povo, 23-10-93)

A operação lingüística nesta charge de Schröder se dá a nível morfo-fonético, reenviando o leitor, através da partícula (?) enfática "tchê" à reconstrução da figura do gaúcho e, especificamente, da figura do Governador Alceu Collares.

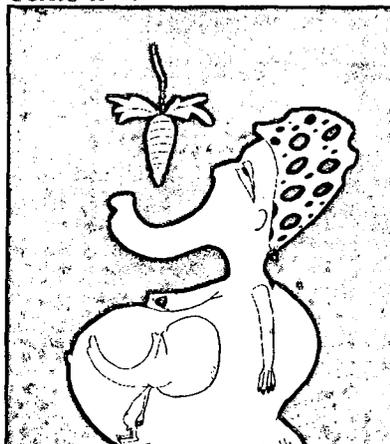
No texto nº 3:

Texto nº 3



ocorre uma "alusão com duplo sentido" na concepção desenvolvida por Freud para o estudo dos chistes. A pista que reforça a permanência do sentido pensado literal é dada pela figura, mas o desvio se projeta em direção à idéia já estereotipada de que todo gaúcho "é grosso..." -- no sentido em que se possa pensar (metáfora) estúpido.

## Texto nº 4



Julio César de Macedo Galvão (menção honrosa).

**(Charge, "II Salão Universitário do Humor" - Piracicaba, 1993)**

Este texto sem enunciado faz emergir, talvez, não o riso lúdico, mas o riso crítico, se é que sobre tal se pode cogitar. Porém, a leitura reconstruída, como afirmou Eco (1986:11) é por si só pressuposicional: a metáfora (pictórica) aproxima o não-dito do real.

O mesmo processo ocorre no texto nº 5, que apresenta pictoricamente a realidade (ou uma parte dela) de violência do Rio de Janeiro.

## Texto nº 5



**(Charge, Jornal Zero Hora, 05-09-93)**

Talvez se pudesse inferir sobre ser este um texto derrisivo, sem muito espaço para o humor = pelo menos enquanto fenômeno que instiga o riso. Mas, esta é uma outra questão para a qual este trabalho não propõe resposta.

### 1.8. Humor Sociolingüístico

Na arrolagem destes textos, priorizou-se salientar as configurações dialetais que mobilizam conceitos sócio-culturais, tais como nas já conhecidas "PIADAS DE CAIPIRA", cujo tópico é registrar a pouca cultura (conceito cristalizado) dos personagens.

O primeiro texto exemplifica esta última observação.

Texto nº 1

#### Que fôlego!

O caipira conta vantagem pro compadre:

– Sabe, cumpadre Tião, qui sô capaiz e ficá cinco minutos dibaixo da água, sem respirá nem um tiquinho?

– Grande coisa, cumpadre João... Vai pra mais de dois mês qui minha muié mergulhô no lago e tá todo esse tempo sem respirá!

**(Piada, "Piadas do Costinha", nº 4, pág. 70)**

As inferências possíveis alcançam outra questão, além da estultice do personagem: o papel da mulher nas relações maritais (ideologia). Semanticamente, o texto opera com uma pressuposição, a primeira vista, facilmente mobilizadora de "outras" leituras. Mesmo porque pode-se perguntar se o caipira expõe sua estupidez ou sua refinada esperteza (essa é uma questão que depende da leitura feita.)

Texto nº 2

#### CAIPIRA NO OCULISTA

O caipira chegou no oculista, puxando a mulher pela mão. Chegou e perguntou:

- O senhor que é zoísta?
- Ô meu amigo, não sou zoísta! Sou oculista.
- O que é que o senhor é?
- Eu sou o-cu-lis-ta!

E o caipira falou para a mulher:

– Vambora, muié, vambora, que o teu negócio é nos zóios!

**(Piada, "As melhores Piadas do Ary Toledo", nº 1, s/p)**

O texto enfoca a diferença de pronúncia e a formação (metamorfia) de temas por aproximação ("zóio" = "zoísta") numa linguagem genuinamente caipira (rudimentar?), além da inferência que se estabelece em nível semântico.

No texto nº 3, além da marcação dialetal (ou regionalista), a leitura implícita remete a um juízo de valor sobre o personagem (por alusão, à região (Estado) mencionada).

Texto nº 3

### SOTAQUE NOVO

O MINEIRO de Valadares passou anos nos Estados Unidos lavando pratos e estava eufórico pra voltar à cidade natal. Assim que desembarcou no aeroporto em Belô, encontrou um antigo colega, do tempo de ginásio, pra quem foi logo dizendo:

– Vortei com os meus trem pra morá com a mãe, uai. Mais será qui ela vai me reconhecê com este sutaque americano, sô?

(Piada, "Piada de Caipira")

O texto nº 4:

Texto nº 4

### Boneca respondona

E a bichinha tava lá no trigésimo-quinto andar do edifício Itália, esperando o elevador. A porta se abre e o ascensorista perguntou:

– Desce?

E a bichinha:

– Dei, sim! E dou quanto eu quiser!

Que qui cê tem com isso, bofe?

(Piada, "Piadas do Costinha", nº 4, pág. 29)

revela o duplo sentido gerado no registro da fala catarinense, especificamente do "ilhéu" (Florianópolis), por alusão. Ou seja, não há marcação da fala explicitamente; só se retorna a ela quando se chega ao final do texto e se reconstrói o sentido alçado pela "bichinha". Significa dizer que o reconhecimento da marcação fonética (aspiração com apagamento da consoante linguodental

/t/ que faz o aclave da sílaba - te, em /deste/) identifica o contexto do personagem "bichinha", e se explica por alusão.

O texto nº 5:

Texto nº 5



(Jornal Zero Hora, 08-08-93)

opera sobre um marcador biossocial, segundo alguns sociólogos, degenerador dos papéis familiares: o termo "tio" empregado genericamente. Teria sido o contexto escolar o difusor, de acordo com algumas teorias (cf. Paulo Freire: "Professora sim, tia não!", 1993) do uso e do abuso do termo em questão. Marco Aurélio satiriza a situação, não sem deixar entrever uma certa crítica.

### ***1.9. Humor Epilingüístico ou Metalingüístico em sentido amplo***

Difícil estabelecer uma diferença clara entre atividade epilingüística da/na linguagem e atividade metalingüística, de cujo processo tomou-se por empréstimo os respectivos nomes para caracterizar o humor que as registram. De acordo com Geraldi (1991:23), as atividades epilingüísticas "... resultam de uma reflexão que toma os próprios recursos expressivos como seu objeto." Para A. Culioli (Apud Geraldi, 1991:23), "os jogos com as sonoridades...", como se dá no texto nº 1:

## Texto nº 1



(Piada, "As boas piadas e anedotas, nº 14, s/p)

personificam as atividades lúdicas com/na linguagem, incidindo sobre aspectos estruturais e/ou discursivos da língua. No caso do texto nº 1, o jogo ocorre a partir de elementos fonéticos e implica um novo discurso que reforça por sua vez o "gatilho" para o riso.

Repete-se o jogo da sonoridade no texto nº 2,, quando uma metáfora sonora dá origem a um nome, expondo uma ação sobre a língua a nível fonético, morfológico e semântico (lexical).

## Texto nº 2



(Quadrinho, Jornal Zero Hora, 12-07-93)

O texto nº 3:

Texto nº 3

**Aluno atrasado**

Carlinhos chegava todo dia atrasado na escola. Um dia, ele entrou na classe sorrateiramente e foi pra carteira, esperando que a professora não percebesse.

Mas dona Mara olhou pro relógio e disse:

– Nove e dez, Carlinhos!  
E ele, assustado:  
– Dezenove, professora!

\*\*\*  
14

(Piada, "Piadas do Costinha, nº 5)

exemplifica uma operação que se dá ao nível sintático-semântico, com recuperação de uma elipse (lugar vazio) que infere em nível discursivo um preenchimento (pressuposição). Ou seja, o preenchimento pressupõe a proposição afirmativa (exclamativa) como sendo uma interrogação: "nove mais dez somam?..."

Já no texto nº 4, a atividade é reflexiva: usa a própria expressão ("coisa") como objeto, suspendendo o tratamento do tema e inferindo uma negociação de sentido (Geraldi, 1991:24).

Texto nº 4



(Quadrinho, Jornal Zero Hora, 23-12-93)

O lúdico prevalece na construção do texto nº 5:

Texto nº 5



(Piada, "O gozador", nº 62, s/p)

exigindo do leitor um trabalho de associação após o reconhecimento do corte morfológico em "elefante". Além disso, as conexões de estrutura linguística remetem a um contexto que reforça outra leitura: a rivalidade entre as duas marcas de refrigerantes.

O grande detalhe sobre atividades linguísticas desse gênero é a maior ou menor presença da intencionalidade. Parece que, em se tratando de textos de humor, a consciência sobre que elementos da língua permitem o "jogo" determina a construção do próprio humor. O raciocínio sobre aspectos sintáticos assim entendidos, então, não poderia se dar de forma inconsciente nem a nível de produção nem a nível de interpretação.

### ***1.10 Humor Político***

É o que apresenta o próximo e último capítulo deste trabalho.

## CAPÍTULO VI

### UMA CARACTERIZAÇÃO DO HUMOR POLÍTICO

De forma rápida falou-se no II capítulo sobre o riso "bom" -- riso da alegria? -- e o riso "satânico" ou riso derrisivo. Aristóteles, ao estudar a tragédia em comparação à comédia, referiu-se ao riso "bom" como resultado do extravasamento da tensão, dentro da teoria da catarse. A literatura apresenta substanciais discussões acerca de tal aspecto do riso em áreas nem sempre afins; contudo, há toda uma história a considerar acerca das manifestações e gradações desse tipo de riso levando em conta aspectos culturais, políticos e sociais que exigem um estudo em paradigma. Daí este trabalho poder tão-somente tecer comentários sobre a natureza do riso "bom" como forma de contrapô-lo ao riso satânico sem expor-se a cometer faltas para com um assunto que merece uma atenção mais profunda. A intenção é traçar uma linha intersectiva do riso satânico ao riso político mostrando a distância que se estabelece entre estes e o primeiro. Se não se pode dizer muito sobre a natureza fenomenológica do riso "bom", pode-se entretanto aventar que ele não expressa zombaria ao ver de Propp (por detectar um defeito ou falha humana), nem "castiga os costumes" (corrige um erro social) dentro da teoria discutida por Bergson. Sugerir que talvez Freud ou talvez Kant ter-se-iam aproximado de um de seus aspectos -- prazer, alegria, ludicidade -- seria cogitar sobre uma parcela -- discutível -- de suas amplas dimensões. E até mesmo colocar em definição primeiramente o que se entende seja "prazer", "alegria" e "ludicidade". Tal não seria possível por ora, mesmo porque não se está admitindo como única a classificação riso "bom" e riso "satânico", nem se faz menção a existência de gradações que se crê matizem a ambos e evidenciem novas categorizações. Discorrer sobre tal é marcar um distanciamento dos propósitos lingüísticos esboçados inicialmente admitindo ser necessário lançar mão de princípios outros que à Psicologia cabe especificar.

Se se assumiu no capítulo anterior apresentar "tipos" de humor com base na sua

tematização, assume-se agora a apresentação de um modelo funcional deste mesmo humor ancorado no riso (riso enquanto efeito) de natureza derrisiva, satânica ou como se deseja entender: política.

De acordo com os humoristas – e esse parece ser um ponto de convergência entre a maior parte deles –, o humor pensado político é aquele que, não apenas em função do tema (abordagem de assuntos políticos no sentido amplo do termo) mas a partir dele, provoca uma ruptura maior (não apenas lúdica, mas talvez catártica) e por conseqüência instiga à mudança (correção). Esta é a linha de retorno à teoria de Bergson que, se não é a melhor, atende à organização das reflexões que ora se estruturam sobre o caráter social do riso e, por entendimento amplo, do humor. O riso, ressalta-se uma vez mais, é observado a partir de uma abordagem lingüística de suas causas (aquilo que se mostra e/ou se percebe risível e que aqui se chamou "humorístico" no sentido mais do uso convencionalizado pela sociedade moderna do que no sentido do uso registrado em dicionário). Assim, pode-se conjecturar que, não apenas as construções de humor político classificam-se como tal, mas igualmente o riso satírico, derrisivo enquadra-se na mesma classificação.

Tárik de Souza, na já citada obra "Como se faz Humor Político - Henfil - Depoimento a Tárik de Souza", considera que:

"Diferente da hiena, o homem é um animal que ri (tirante as cócegas) por um processo de analogia ou discrepância com a situação apresentada. A partir dessas hipóteses básicas, o humor vai se sofisticando. Rindo-se castigam-se os costumes. )...)"  
(1984 - abertura do livro)

Até aí o jornalista apenas re-apresenta as proposições aristotélicas e bergsonianas. Contudo, ao prosseguir:

"(...) Mas, como separar desta prática, essencialmente anárquica, algo hierarquizado sob a denominação de humor político? Existe este tal; ou todo humorista - como qualquer artista que se preze - faz política à revelia? (...)"  
(Idem)

abre um novo horizonte para reflexões e faz com que, rapidamente, chame-se à lembrança a história do Brasil de 1964 à 1970 (aproximadamente), quando a censura limitou e até impediu a circulação de cartuns políticos em jornais e revistas da época, sob a alegação de que manifestavam

conteúdo (crítico) político. Tal ação não pressupunha já a identificação de um tipo de humor que "rompia" com a ordem e predisponha a uma leitura focalizada?

O que se deseja observar assim, é que as construções de humor político estão numa esfera muito próxima do que se chama vida política, funcionamento do país. As suas formas dizem respeito, todas, aquilo que consensualmente (por influência institucional, sempre) se chama autoridade. Autoridade, goosso modo, é a autoridade política. Só por condescendência da própria "autoridade" outras "classes" (empresários, industriais, padres, juizes) podem assim ser legitimamente chamados, pelo menos no que diz respeito ao nível, ou seja, considerando-se-as praticamente de mesmo nível, podendo ocupar o mesmo espaço (num palanque, por exemplo). O humor de nível político, por isso mesmo, compõe, temporalmente, **uma** história de um povo, numa perspectiva – localizadamente satírica – que não pode ser ignorada. Como esfera mais próxima da vida política, no sentido estrito, ela também comanda as outras visões da vida do povo, no presente caso representados pelas outras formas de humor abordadas. E é esta a relação pertinente: o micro-universo é parte de uma rede que se constrói na sociedade de modo histórico. Neste período, o conjunto é uma história só – política – da qual cada fragmento se lê mais ou menos estritamente, de acordo com as possibilidades de convergência e divergência de cada leitor. Nesta grande história é interessante notar que cada um como intérprete, se vê no conflito entre duas forças: a que o impele para dentro do contexto, e a que o afasta, julgando, muitas vezes, que se trata de uma história de que ele não faz, absolutamente, parte.

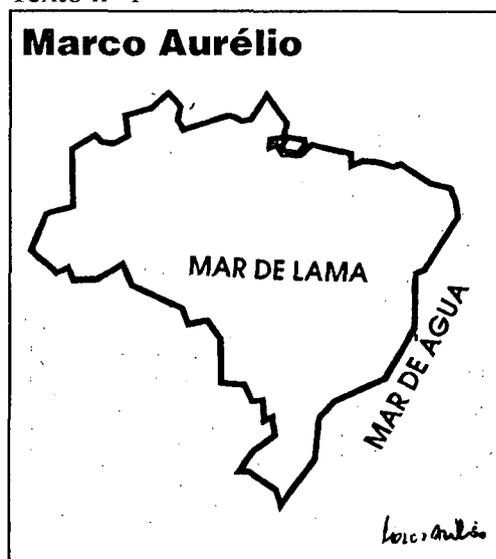
Em decorrência de se objetivar a caracterização do humor político como uma proposta de leitura, levar-se-á em consideração a "funcionalidade" dos textos de humor político. Então, além do recorte que enfoca o tema (questões de ordem social, econômica e política, no sentido estrito do termo) far-se-á uma classificação com enfoque na "função" do humor político, no intento de estabelecer um paralelo entre os dois níveis.

### ***1. Tema Político no Humor***

A temática dos textos que ora são arrolados parece, não deixar margem a muitas dúvidas acerca de seu conteúdo político.

No texto nº1, a metáfora (geográfica) alude a questões de ordem ética: corrupção.

Texto nº 1

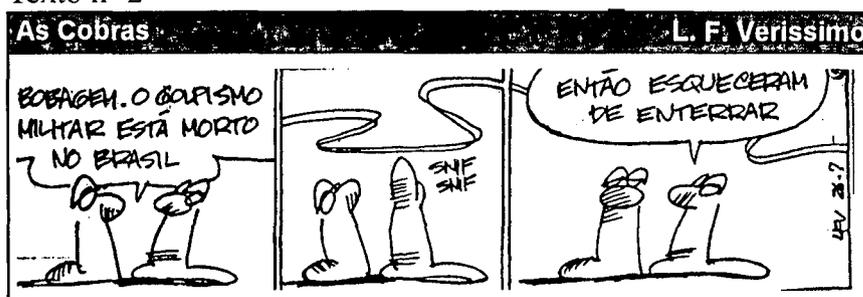


(Charge, Jornal Zero Hora, 23-10-93)

O leitor que "percebe" o gatilho (o dito no não-dito) ri num gesto de concordância com as alusões possíveis de se estabelecer a partir do texto? Considerando o contexto do qual faz parte o leitor/intérprete (corrupto/não corrupto) poder-se-ia cogitar que, em presença do riso satânico identifica-se uma sua posição (sem esquecer a possibilidade inerente de o riso funcionar apenas como máscara de aquiescência)? Independente de qualquer resposta, o humor manifesta-se (com nuances de refinada ironia) no nível da interpretação.

O segundo texto faz uma abordagem histórico-político-social com espaço no momento presente.

Texto nº 2

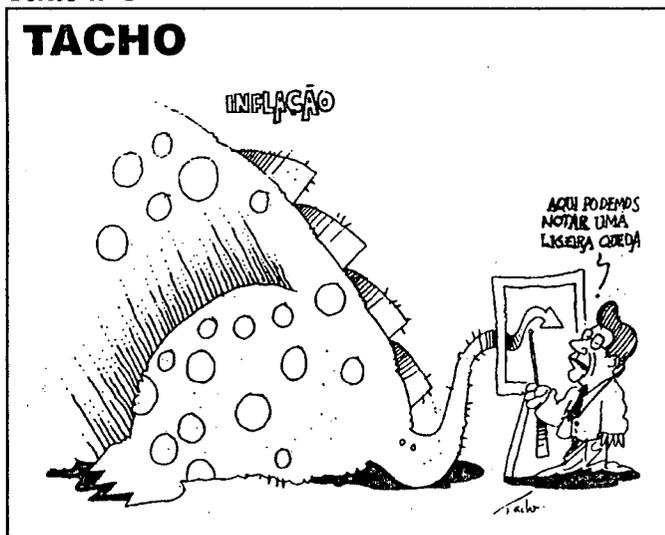


(Quadrinho, Jornal Zero Hora, 26-07-93)

Através da pressuposição gerada pelo/no último enunciado do quadrinho a partir de uma construção que se apresenta metafórica (tal qual a primeira construção), o leitor infere sobre fatos passados (1964, AI - 5, ditadura, etc) – dependendo de seu conhecimento enciclopédico – e renova a leitura de forma alusiva (remete ao que não está sendo dito, mas inferido).

No texto nº 3:

Texto nº 3



(Charge, Jornal Correio do Povo, 25-06-93)

Tacho ironiza a política inflacionária caricaturando a figura (platônica?) do Ministro da Fazenda. Deve-se observar que a inflação brasileira, que aparece metamortizada (figura) em um imenso dragão, já serviu de "inspiração" a incontáveis textos humorísticos. Maria Auxiliadora Kneipp, no texto: "Era uma vez um cruzado..."<sup>1</sup>, fala sobre a "... personificação que sofre o conceito inflacionário" (1986:59), evidenciando o "trabalho" de reconstrução efetuado pelos humoristas a partir de similaridades que são apresentadas no próprio ato de metamorfização da idéia. É interessante observar que cada chargista, por exemplo, cria um "tipo" de figura (monstruosa, geralmente) que possui um ciclo de vida determinado pela realidade da inflação. As figuras modificam-se (agigantam-se, diminuem, idiotizam-se, etc.) incorporando "detalhes" contextuais (índice, governo, decisões políticas) que igualmente manifestam a ótica de "leitura" do humorista. E é por aí que as imagens seguem contruindo juízos nem sempre claros, mas assim mesmo cristalizados pela sociedade, como é o caso da figura do dragão para representar a inflação.

1- In: A metáfora, org. Eunice Pontes (1986).

No texto que segue, nº 4, o "trabalho" empreendido pelo cartunista Paulo Caruso projeta a "manipulação" da língua (material simbólica) sobre um contexto onde a alusão com duplo sentido orienta a interpretação.



(Cartum, Isto É./ nº 1252, 29-09-93)

Em verdade, a figura cumpre com a função de garantir a recuperação do outro sentido agenciado, mas não menos presentificado no/pelo texto escrito: "... o câmbio e o dólar." O cartum registra as primeiras negociações para implantação do "Plano Real", pelo então Ministro da Fazenda: Fernando Henrique Cardoso.

Deve-se chamar a atenção ainda, e principalmente, para a instrumentalização não só deste texto mas também dos anteriores, que operam num nível de mesclagem entre o que se entendeu por cômico (postura) satírico (derrisivo) e humor (em sentido abrangente), confirmando a idéia de carnavalização do humor levantada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Odília Carreirão Ortiga (UFSC). Os textos recortados sob o rótulo de humor político parecem, em sua maioria, confirmar este processo de "mistura" dos instrumentos que identificam-se humorísticos.

O texto nº 5 (crônica) que faz o gênero "dicionário", opera sobre dois níveis: o morfológico (rearticulação de morfemas e/ou partículas derivacionais) e o semântico (criação de termos por adequação morfo-semântica), manifestando um processo mais geral de reinvestimento pela aproximação de dois campos discursivos, numa forma genérica. O resultado é a inferenciação irônica, sarcástica e derrisiva de um contexto largamente metamorfozido: o Congresso Nacional.

Texto nº 5



**JÓ SOARES**

## Pequeno Dicionário Médico-Político Brasileiro

**A** **ARTRICORRUPTE** — Sing. - Fem. Moléstia que atinge alguns parlamentares paralisando os sensores políticos que detectam qualquer proposta que não é exatamente honesta. A artricorrupite também é chamada de tricorrupite quando a proposta vem de três lados ao mesmo tempo.

**B** **BOQUITE-ROTA DE PLENÁRIO** — Sing. - Fem. Ataca deputados que, apesar de calados e discretos quando estão entre seus familiares ou com seus amigos, trocando inclusive poucas palavras com seus eleitores, nas sessões transmitidas pela televisão desandam a falar sem parar. Às vezes o caso é tão grave que, quando são perguntados depois sobre o que falaram, não se lembram de nem uma palavra que pronunciaram.



**C** **CARA-DE-PAULITE CIRCULATÓRIA** — Sing. - Fem. Contamina parlamentares de qualquer partido que fazem declarações públicas a propósito de um projeto, votam contra e depois andam pelos corredores do Congresso com uma fleuma digna da Câmara dos Ordes. Se são entrevistados, respondem apenas: "Votei de acordo com os meus ideais democráticos".

**D** **DELÍRIO AMBULATORIO-PARTIDÁRIO** — Sing. - Masc. Vírus que contamina indiscriminadamente congressistas de vários partidos, que são eleitos por uma legenda e depois com a maior solenidade trocam imediatamente de partido, geralmente com idéias diametralmente opostas. Tem-se observado que o vírus do delírio ambulatório-partidário ataca com maior frequência os deputados com propensão a já ter sofrido de cara-de-paulite circulatória. Nesses casos, não existe ainda nenhuma vacina conhecida.

**E** **FALASTRACITE AGUDA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**F** **FALASTRACITE AGUDA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**G** **GANÂNCIA CARGUEIROSA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**H** **HEMORRÓIDE** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**I** **INFLAMMATÓRIA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**J** **JACULATÓRIA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**K** **KALAFORNIA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**L** **LACTOSE** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**M** **MALDIZIA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**N** **NARIZ** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**O** **OPORTUNIDADE** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**P** **PANDEMIA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**Q** **QUANTIDADE** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**R** **RACISMO** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**S** **SARACOTE** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**T** **TACANETA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**U** **URTIQUERIA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**V** **VACINA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

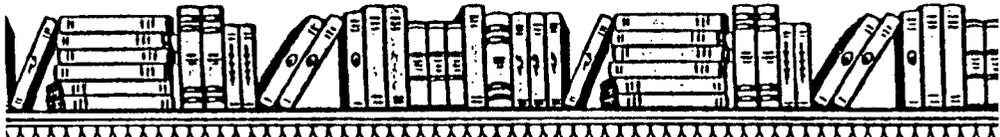
**W** **WANGUE** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**X** **XANTOMA** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**Y** **YACHT** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

**Z** **ZANZANER** — Sing. - Fem. Praga que ataca com grande virulência qualquer político que se aproxima de um microfone ou de uma câmara de televisão. Não se trata de uma doença fatal e muitas vezes sua manifestação é benigna, dependendo do discurso do portador. Ainda não há vacina conhecida. Tratamentos mais sérios, como costurar a boca do portador, foram abandonados quando pesquisadores perceberam que o elemento contaminado continua a gesticular com veemência. Profilaxia: afastar do paciente todo aparelho de comunicação eletrônica e, por via das dúvidas, qualquer eletrodoméstico.

"Ganância cargueirosa"



(Crônica, Revista Veja nº 1.334, 06-04-94)

Este texto, seguramente, mobiliza um humor mais refinado (pela própria ironia que caracteriza o implícito) e por conseqüência "seleciona" o leitor/intérprete. O leque de conhecimento enciclopédico que a "leitura vertical" pressupõe tenha o leitor opera não só com informações históricas (situação do Congresso Nacional) mas principalmente com a "plasticidade" lingüística que estabelece regras para a "decodificação" dos "novos arranjos" lexicais (sentido dos morfemas).

Já no texto nº 6:

Texto nº 6

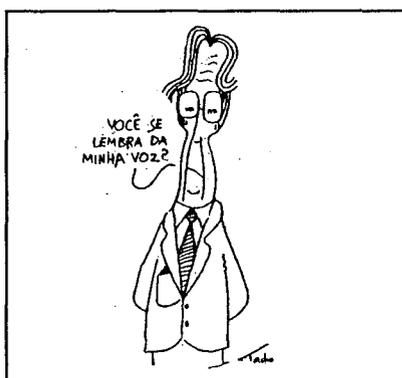


(ZH - 04-11-93)

O humor se instrumentaliza através da paródia e da sátira. Segundo Propp, tem-se um "travestimento", ou, de acordo com Maingueneau, um "reinvestimento". Qualquer das denominações mostra a operação, ou trabalho de "colagem" feito por Marco Aurélio que expõe (critica) a situação doméstica do governador gaúcho (à época), Alceu Collares, e a fragilidade de sua posição frente aos correligionários da sigla PDT (isto considerando que o leitor domine os fatos políticos ligados à crise conjugal).

No texto criado por Tacho, chargista do Jornal Correio do Povo, abaixo:

Texto nº 7



(Charge, Tacho, Correio do Povo, 07-04-93)

mecanismo similar prevê um conhecimento anterior capaz de efetuar a "colagem" dos dois contextos inferidos: um, facilmente rememorado (comercial dos shampoos COLORAMA), o outro, dado por atual (governo Itamar). Colados, os contextos potencializam-se num leque de possibilidades interpretativas, determinadas, novamente, pelo conhecimento de mundo do interlocutor. Isso implica observar que a operação de "re-leitura" do humor ou sua percepção como tal se dá em uma dimensão altamente subjetiva. Não há garantias de interpretação/compreensão/percepção do texto de humor na esfera do leitor/intérprete. Com base no jogo do "esconde-revela", autor/leitor e leitor/leitor constituem-se revelando, sempre, níveis diferentes de leitura e reconstrução do dito/mostrado. Nem sempre a operação se completa.

Pode-se esperar o mesmo do texto nº 6:

Texto nº 6



JÔ SOARES

## Canção do exílio às avessas

*Minha Dinda tem cascatas  
Onde canta o curió  
Não permita Deus que eu tenha  
De voltar pra Maceió.  
Minha Dinda tem coqueiros  
Da Ilha de Marajó  
As aves, aqui, gorjeiam  
Não fazem cocoricó.*

*O meu céu tem mais estrelas  
Minha várzea tem mais cores.  
Este bosque reduzido  
Deve ter custado horrores.  
E depois de tanta planta,  
Orquídea, fruta e cipó,  
Não permita Deus que eu tenha  
De voltar pra Maceió.*

*Minha Dinda tem piscina,  
Heliponto e tem jardim  
Feito pela Brasil's Garden:  
Não foram pagos por mim.  
Em cismar saquinho d'noite  
Sem gravata e paletó  
Olho aquelas cachoeiras  
Onde canta o curió.*

*No meio daquelas plantas  
Eu jamais me sinto só.  
Não permita Deus que eu tenha  
De voltar pra Maceió.*

*Pois no meu jardim tem lagos  
Onde canta o curió  
E as aves que lá gorjeiam  
São tão pobres que dão dó.*

*Minha Dinda tem primores  
De floresta tropical.  
Tudo ali foi transplantado,  
Nem parece natural.  
Olho a jabuticabeira  
Dos tempos da minha avó.  
Não permita Deus que eu tenha  
De voltar pra Maceió.*

*Até os lagos das carpas  
São de água mineral.  
Da janela do meu quarto  
Redescubro o Pantanal.  
Também adorei as palmeiras  
Onde canta o curió.  
Não permita Deus que eu tenha  
De voltar pra Maceió.*

*Finalmente, aqui na Dinda,  
Sou tratado a pão-de-ló.  
Só faltava envolver tudo  
Numa nuvem de ouro em pó.  
E depois de ser cuidado  
Pelo PC, com xodó,  
Não permita Deus que eu tenha  
De acabar no silindró.*

(Crônica, 16-09-92, Veja, Jô Soares)

Neste texto, a imitação – intertextualidade formal – aparece na repetição da forma utilizada por Gonçalves Dias, que imprimiu à "Canção do Exílio" ritmo e métrica específicos. O humorista Jô Soares valeu-se da repetição de traços exteriores, imitando o estilo do escritor sem, entretanto, satirizar o conteúdo poético do texto original, posto não ser este o motivador da sátira. O humor, neste caso, surge da combinação forma e fundo: a primeira, eternizada por seu valor literário, o segundo atualizado em fatos caóticos de corrupção e desvios do dinheiro público, protagonizados pelo Governo Collor. O texto, "Canção do Exílio às Avessas", não se caracteriza por revelar a fragilidade da obra literária, já se disse, mas é o empréstimo de estilo: sério, especialmente saudosos, repassado na poesia de Gonçalves Dias (abertura de "Primeiros Cantos"), que é alçado e recuperado por Jô Soares. A sátira adquire, então, caráter sócio-político, e não pertence apenas à esfera da literatura. Contudo, exemplifica uma vez mais a mescla que caracteriza a instrumentalização do humor brasileiro.

Outro curioso exemplo é a charge de Marco Aurélio, publicada em Zero Hora:

Texto nº 7



(Charge, ZH - 15-07-93)

Neste quadro, o chargista dá outra voz à conhecida canção "Faz de Conta", gravada pela cantora Joana, para representar a relação de seu "novo" enunciativador – Ministro da Economia, Fernando Henrique Cardoso (à época) – com o então Presidente Itamar Franco, e o comportamento deste último (fugidio?), que não estaria dispensando atenção ao primeiro.

Outro processo de instrumentalização do humor de que se valem os humoristas é a caricaturização. Sobre tal, Bergson afirma que:

"A arte do caricaturista consiste em captar um pormenor, às vezes imperceptível, e torná-lo evidente a todos através da ampliação de suas dimensões."  
(1987:28)

Schröder, ao criar a charge abaixo:

Texto nº 8



(Correio, 03-06-93)

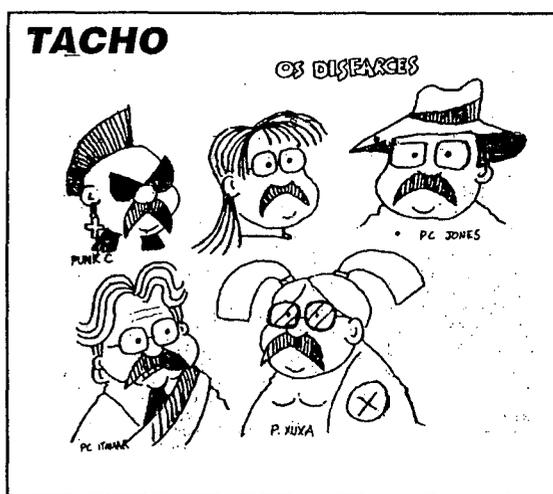
lançou mão do contexto – que desempenha papel crucial nesta interpretação – para tornar evidente uma relação de forças desiguais no Ministério da Economia, dirigido por um membro do PSDB. O Partido do Ministro – Fernando Henrique Cardoso – conhecido pela figura de um tucano é tomado metonimicamente pelo chargista; ou seja, além das analogias que a "figura" desencadeia, estabelece-se uma relação de base extralingüística. O leitor – potencialmente presumido – apreenderá o contexto não apenas estabelecendo analogias criativas, mas mobilizando seu conhecimento de mundo para fazer emergir nova (s) significação (ões). O bico do tucano – exageradamente desproporcional na figura – relacionado ao Projeto Econômico (desenvolvido pelo Ministro Fernando Henrique Cardoso) serve para expor (por um processo de aproximação) o que o autor considera um "defeito", um "erro", uma "incoerência". A partir deste enfoque, várias "idéias" tomam forma e dão "corpo" ao discurso crítico de Schröder, entre elas, a de que o projeto Econômico é uma pretensão em vista da exigüidade do poder econômico do brasileiro; ou, a que remete à impraticabilidade do plano frente ao mesmo problema.

A deformidade é um dos traços peculiares à caricatura. O objeto da caricaturização sofre com o exagero, ao ponto de, se até então invisível, avantajar-se desmesuradamente. Daí se poder pensar que tal processo desempenharia um efeito quase que didático: mostra algo que as pessoas não estão discernindo.

A caricatura pode, ainda, valer-se de fenômenos de ordem física, como na exploração

feita por Tacho:

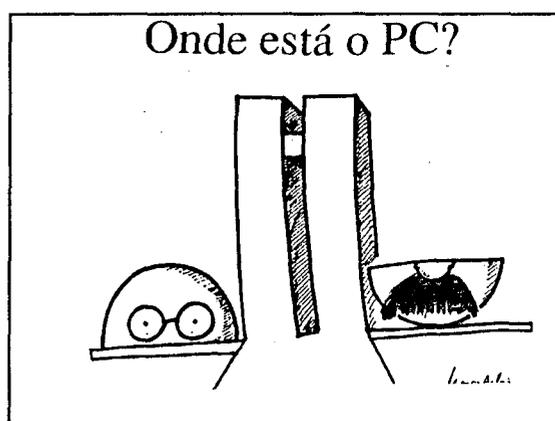
Texto nº 9



(Correio, 21-07-93)

e por Marco Aurélio:

Texto nº 10



(ZH, 19-10-93)

Nos dois casos, os autores aproximam e associam fatos conhecidos do leitor, num contexto comum às inferências, revelando de forma satírica as relações que possibilitam.

## 2. Função Política do Humor

Ao se tentar pensar a questão da "função" do texto de humor, numa ótica política, faz-se-o com vistas às suas "... circunstâncias de enunciação" (Eco, 1986:47). Se as considerações de Umberto Eco sobre a "cooperação" do leitor na "fruição" do texto encontram respaldo na pragmática do texto:

"Como princípio ativo da interpretação, o leitor constitui parte do quadro gerativo do próprio texto."  
(1986: XI - introdução)

há de se cogitar que o humorista, enquanto "construtor" de uma idéia/texto esteja consciente dessa participação. Pelo menos é o que deixa entrever Henfil (1984), no final da já referida entrevista a Tárík de Souza:

"HENFIL – ... o talento é fruto da necessidade. Vamos a uma situação concreta. Você não sabe desenhar nada. Mas um dia vê um incêndio e lá em cima tem uma pessoa desesperada e esta pessoa é analfabeta. Você tem que avisá-la que os bombeiros já estão chegando para salvá-la, para que ela não pule. Não adianta escrever no chão, porque ela não sabe ler. Tem que desenhar esta mensagem no chão. Como? Desenhar o que puder. O outro não entende. Aí você vai mudando o 'desenho' com a ajuda do outro lá em cima. Muda, cria, até ele entender. Aí está o SEU desenho.

TÁRIK – Você concorda que acaba de definir o humor político?

HENFIL – Concordo."

(1984:89)

Assim, considerando que o texto de humor está voltado para o/um leitor, considera-se "uma" sua intenção (função). Isso, parece, fica claro observar através dos diversos tipos de publicações humorísticas à disposição de toda sorte de leitores tanto em decorrência do "nível"<sup>10</sup> do humor quanto em virtude da tematização!

Daí que, para Tárík de Souza "... apesar de o humor político não poder ser caracterizado e não se poder dizer 'quero fazer humor político'(...) ele é funcional. Quer dizer, ele funciona."(1984:64).

O texto nº 1

Texto nº 1



(Piada, "O gozador", nº62, s/p)

1- Nível, aqui, em relação à natureza do que Aristóteles chamou cômico e ao que a censura rotula como mais ou menos aconselhável para "menores" de 18 anos - claro, sem discutir esta última questão.

numa classificação por tema, personifica o humor sexista. O "gatilho" lingüístico provocador do desvio e instaurador do humor – pela série de inferências possíveis de se estabelecer – é o valor polissêmico do verbo "dar". Isso em se tratando do nível sintático - semântico, pois discursivamente, o enunciado torna-se ambíguo pela indeterminação do escopo do próprio verbo. Contudo, o texto mobiliza outras leituras: o "lugar" da mulher no contexto das profissões, a manipulação do sexo, a questão da competência feminina, etc, etc., exatamente a partir do momento em que o leitor "coopera", alçando "um" sentido para "dar" e seguindo na pressuposição que tal sentido veicula.

A intenção do texto pode ser pensado tão-somente ao nível da ludicidade, ou o texto é um pretexto (no dizer de Mariza Lajolo) para expor uma situação já cristalizada pela sociedade? Se a última interrogação for passível de resposta afirmativa, a "piada" tem função política (crítica)?

Texto nº 2



(Quadrinho, Jornal Zero Hora, 06-04-93)

Sob a mesma ótica explica-se o texto nº 2. O fator determinante do humor é o sentido de "estar" tomado como literal, único. Mas o texto evoca uma leitura sobre a disputada participação das empresas no mercado "virgem" dos telefones celulares.

De forma mais clara, o texto nº 3, "joga" com o processo alusivo e a "mudança de script" (ao ver de Possenti, 1991), instalando pistas para um não-dito que vem à tona com função marcada: pensar a realidade brasileira.

Texto nº 3

### Qual o país?

E a professora de Geografia perguntou pro Carlinhos:

– Qual é o nome do país onde as crianças andam descalças, sem roupa e nem vão à escola?

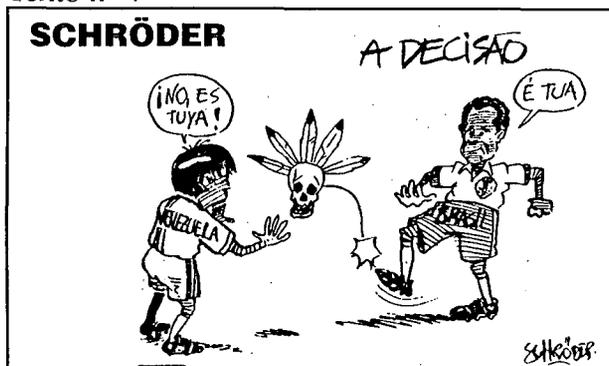
O moleque fica pensando um pouquinho e conclui:

– Hum... Só pode ser o Paraíso!

(Piada, "Almanacão de Piadas", nº 3, s/p)

Dá-se o mesmo no texto nº 4:

Texto nº 4



(Charge, *Jornal Correio do Povo*, 31-08-93)

onde a intertextualidade ou "colagem" de "script" mais marcada, provoca leituras igualmente marcadas.

Texto nº 5

Quando Waldemar se alistou no Exército, o pai saiu contando pros amigos:

– Meu filho é um cabra macho. Imagine o rapaz depois de ficar um ano no quartel!

Dois meses depois, o paizão visita o rapaz e vai falando com o sargento:

– Tô procurando o Waldemar Silva. Ele serve aqui?

E o sargento:

– Serve! Mas só os oficiais. Os recrutas preferem servir-se com putas!

(Piada, "*Piadas do Costinha*", nº 4, s/p)

Neste texto, por um processo de inferenciação gerado pela polissemia do verbo "servir" – nível semântico – representa-se uma leitura do exército brasileiro, mais especificamente na figura dos oficiais. O não-dito implica numa leitura mais profunda – crítica? – do contexto que recria ou aproxima do real.

Bergson elaborou toda a sua teoria sobre o cômico e o riso a partir da observação do "mecânico inserido na vida" tipificando vários quadros onde o automatismo de movimentos provoca o riso: tropeços inesperados, quedas imprevistas, encontrões gerados pela distração e defeitos de caráter físico ou psicológico, que, mesmo involuntariamente, expõem o ser humano a incontáveis reveses.

A distração serviu desde sempre, à criação de quadros humorísticos, reiteradamente ligados à esfera da intelectualidade. Profissões como a dos professores e dos médicos fornecem amplo subsídio para representações suscitadoras de riso, quando a manifestação de movimentos

automáticos põem a nu falhas de caráter ou formação. Dois textos do almanaque "Piadas de Médicos", nº I, organizado pelo grupo COQUETEL, exemplificam:

Texto nº 6



(Piada, pág. 21)

Texto nº 6



(Piada, pág. 139)

Em ambos os casos, segundo Bergson, a distração é um desvio e espõem uma falha, uma ruptura; o riso então, varia a correção deste desvio ao chamar a atenção para a interpretação efetuada: se o riso "explode", faz-se-o em virtude do reconhecimento da crítica implícita. Satirizando-se a figura do profissional da medicina chega-se a um entendimento mais global: as deficiências em uma área básica e primordial na esfera social - humana. Esta seria a função política do texto.

Do mesmo modo se caracteriza o texto construído por Marco Aurélio & Cia.:

Texto nº 8:



(Charge, Zero Hora, 04-12-93)

Tanto o verbo "comer", como a marca "GAROTO" devem ser reintegrados nesta construção. Apesar de o humor aqui estar mais dirigido, o riso surge pelo inesperado. Não é exatamente o chocolate enunciado que o texto quer que seja entendido como preferido do cantor Michael Jackson, apesar do explícito. Aqui, a colagem obedece a regra simples de sobreposição de imagem e texto. O resultado é a sátira, o escárnio, a ironia implícita na crítica camuflada; isto é, pensando-se um leitor com o devido conhecimento prévio, combustível indispensável para a explosão do riso. Talvez se deva observar que a função política aqui opere de forma mais sutil. É necessário ir além do texto para recuperar esta sua função política, possivelmente representada através de uma "denúncia" pacífica, posto ser possível reconstruir rapidamente o texto implícito (leitor modelo) e fazer com que o humor (no campo individual) se constitua<sup>1</sup>.

Texto nº 9

**Racismo?**

Numa cidade da África do Sul,  
um inglês branquelão entra num  
restaurante de pretos, levando um  
enorme leão pela coleira. Pergunta ao  
garçom:

- O senhor é racista?
- Isso já acabou por aqui!
- Ótimo! Então, traz uma salada pra mim e um negão pro meu leão!

(Piada, "Piadinhas do Costinha" nº 7)

1. Insiste-se no uso deste termo para deixar sempre presente a idéia de jogo que se estabelece entre texto/leitor e o fato de que o humor, por mais latente que se mostre, só "existirá" na medida de seu reconhecimento.

Este texto faz o humor de tema sociológico: racismo. As diferenças raciais, especialmente entre pretos e brancos marcaram pela história afora, capítulos de extrema crueldade; o humor neste texto está configurado pela revelação irônica de um contexto que a sociedade mundial deseja desconhecer. A sátira no texto satiriza um contexto maior: a relação de domínio da Inglaterra sobre a África. Se o enfoque é social (direitos humanos), então o texto funciona politicamente, independentemente da "intenção" do autor/enunciador.

Uma indagação sobre a "função" do texto de humor pensado político, pode ser a que tal questão é por demais empírica. Cogitar o que não oferece dados lingüisticamente detectáveis, é cogitar tão - somente. Porém, pensando que para a AD interessa a aproximação com o real - mesmo que imaginário - na relação de formação dos sentidos (Orlandi, 1993:15 - 16), interessa igualmente detectar os mecanismos ideológicos mobilizados no processo da produção e da interpretação.

Talvez, como afirmou Henfil, não seja possível caracterizar o humor político (ou nenhum outro tipo de humor) porque ele não se faz sozinho, é produto da história, da sociedade, da ideologia, dos fatos vistos e sentidos por um indivíduo - humorista - enquanto "produto inacabado" deste mesmo contexto que "lê".

Para Bergson:

"O humorista é (...) um moralista disfarçado em cientista, algo como um anatomista que só faça dissecação para nos desagradar; e o humor, no sentido restrito que damos à palavra, é de fato uma transposição do moral em científico".  
(1987:68)

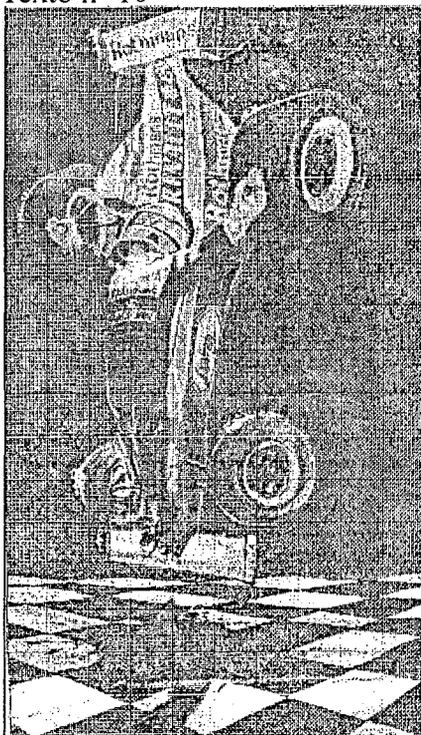
É possível que neste momento se devesse discutir o que é "moral" e o que é "político". Mas essa seria novamente uma decisão política - metodológica - cujas conseqüências este trabalho não poderia suportar. Contudo, talvez se pudesse decidir por "ler" no texto de humor pensado político uma função "corretiva" (Bergson, 1987), traduzida na crítica implícita em cada espaço em branco (não-dito) das piadas (chistes), dos cartuns, das charges, das tiras, das crônicas, dos quadrinhos, etc., etc.

Se há crítica, há desvio (ruptura) no fato que se representa (e também, daí o humor, na forma **como** se representa o fato) criticável e antes mais há determinação "política", de acordo com Henfil, de apresentar o fato. Se há decisão política (recorte, leitura da realidade) em expor o que se vê, como se vê, parece ser possível pensar que tal processo cumpra com uma função no

mesmo nível: a função política. Esta função cumpriria com o proposto por Bergson a cerca do caráter social do riso – correção de desvio – dentro de um grupo definido por regras culturais, ideológicas, econômicas, etc, etc. especificadas na própria relação interna do grupo ou dele com outros grupos. Simplificadamente, esta é a base que determina as "diferenças de humor" de uma sociedade para outra. As formas de participação dos indivíduos na comunidade, são determinantes das condições de produção de humor, e do humor enquanto fenômeno atrelado a dimensões subjetivas: participação/interpretação/percepção. Sem que o processo inverso – o humor político provoca mudanças – deixe de ser passível de observação a nível de história, exatamente por uma sua peculiaridade: revelar o desvio, a anormalidade, o "erro", na proporção estrita de seu "alcance" social/institucional. Por mais que deixe de interessar à lingüística, enquanto ciência, a discussão de tais observações (decididamente, difíceis de provar) pode interessar à AD o registro histórico de um tipo de discurso que mobiliza potencialmente "forças", no mínimo, curiosas.

O discurso de humor político parece ser a prova textual/formal da capacidade humana de "brincar" com o sério em uma dimensão não-séria. Esta é, certamente, uma "deixa" para um novo trabalho, mas, entre tantas questões que ficarão sem resposta, elenca-se outra mais: o humor pode ser considerado como "pretexto" para acionar o discurso implícito, em um elaborado jogo de "mascaramento" do sério no não-sério? Claro, não há condições aqui de se organizar respostas, mas também não se pode deixar de apresentar dúvidas que continuam servindo de "pedra no sapato" no caminho das leituras. Pergunta-se: como "ler" uma charge que se constrói sob o modelo do texto nº 10?

Texto nº 10



(Charge, Veja, 04-01-95)

Como classificar este texto? O discurso – enquanto recorte histórico – parece mobilizar-se no plano da crítica, então, funcionalmente, é um discurso político. Que relações estabelecer entre a "fruição" desta leitura e tudo o que se viu acerca do humor? Segundo Propp (1992:18-19), este seria um caso em que o estilo revelaria uma estrutura humorística (charge) de fundo (conteúdo) trágico? Lembrando que Bergson (1987:12-13) entendeu ser possível à emoção negar o riso, este texto inibe qualquer abordagem simplificada. Além disso, aparece em uma classificação da Revista Veja (edição nº 1373, 04-01-95) do Melhor Humor de 1994. Claro que a referência ao termo "humor" alude a todas as considerações levantadas por este trabalho acerca da cristalização do termo em níveis semânticos mais amplos e ainda não delimitados. Não se está pensando apenas em questões pessoais de fruição, mas, pode-se pensar neste texto provocando riso? Parece mais fácil imaginar o contrário, mas tal atitude é por demais empírica – ou não? – para configurar-se digna de nota.

Como explicar a instrumentalização deste humor? Sátira? Parece pouco provável. Ironia? Em um sentido amplo, como se pensou o humor, parece ser possível detectá-la. Segundo Bergson:

"... se enunciará o que deveria ser fingindo-se acreditar o que é. Nisso consiste a ironia."  
(1987:68)

Mas ele faz tal afirmação entendendo que todo processo de "transposição" se dá, mesmo que sutil, sob efeitos cômicos (1987:67-68). O que se pretende questionar é a presença do humorístico (da comicidade) neste texto de Paulo Caruso, ou então, o envolvimento de outros fatores – ainda não identificados – na construção. Possivelmente a ironia só esteja ao alcance de uma leitura refinada e devidamente orientada (conhecimento enciclopédico, informações mais amplas sobre o contexto em que se deu o acidente fatal com o piloto Ayrton Senna) para uma projeção mais refinada ainda ao nível do que está implícito: 1. "Senna foi cruxificado"; 2. "O Brasil chora seu ídolo, nacionalmente"; 3. "Seu carro, foi sua cruz – alguém o 'pregou' nela". 4. "Senna = Jesus Cristo". A ironia não parece estar, então, só nas alusões e implícitos, mas no que se quer descubra "mais-sério". Ainda assim, deseja-se pensar que este texto lança novas luzes – ou sombras? – sobre o que se pretende entender seja a "ironia". Porém, a charge em questão é pensada neste trabalho sob o ponto de vista de sua funcionalidade: funciona politicamente ao chamar para o texto a cooperação do leitor.

Para encerrar as considerações, alude-se ao entendimento sobre o que o trabalho chamou "humor político" e sua relação com as dimensões da esfera social em sentido amplo. Generalizando, deseja-se pensar que todo tipo de humor (classificado por tema ou por função)

terminará por manifestar uma função política, ou seja, social ao ver de Bergson. O que não implica negar um quadro de gradações dentro do próprio humor (nível de ruptura) e da função que exerce: outras funções, mais ou menos abrangentes, podem ser encontradas nos textos do humor, dependendo da leitura que deles se fizer.

## *Conclusão*

Expôs-se neste trabalho "uma" leitura tipológica de textos humorísticos, e uma proposta de caracterização do humor pensado político.

Em nenhum momento decidiu-se por encaminhar a leitura como sendo a única possível. Da mesma forma, não se cogitou comprovar os propósitos específicos do autor-enunciador (humorista) frente às construções promotoras de riso, posto tal empreitada desconsiderar o papel do interlocutor (leitor) enquanto reconstrutor do dito. O que se fez foi cogitar sobre um nível maior de ruptura (catártico-corretiva) provocado pelos textos de humor cujo tema aborda questões políticas em sentido amplo. Contudo, não se diz que seja essa a intenção do humorista ao produzir seu trabalho, mas se diz, isso sim, que tal "fenômeno" – enquanto efeito – é passível de observação, o que ratifica a afirmação de Bergson sobre o riso funcionar como fenômeno de correção social (1987:50). Se se admitir que as produções de humor (quaisquer) podem despertar o riso, admite-se que um "desvio" (defeito, anomalia, quebra da "ordem" pré-estabelecida) veio à tona e é reconhecido como desvio: daí o riso; pode-se cogitar, por consequência que, o riso – enquanto efeito –, potencializara-se no texto, podendo ou não ser acionado (o que já se encontra em direta relação com o "trabalho" exercido pelo interlocutor/leitor, em função de seu conhecimento enciclopédico).

Parece ser muito delicado tentar mostrar o que se pensa seja a conclusão deste trabalho: o texto de humor como resultado de "uma" leitura, um "recorte" já realizado pelo humorista. Qu seja, o humorístico não deixa de ser mostrado em potência pelo autor-enunciador, mas considerando que uma de suas características é a perspectiva de jogo, tem-se o livre arbítrio para seguir ou não o lançar de olhos efetuado pelo humorista, o seu exercício discursivo a partir do lugar que ocupa socialmente

Gostaria de se pensar que, na verdade, o riso, frente às construções de humor, é a prova de que algumas regras foram seguidas e se está a olhar pelo olhar do autor – o quanto mais seja possível aproximar-se desse processo, sem contudo, deixar de olhar com autonomia (que se constitui no trabalho interpretativo) de sujeito constituído.

Estas reflexões novamente trazidas à tona têm a intenção de mostrar a leitura realizada sobre os textos de humor de tema político e de função política – assim considerados pela proposta. Ao se refletir sobre a função política não se afirma que o humorista seja um político "travestido" e que todos os textos de humor revelem-se funcionalmente como tal. Mas sim que, ao decidir pelo desnudamento da ruptura, do desvio, o humorista assume uma decisão política: a decisão de mostrar o que vê como vê. A forma como o faz, recursos que utiliza (gatilhos lingüísticos, estrutura textual, figuras, ou tipo de texto) então seriam tão-somente uma questão de estilo que, por sua vez, reflete a própria subjetividade do autor. E, em mostrando o que vê como vê, joga com a capacidade

interativa do interlocutor/leitor.

O texto de humor parece caracterizar mais facilmente a "colagem" de "script" ou a superposição de metáforas, como que num jogo de esconde-revela, sem a primazia de um texto sobre o outro, o que reforça a visão dialética sobre a formação de sentidos. E, ainda, a relação com um esgar – por mínimo que seja – com o que se pode na enunciação supor seja o "real" ou "factual", ou os represente. Parece ser esta uma outra característica dos textos de humor político: uma relação mais direta com as condições de produção (sociais, políticas, históricas, etc.), enriquecida pelo jogo lingüístico: implicatura, pressuposição, ambigüidade, polissemia, alusão, duplo sentido, etc, etc.) e pela própria materialidade simbólica da língua em seus outros níveis: fonético-fonológico, morfológico, etc.

Assim, a AD serviu de base teórica a este trabalho por considerar o texto como produto de um discurso, configurando-o como um espaço onde se exerce um certo poder, que permite se refaça o caminho de sua produção através de pistas atualizadas pelo sujeito, em um movimento constante de reprodução/transformação.

## ***Bibliografia***

- 1 - ARISTÓTELES. **Arte Retórica Arte Poética**. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Ediouro, (s/d)
- 2 - BACHELARD, G. (s/d). "A lógica não-aristotélica". in: **A filosofia do não**. São Paulo. Abril S.A. Cultural. p. p. 64-81. (Coleção os Pensadores)
- 3 - BAKHTIN - Mikhail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4ª ed., São Paulo, Hucitec, 1988.
- 4 - BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- 5 - BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do Discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Atual, 1988.
- 6 - BAUDRILLARD, Jean, Morin, Edgar, Maffesoli, Michel. **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.
- 7 - BRANDÃO, M. Helena. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: Unicamp, 1989.
- 8 - BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1988.
- 9 - BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: PONTes, 1989.
- 10 - BENVENISTE, E. "Observações sobre a Função da Linguagem na descoberta freudiana", in: **Problemas de Linguística Geral**, São Paulo, Cia Editora Nacional e EDUSP, 1976.
- 11 - BERGSON, H. **O Riso - ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- 12 - BERNARDO, Gustavo. **Redação Inquieta**, 3ª ed., Rio de Janeiro: Editora Globo, 1988.
- 13 - CÂMARA, Jr. J. M. (1961) "Considerações sobre o Estilo", in: **Dispersos**, Rio: Fundação Getúlio Vargas, pp. 133-41.
- 14 - CASTRO, E. de Moura. **Psicanálise e Linguagem**. São Paulo: Editora Ática. Série Princípi

os. 1986.

- 15 - CASTRO, Rui. **O amor de mau humor**. Uma antologia de frases venenosas sobre a relação homem mulher. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- 16 - CLASTRES, P. "Do que riem os índios?" in: **A sociedade contra o Estado**. RJ: Livraria Francisco Alves, 1978.
- 17 - CERVONI, Jean. **A enunciação**. S. P: Ática, 1989.
- 18 - CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 3ª edição, São Paulo: Ática, Série Princípios, 1988.
- 19 - COHEN, Jean. **Estrutura da Linguagem Poética**. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 20 - COHEN, Jean. **Pesquisas de Retórica**. Petrópolis, Vozes, 1975.
- 21 - COURTINE, J. J., HAROCHE, Claudine. "O homem perscrutado. Semiologia e antropologia política da expressão e da fisionomia no séc. VXII ao séc. XIX". Trad. Laís Ribeiro Romano. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli, GUIMARÃES, Eduardo, COURTINE, J. J., et al. **Sujeito e Texto**. São Paulo: EDUC, Série Cadernos PUC, 1988.
- 22 - COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo**. S. P: Ática, 1991.
- 23 - DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Trad. Carlos Eduardo Reis, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- 24 - DUCROT, O. **Princípios de Semântica Lingüística, dizer e não dizer**, São Paulo: Cultrix, 1977.
- 25 - DUCROT, O. **O dizer e o dito**, Campinas: Pontes Editores, 1987.
- 26 - ECO, Humberto. **A estrutura ausente**. Trad. P. de Carvalho, São Paulo: Perspectiva/ EDUC, 1979.
- 27 - ECO, Humberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**, S. P: Ática, 1991.
- 28 - ECO, HUmberto. (1979). **Lector in fábula**. São Paulo: Perspectiva. 1986.
- 29 - FRANCHI, C. "Linguagem: atividade constitutiva", in: **Almanaque**, 5, São Paulo, Brasiliense, pp. 9-27.
- 30 - FREUD, S. (1905) **Os chistes e a sua relação com o inconsciente**. Rio: Imago Editora, 1977.
- 31 - FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 2. ed., S. P: Ática, 1990.

- 32 - FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio: Forense - Universitária, 1986.
- 33 - FOUCAULT, M. "Não ao sexo rei", in: **Microfísica do Poder**. Rio: Graal, pp. 229-42.
- 34 - GALLO, Solange Leda. **Discurso da Escrita e Ensiuo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- 35 - GERALDI, J. W. "Tópico - Comentário e orientação argumentativa." In: ORLANDI, E. Pulcinelli, Possenti, Sírio, GERALDI, J. Wanderley et al. **Sobre a estruturação do discurso**. Campinas: EL/UNICAMP, 1981.
- 36 - GERALDI, J. W., ROMUALDO, Jonas de Araújo, Osakabe, Hakira et al. **A interlocução no debate político**. Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL), São Paulo: FAPESP, n VII, 1983.
- 37 - GERALDI, J. W., GUIMARÃES, E. R. J. E Ilari, R. (1985). Operadores de argumentação e diálogo", in: **Cadernos de Estudos lingüísticos**, 9, Campinas, IEL - UNICAMP, pp. 143-57.
- 38 - GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- 39 - GOEPPERT, Sebastian, Goeppert, Herma C. **Linguagem e Psicanálise**. Trad. Otto Erich Watter Maas. São Paulo: Cultrix, 1980.
- 40 - GUIMARÃES, Eduardo R. J. "Polifonia e Tipologia Textual". in. Fávero, Leonor L. Paschoal, Mara S. Z., Beaugrande, Robert Alain de, et al. **Lingüística Textual: Texto e leitura**. São Paulo: EDUC - PUC - S.P., Série Caderno PUC - 22, 1986.
- 41 - KNEIPP, Maria Auxiliadora R. "Era uma vez um cruzado". in: PONTES, Eunice. **A Metáfora**. São Paulo: Edit. da UNICAMP, 1990.
- 42 - KOCH, Ingedore G. Villaça. "Argumentação e autoridade politânica". Grupo de estudos lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL) VII Anais de seminário GEL, São Paulo: FAPESP, 1983.
- 43 - KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e linguagem**. 2º ed., São Paulo: Cortez, 1987.
- 44 - KUPSTAS, Márcia (org.) **Sete faces do humor**. 2ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1992.
- 45 - MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. São Paulo: Pontes, 1989.
- 46 - MANNONI, O (1969) **Chaves para o imaginário**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- 47 - NETO, Alfredo Naffah. **O inconsciente**. Um estudo crítico. S. P.: Ática, 1985.
- 48 - ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. São paulo: ed.

UNICAMP, 1993.

- 49 - ORLANDI, E. P., GUIMARÃES, Eduardo R.J., COURTINE, J. J. et al. **Sujeito e texto**. São Paulo: EDUC, Série Cadernos PUC, nº 22, 1988.
- 50 - ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2ª edição, rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987
- 51 - ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez Editora, Editora da UNICAMP, 1988.
- 52 - ORLANDI, E. P. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989
- 53 - ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.
- 54 - OSAKABE, H. (1979a) **Argumentação e Discurso político**, São Paulo: Kayrós.
- 55 - PARRET, Herman. **Enunciação e Pragmática**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi, Campinas: UNICAMP, 1988.
- 56 - PECHÊUX, M. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1990.
- 57 - PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- 58 - POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- 59 - POSSENTI, Sírio. **Pelo humor na lingüística**. D.E.L.T.A., Vol. 7, nº 2, 1991.
- 60 - POSSENTI, Sírio. **Revista de documentação de estudos em lingüística teóricas e aplica da**. DELTA Vol. 7. ° 2, 1991
- 61 - PONTES, Eunice. (org) **A Metáfora**. São Paulo: Edit. da UNICAMP, 1990.
- 62 - PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo. EDUSP, 1984.
- 63 - PRETI, Dino. **A linguagem proibida - um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1984.
- 64 - PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**, S.P: Ática, 1992.
- 65 - REYES, Graciela. **Polifonia textual**. La citación en el relato literario. Biblioteca românica hispânica, Editorial Gregos, Madrid, 1984.
- 66 - SACKS, Sheldon (org) **Da metáfora**. São Paulo: Pontes – EDUC, 1992.
- 67 - SANT'ANA, Afonso Romano de. **Paródia, Paráfrase e Cia**. São Paulo: Série Princípios, nº 1, 1985.

- 68 - SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**, 4. ed., São Paulo: Cultrix, 1972.
- 69 - SOUZA, Tárík de. HENFIL. **Como se faz humor político**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes. Coleção Fazer. 1984.
- 70 - VALLEJO, A. & MAGALHÃES, L. C. (1981) **Lacan: Operadores de leitura**, São Paulo: Perspectiva.
- 71 - VASQUES, E. Adão, Canini, Iotti, Iuska, Veríssimo, L. F., Moa, Ronaldo, Sampaulo, Santiago, Uberti. **Separatismo – Corta Essa!** São Paulo: L & PM Editores, 1993.
- 72 - VOGT, Carlos. **Linguagem, Pragmática e Ideologia**. São Paulo: Hucitec, Campinas: Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP, 1980.
- 73 - WOLF, José Roberto. **Sonho e loucura**. S. P: Ática, 1985
- 74 - ZOPPI – FONTANA, Mônica G. "Los gritos del silêncio. La voz del otro en el discurso autoritário". Cuadernos del instituto de Lingüística. **Análisis sociolingüística del discurso político**. Buenos Aires: Instituto de Lingüística, Faculdade de Filosofia y Letras, Universidade de Buenos Aires, ag. nº 2, 1987